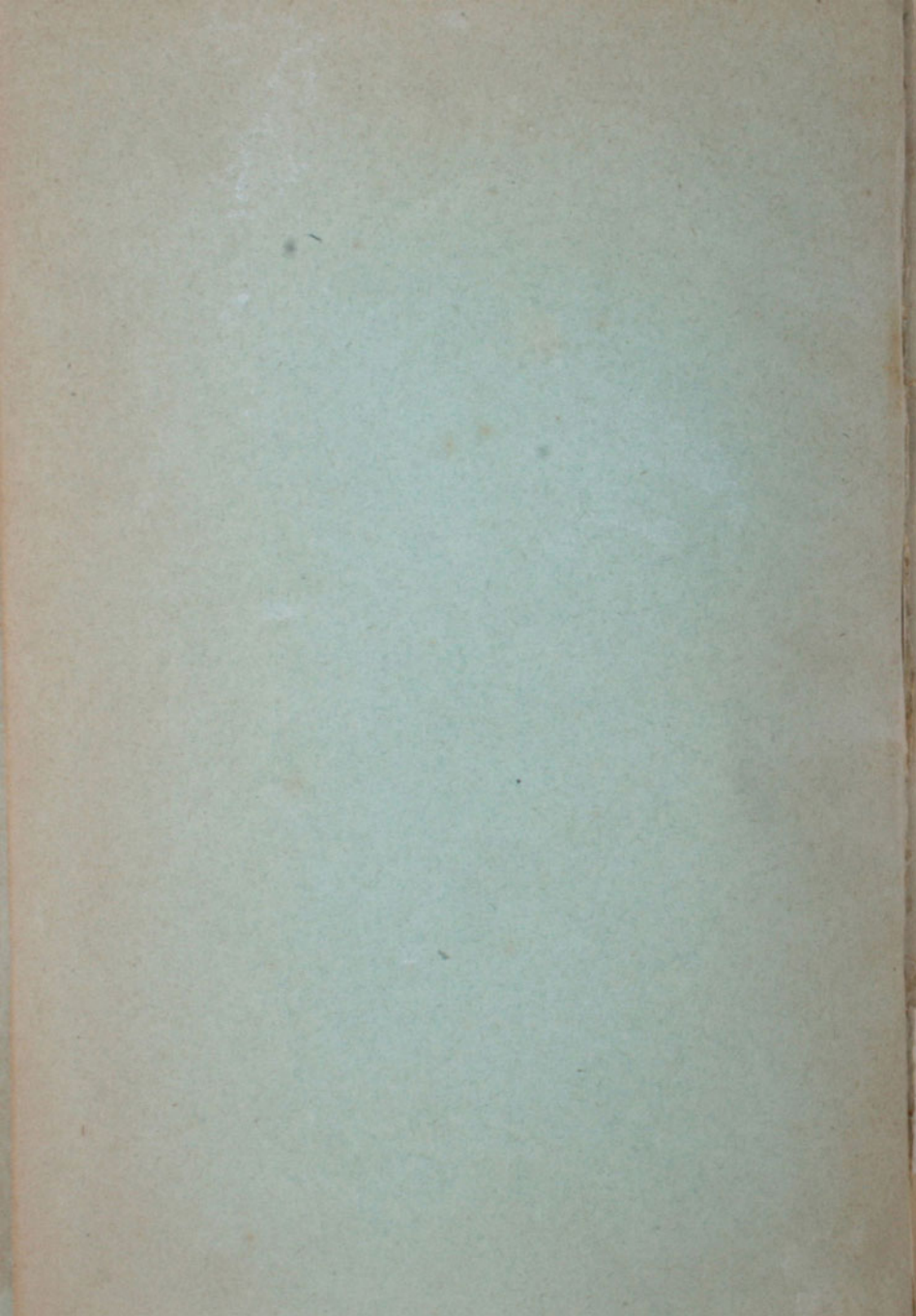


LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA & OLIVEIRA L^{da}
LIVRARIA, IMPRENSA,
ENCADERNAÇÃO



132 RUA AUREA 136
LISBOA

Alexander Search.



A MORTE DE D. JOÃO



Guerra y Paz

MARIA JUNQUEIRO

A MORTE

DE

JOÃO

EM 18 DE ABRIL DE 1854

EM 1854

EM 1854

EM 1854

143



Guerra Juncos

GUERRA JUNQUEIRO

A MORTE
DE
D. JOÃO

7.^a edição, emendada e com o retrato do auctor



LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54

1903

Officinas Typographica e de Encadernação, movidas a vapor

Rua dos Correios, 70 e 72, 1.^o

A' MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

E' para vós este prologo, dignos e honrados chefes de familia.

Vós tendes mulher e filhos a quem de quando em quando daes a lêr um romance, um drama, um poema, em summa — um livro de recreio, uma obra d'arte.

Como bons cidadãos, e ao mesmo tempo, sem o saberdes, como bons criticos, a primeira condição que exigis a esses livros é que sejam honestos. Mas, como não tendes nem educação litteraria, nem tempo, nem paciencia para analysar o character e o estylo d'um escriptor, recorreis para esse fim á vossa gazeta, ao cura, a um sobrinho amanuense e poeta lyrico, a um desembargador vosso conhecido, ou ao velho e respeitavel conselheiro homem de

letras, que costuma ao domingo abrilhantar o vosso *chá* com a sua commenda de Jesus Christo e a sua auctoridade de academico.

Quando, ha anno e meio, appareceu este livro, as vossas filhas, vendo-o annuciado nos jornaes, quizeram lel-o.

O meu nome já vos não era estranho ; tinheis uma vaga e terrivel desconfiança ; fostes, pois consultar, segundo a vossa phrase pittoresca os *homens entendidos*. Esses homens disseram-vos coisas horrorosas. Prohibistes a entrada do poema no lar domestico. Os sacristães da *moralidade* tocaram a rebate no carrilhão das *conveniencias* hypocritas. Correram as bombas cheias de agua benta para apagar o incendio, isto é — o livro, e estabeleceu-se á roda d'elle um zeloso cordão sanitario, o que não impediu que se vendessem rapidamente 1:200 exemplares.

Foi, pois, assim, ó meus carissimos inimigos, que formastes a respeito d'estes versos uma opinião calumniosa, que pôde traduzir-se, pouco mais ou menos, nos seguintes termos :

— A *Morte de D. João* filia-se n'um genero de poesia, cujos assumptos, tratados em artigos de fundo, seriam excellentes.

As especulações scientificas nada tem de commum com os devaneios poeticos.

As lyras não se fizeram para cantar Direito Publico ou leccionar Economia Politica. As questões sociaes são effectivamente importantissimas, mas nem é a cithara que as resolve, nem são os alaúdes que as devem discutir.

Chorar, crêr, amar — eis o triangulo luminoso dentro do qual está encerrado o destino do poeta.

O trovador deve ser uma especie de ignorante divino, de sublime analfabeto, vivendo fóra d'esta realidade prosaica nos mundos vaporosos do sonho, do extasi e do mysterio.

E, ai d'elle, se um dia morder os fructos venenosos da sciencia! Ai d'elle, se baixar os olhos lacrimosos das regiões sublimes para os lançar aos tremedaes onde se revolve a miseria, a crápula, o formigueiro dos vicios!

Desde esse momento o poeta, o anjo, que arrancava da lyra as canções dulcissimas e plangentes, ficará sendo apenas um energumeno rhetorico sovando á golpes de alexandrinos o zabumba das philantropias sociaes.

A escoria do publico, a multidão instinctiva e ordinaria, poderá encher a barraca d'esses pantomimeiros litterarios e applaudir-lhes a musica barbara e charlatanesca, mas no entanto as almas finas e delicadas, que teem dentro de si, como uma fiôr ideal, o sentimento do Bello, essas preferem e hão de preferir eternamente as harmonias consoladoras e voluptuosas d'uma cithara lamartineana ás bordoadas epilepticas dos tamborileiros revolucionarios.

E a *Morte de D. João*, que pertence a esta escola repugnante e detestavel, é ainda, além d'isso, ó paes de familia! ó donzellas honestas! um livro obsceno, um livro immoralissimo. Tem versos, tem paginas, que uma senhora virtuosa de fórma alguma poderia lêr.

Deve evitar-se este poema, como se evitam as ruas im-

mundas cheias de meretrizes. Ha n'elle passagens indecorosas onde a brutalidade da expressão ultrapassa todos os limites do descaramento. Não é uma obra d'arte : é um cano de esgôto.

O auctor é inimigo de Deus, da familia, da sociedade. Canta com enthusiasmo coisas que um medico tem nojo de examinar com o escalpello. Mostra predilecção por tudo o que é feio, por tudo que é sordido. A's vezes, dentro d'uma quadra ha mais lepras que dentro d'uma enfermaria d'um hospital.

Em fim, a *Morte de D. João* é uma impudencia desenfreada : lodo e petroleo.

Eis a accusação.

Agora a defeza :

— Primeiro que tudo, meus caros senhores e inimigos, tratarei de vos provar o mais clara e logicamente que me seja possivel, que a poesia moderna deve ter um caracter scientifico.

A poesia é a *verdade* transformada em *sentimento*.

A lei descoberta por Newton tanto pôde ser explicada n'um livro de physica, como cantada n'um livro de versos. O sabio analysa-a, demonstra-a e o poeta, partindo d'essa demonstração, tira do facto todas as consequencias moraes, sociacs e religiosas, traduzindo-as n'uma fórma sentimental.

A sciencia n'este caso dá o convencimento, a certeza ; a poesia dá a emoção, o enthusiasmo.

O que é a *Legende des Siècles* senão a synthese poetica d'um certo numero de verdades historicas?

O que é o *Fausto* senão a psychologia humana dramatisada?

Um grande problema politico ou economico fornece egualmente o assumpto d'um tratado, ou o assumpto d'uma ode, pela mesma razão por que d'um bloco de marmore se pôde fazer o patamar d'uma escada ou a Venus de Milo.

Não quero dizer, é claro, que todas as verdades scientificas sejam poeticas, mas sim unicamente aquellas d'on-de se podem deduzir, por meio das faculdades imaginativas, as concepções mais bellas e grandiosas.

Ora, sendo a verdade a base da poesia, segue-se que esta será tanto mais elevada quanto maior fôr o adiantamento das sciencias.

Póde, é certo, no seculo XIII apparecer um poeta cujo talento seja maior que o de todos os poetas do seculo XIX. Mas, no entanto, o nosso seculo fornece ás imaginações assumptos artisticos muitissimo superiores aos de qualquer seculo precedente. Que haja quem os execute é um ponto secundario. A questão é que elles existam.

Eu exemplifico :

Tomemos o oceano como o objecto d'um poema. Se esse poema fôr feito ha mil annos, abstrahindo do auctor, como assumpto não poderá certamente comparar-se com egual poema feito em 1876. O mar, para o poeta do anno de 800, seria simplesmente um abysmo habitado por deu-

ses, monstros e ficções creadas pelo receio e pela ignorancia, emquanto que para o poeta do nosso tempo seria um mundo extraordinario povoado de milhões de milhões de seres, cheio de luctas, de vida, de tragedias, com as suas marés que se explicaram, com a sua profundidade que se mediu, com as suas correntes, as suas leis, os seus phenomenos, em summa, com todas as descobertas maravilhosas das sciencias modernas.

Qual é mais poetico e mais sublime, Neptuno dentro d'uma concha puxado por cavallos marinhos, ou o homem descendo com uma lampada na mão ás maiores profundidades do oceano?

O poeta tem, pois, obrigação de ser um homem do seu tempo. E' necessario que as suas odes, isto é, que o seu sentimento esteja exactamente paralelo aos resultados scientificos.

E não se diga que ha assumptos eternos e immutaveis — como as arvores, os astros, as flôres, emfim, como todas as coisas naturaes e todos os sentimentos affectivos. Não: a sciencia, pelas suas constantes descobertas, vae nos dando todos os dias um modo inteiramente differente de encarar a natureza e de comprehender o universo.

As arvores e as flôres já não são coisas inertes e brutas: vivificaram-se, espiritualisaram-se. Teem sangue, arterias, respiração, e, algumas d'ellas, é extraordinario! quasi que teem nervos. Descobriu-se a sua influencia efficaaz sobre a chuva e sobre os climas, e os phenomenos

curiosissimos da sua fecundação, da sua vida, dos seus amores.

Cantem, pois, a madre-silva e as rosas, os prados florescentes, as aguas, os montes, a primavera, cantem emfim a natureza, mas interpretando-a pelos resultados da sciencia, que a tornam mais bella e mais poetica, e não copiando uma serie de tropos infantis e de madrigaes adocicados, que já nada querem dizer e nada representam.

A nossa epoca é uma epoca de analyse, de critica, d'observação, e a poesia, como todas as artes, ha de infalivelmente obedecer a essa tendencia irresistivel.

Mas já vae longa a resposta e ainda me não defendi, leitores, da accusação mais importante, d'aquella que me obrigou a escrever e dedicar-vos estas linhas: a accusação de immoralidade.

Já se não trata de saber se sou bom metrificador; trata-se de averiguar se sou bom homem. Desapparece o artista para dar logar ao cidadão.

Dizem que escrevi um livro obsceno, isto é, que pratiquei um acto reprehensivel. Antes de me condemnarem, ouçam-me:

O assumpto do meu poema é a corrupção e libertinagem d'uma parte da sociedade, corrupção manifestada na litteratura desde o idealismo ingenuo e dissoluto do Raphael de Lamartine, até ao realismo descarado e vil dos escriptores do segundo imperio.

Incarnei em D. João a synthese d'esta ideia, terminan-

do por o fazer morrer a pedir esmola, coberto de chagas e de vermes, no esterquilinio, como um malandro ignobil.

E queres que te diga, ó honradissimo burguez, quem era no fim de contas esse devasso celebre — D. João?

E' aquelle que tu tens visto entrar pela janella, ás duas horas da noite, no quarto da filha do teu vizinho.

E's casado? Amas tua mulher? Ella é bonita? Mau!... A mulher é essencialmente fraca, nervosa, imaginativa... Depois, repara bem, tu tens calos, tens um joanete hediondo, vestes mal, e, francamente, desculpa-me, tu não és bonito.

D. João, pelo contrario, é um rapaz galante e formosissimo, joga as armas, tem espirito, monta a cavallo, e possue, como Satanaz, o diabolico privilegio de tomar todos os disfarces, todos os aspectos, para melhor seduzir as creaturas adoraveis, as quaes creaturas podem muito bem ser ou a tua mulher ou as tuas filhas.

Lembras-te ainda d'aquelle janota de bigode insolente que uma vez, no theatro, começou a lançar para a tua esposa uns olhos pretos, magnificos, cheios de tentações e voluptuosidades? Lembras-te, sim. E apezar de teres uma confiança illimitada em tua mulher, que é um anjo, sahiste no entanto precipitadamente antes de acabar a representação. Fizeste bem... Sabes quem era esse rapaz? D. João.

Tinhas em casa, ha tempos, uma creadita de 18 annos, fresca, rosada, appetitosa. Veiu um alferes de cavallaria e levou-a. Sabes como se chamava o alferes? D. João.

Lêste n'um periodico que um cura da provincia se-
duziu escandalosamente uma menor. Ficaste indignado.
Queres saber o nome d'esse padre? O reverendo D.
João.

Hão de ter-te dito que existem umas ruas (ruas que de
certo não frequentas) para onde a moralidade publica
atira um sem numero de creaturas perdidas, como se atiram
as immundicies para um cano de esgoto. Sabes quem foi
que as perdeu? D. João.

Pois bem. Eu, depois de ter morto este patife legenda-
rio, em vez de receber um premio, como acontece a quem
mata um lobo, recebi apenas os vossos melhores insultos
e a vossa mais profunda antipathia. E, no fim de tudo,
eu condemnei por immoral, exactamente o que vós con-
demnaes.

Disseram-vos que no meu livro existem phrases e pa-
lavras d'uma nudez absoluta?

Não vos enganaram. Lá está tudo isso, e não o retiro,
nem o emendo.

Mas são expressões indecorosas, são indecencias, que
uma pessoa honesta não deve lêr! exclamaes vós com
uma ferocidade ingenua e uma indignação apopletica.

Socegae e ouvi.

Ha duas especies de pudor: o que nasce da ignorancia
e o que nasce da dignidade; o pudor da menina e o pu-
dor da mulher.

Não aconselho a ninguem que dê a lêr a uma rapariga
de nove annos, nem a *Morte de D. João*, nem romances,

nem dramas, nem comedias, nem o Novo, e sobretudo, nem o Velho Testamento.

N'este ultimo, e é um livro sagrado, ha passagens tão nuas e tão cruas que, attendendo ao derramamento da instrucção em Portugal, nem em latim, nem mesmo em hebraico, ousarei transcrevel-as.

Condemnando pois os meus versos, condemnaes egualmente o livro das vossas crencas, a *Biblia*.

Se a tua filha tem nove annos, compra-lhe livros instructivos e agradaveis, ensina-lhe linguas, geographia, principios de historia natural; de arte, só musica, e essa pouca e boa. A arte é um excitante poderosissimo que transtorna e desequilibra uma organisação melindrosa. Não se dá um poema a uma creança, pelo mesmo motivo porque se lhe não dá uma garrafa de vinho ao jantar.

Com a mulher já não acontece o mesmo. A mulher illustrada e virtuosa póde lêr, sem córar, a *Morte de D. João* ou o propheta Isekiel. Os unicos livros que a devem offender são os que conduzem ao adulterio e ao sensualismo e não aquelles, que, como a *Morte de D. João*, combatem violentamente tudo isso. Eu sou brutal? Tambem o é o ferro em braza em cima d'uma chaga. E' a brutalidade necessaria. E vós preferis a chaga ao cauterio, preferis a poesia lasciva, corrupta, idealista, á poesia sã, á forte poesia revolucionaria.

A verdade não conhece periphases; a justiça não admite reticencias.

Se quereis que um certo numero de palavras não firam

os vossos olhos ou os vossos ouvidos, comece a trançar a *Biblia*, cortar os dictionarios e riscar da doutrina christã um peccado escandaloso — a luxuria.

E' incomprehensivel! Esgotaes os livros de Belot, levaes a vossa familia aos *can cans* obscenos, ás operetas irritantes, ás comedias afrodisiacas, cujos gracejos impudentes applaudis e sublinhaes com gargalhadas satisfeitas, e fechaes ao mesmo tempo as portas da vossa estante a quem teve a audacia indesculpavel de castigar severamente todas essas libertinagens litterarias.

Eu é que sou o demagogo? eu é que sou o petroleiro? Pois bem, respondi-me ao seguinte:

Se fordes por uma rua, conduzindo vossa mulher pelo braço, e se chegar ao pé de vós um individuo que lhe diga: — Minha senhora, os seus olhos são negros como a noite e a sua bocca vermelha como as rosas, o seu pé é pequeno e o seu talhe é esbelto: não se me dava de encostar por um momento a minha fronte pallida e calcinada na onda voluptuosa dos seus seus seios — o que farieis vós n'este caso a esse individuo? Responderieis peremptoriamente, quebrando-lhe uma bengala nas costas. E no entretanto os albuns que adornam a mesa da vossa sala de visita estão cheios d'essas insolencias libidinosas, com a differença de serem metrificadas e terem por baixo a assignatura de qualquer poeta illustre a quem vós dedicaes os maiores affectos e a maior consideração.

Os poetas sentimentalistas cantam trezentas meninas n'um livro de duzentas paginas, menina e meia por pagina, e sendo essas meninas as vossas-irmãs, as vossas filhas e as vossas esposas (porque eu não posso acreditar que taes declarações sejam feitas a meretrizes), os bardos dizem-lhes coisas de tal modo indecentes, que, se fossem pronunciadas no meio da rua, seriam presos pela policia; e, apesar d'isso, vós admittis esses trovadores nas vossas salas, o estado condecora-os e a sociedade applaude-os.

Ora, de duas uma: as confissões amorosas que constam d'esses livros ou são verdadeiras ou falsas. Se são verdadeiras, isso equivale a uma confissão do réu, e portanto o poder judicial que proceda: levem Apollo á policia correccional; se são falsas, então n'esse caso revelam uma especie de nymfomania platonica e litteraria que vós deveis expulsar para sempre das vossas memorias, das vossas estantes e dos vossos pianos.

Não quero com isto dizer, cumpre declalar-o, que taes poetas sejam perversos e ineptos.

Pessoalmente podem ser uns cavalheiros, optimos maridos e excellentes chefes de familia, porque todos os amores e aventuras de que se gabam em verso são, quero crel-o, simples e ingenuos caprichos litterarios.

Da mesma fórma *como artistas*, podem executar admiravelmente os seus poemas, com brilhantes imagens, rimas excellentes, versos magnificos, em summa com o maior colorido e a maior opulencia de imaginação; e te-

rem, apesar do seu ponto de vista falso e deleterio, um talento infinitamente superior ao de outros poetas cujo ideal seja inteiramente justo e cujos versos sejam inteiramente detestaveis. Musset, com toda a sua libertinagem, é, e ninguém o contesta, um dos primeiros poetas d'este seculo.

No entanto para uma obra ser perfeita é necessario, que além de bem executada, seja honesta.

Se a justiça condemna a devassidão na sociedade, porque não ha de condemnal-a nas phantasias rimadas dos poetas? Se o direito castiga quem seduziu uma virgem, porque não ha de castigar o trovador, confessando elle que tem seduzido muitas? Se não se permitem serралhos na sociedade, porque se hão de permittir na litteratura?

Além d'isso a arte, especialmente a poesia, tem uma acção directa na vida e nos costumes.

Quantos adulterios, prostituições, nevroses, phthisicas, emfim, quantos escandalos e quantas doenças não têm sido produzidas desde 1830 pela sentimentalidade doentia do romantismo desgrenhado e piegas?

E', pois, unicamente debaixo d'este ponto de vista, que declaro que taes poetas são immoraes e dissolutos e que a *Morte de D. João*, que póde ser um livro mal escripto, é, no entanto, e primeiro que tudo, um livro honesto, um livro honrado.

Senão disse-me: Qual é a base fundamental de toda e qualquer sociedade? A familia. O que é que esses poetas

aconselham nos seus livros? A devassidão idealista, a prostituição do matrimonio, a desordem moral, emfim, o amor demagogo, o amor livre.

Por conseguinte são elles os anarchistas, os impios, os petroleiros, e eu, que os condemno, o amigo da ordem, o auctoritario, o conservador.

Guerra Junqueira.

INTRODUÇÃO

Eu era mudo e só na rocha de granito.
Por sobre a minha fronte a sombra do infinito,
Em volta a solidão, e o mar junto a meus pés
Cantando um hymno igual aos hymnos de Moysés.
Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim:
Negra como o terror, triste como Caim.
A abobada celeste, ameaçadora e bruta,
Tinha o jar concentrado, o ar de quem escuta.
A treva, espião de Deus, immensa, indefinida,
Vinha apagar a luz para espreitar a vida.

Sentia-se um olhar n'aquellas sombras mudas :

O olhar da consciencia interrogando Judas.

Silencio sepulchral! mudez profunda e calma!

✓ Fechavam-se, tremendo, as petalas da alma.

Corria pelo espaço um negro magnetismo. . .

E os vagalhões do mar no monstruoso abysmo

Contavam entre si, frementes, soluçantes,

As mortes dos heroes e as luctas dos gigantes.

E eu triste contemplava os pelagos medonhos,

O surdo revolver dos monstros e dos sonhos.

O' murmuroso oceano, ó vivo cemiterio,

E's a noite do assombro, a noite do mysterio.

Ao crebro latejar das tuas pulsações

Abrasam-se de fogo as bocas dos vulcões.

A vaga redemoinha, e surge um continente

Quando arrancas do peito algum soluço ingente.

Que forças colossaes, magneticas, estranhas!

Quem géra dentro em ti as ilhas e as montanhas?

Teu ventre maternal a trasbordar d'amor

Quem é que o fecundou, teu ventre abrasador?

Que povo mysterioso, indomito, infinito

Transforma a tua agua em rochas de granito?

Onde reside, ó mar, teu vasto coração?

Quaes são as tuas leis? quem deu a inspiração

A's correntes febris, ao turbilhão profundo
Que vae de polo a polo e vae de mundo a mundo?
Tens uma alma, tens, negro leão convulso!
Que eu bem sinto bater o sangue do teu pulso,
Bem sinto murmurar no abysmo subterraneo
As vozes do teu peito e as luctas do teu craneo.

Scismava eu assim; meus doidos pensamentos,
Mais negros do que o mar, mais livres do que os ventos,
Lançavam-se febris, como animaes selvagens,
Nos sonhos, no terror, nas pallidas voragens
Do circulo fatal chamado a morte e a vida,
× Floresta sem entrada e mundo sem sahida.

✓ Lancei o meu olhar pelo horisonte escuro,
E vi tremeluzir clarões fosforescentes;
Talvez um animal já pôdre, no monturo:

Era a cidade immensa, a meretriz das gentes.

E então julguei ouvir os gritos das gehenas,
O rabido estertor das velhas saturnaes,
E vêr as cortezãs, famintas como hyenas,
Torcerem-se febris nos leitos sensuaes.

Vi lampear na treva a flammula das lanças,
Rugir como chacaes irmãos contra os irmãos,
E ouvi a soluçar as pallidas creanças
Cruzando sobre o peito as pequeninas mãos.

Nos robles da floresta athleticos, hirsutos
Vi corpos semi-nus e tabidas caveiras
Suspensas sobre o ar, como vermelhos fructos
Postos para banquete ás aguias carniceiras.

Eu vi as tres irmãs — a fome, a peste e a guerra —
Batendo em noite escura ás portas de um bordel.
Senti sob os meus pés estremecer a terra
E bramir na amplidão a voz de Izequiel.

E n'isto o céo tornou-se aberto e transparente ;
E a lua, a lua triste, envolta n'um sudario,
Apparece a tremer silenciosamente,
Branca como Jesus na noite do Calvario.

E o mar, o vasto mar, profundo e soluçante,
Vendo surgir da lua o pallido fulgor,
Arqueia enormemente o dorso triunfante,
Como um leão raivoso em convulsões d'amor.

Arqueia o dorso enorme, eleva-se ás montanhas,
Tomba sobre si mesmo em rude cataclysmo,
Arranca mil trovões das rabidas entranhas,
Levanta-se outra vez, cáe outra vez no abysmo.

E eu disse dentro em mim: — Que portentosas maguas
Te fazem levantar a tunica das aguas,
Cyclopico gigante? A branca luz do luar
Que influencia terá sobre o teu peito, ó mar,
Que andas como o rei Lear, pallido, desgrenhado,
Nas tristes solidões do abysmo illimitado
Rugindo, soluçando um chôro doido, enorme,
Emquanto o teu amor silencioso dorme
No firmamento azul! Que athletica paixão
Te arde no craneo, diz. Teu rude coração
Porque brame d'amor, se despedaça, estoira.
Quando um raio de luz acaricia e doira
A tua juba, ó monstro? Ah! ideal, ideal!
E's a concentração da força universal
Irradiando o trabalho, a vida, o movimento.
O' abysmo do mar, o mar do pensamento
Tambem tem como tu a mesma tempestade:
As tres luas do Bem, do Bello e da Verdade

Também fazem rugir seus vagalhões profundos,
Levantam-n'os ao céo, esses tres grandes mundos,
Para os deixar cair como tu cáes, oceano!
 E, apesar d'isso tudo, o pensamento humano
 Nem nunca descançou, nem ha de descançar;
 Ha uma voz que lhe diz: — Luctar! luctar! luctar!
 Por mais que, alguém te brade: — «Aquatico gigante,
 Tu não pódés beijar a face á tua amante;
 Não revolvás no leito os teus heroicos flancos,
Não estoires na praia os teus soluços brancos, ✓
 Não queiras attingir a luminosa flôr;
 Dorme!... » não dormirás, ó velho luctador.

.....

 E então eu vi surgir das bandas do levante,
 Pallida e virginal como a Beatriz do Dante,
 Uma visão radiosa. A luz do seu olhar
 Tinha as scintillações magicas do luar,
A olympica frescura, os mimos transcendentés
D'um céo de primavera. As curvas das serpentes,
 A graça genial das Venus florentinas,
 As fórmas da palmeira, o talhe das ondinas,

Tudo o que é puro e nobre e fugitivo e suave
— Desde o collo d'um cysne ao canto d'uma ave —

Nada d'isto traduz as languidas doçuras,
As linhas immortaes, aveludadas, puras,
Do seu corpo divino. Approximou-se, e então
Poisou sobre o meu hombro a sua nivea mão,
E com voz musical, translucida, impollúta,
Ella me disse :

«O' filho, ó meu amante, escuta :

Que pensamentos maus, fantasticos, insanos
Fazem murchar a flôr dos teus vinte e dois annos,
Como folhas do outomno extinctas sobre o pó?!
Um rosario de luz! vinte e dois annos só!
Para longe a tristeza e para longe as maguas!
Levanta o teu olhar do turbilhão das aguas
E lança-o pelo espaço harmonioso e vago.
Se a terra é um grande mar, o céu é um grande lago.
A vida para vós, espiritos suaves,
E' fresca como o linho e pura como as aves.
E' como um beijo ideal feito de cousas mansas:
Scintillações de luz e risos de creanças.
Sois o povo de Deus, o povo dos eleitos;
Trazeis, sem o saber, dentro dos vossos peitos,

Dentro do coração bem arejado e vasto
O amor — o sempre grande, o amor — o sempre casto.
A dôr, a meretriz, a negra irmã da morte,
E' a grilheta vil chumbada pela sorte
Ao pé da humanidade — esse immortal forçado ;
Vós sois filhos do céo, filhos do mundo alado.
A vossa alma, alegre, esplendida, sonora,
Deve ser para a terra uma segunda aurora ;
Ser como um véo de noiva, um manto de rainha,
Ser grande como Deus, leve como a andorinha.
Não mergulhes em pranto a flôr da mocidade. . . »

— « Quem não ha de chorar, ó musa, quem não ha de !
O amor, a abnegação — immaculado altar —
Os peitos dos heroes mais brancos que o luar,
As almas virginaes, almas alegres, claras,
Brilhantes como o sol, fecundas como as searas,
A graça juvenil, a intima frescura,
A robusta velhice harmoniosa e pura,
O genio primitivo, o genio do ideal,
Almas feitas de bronze e feitas de crystal,
A vasta communhão — abençoado orvalho —
Os martyres da fé, os santos do trabalho,

E enfim a natureza — o grande paraíso —
Doce como um perdão, casta como um sorriso,
Tudo tremeu, tombou na immensa ruínia!
Fugiu do peito humano a aguiá da alegria.
Se ólho em volta de mim, se paro, se contemplo,
Vejo abrir um bordel dentro de cada templo,
São cheios os quarteis, repletas as egrejas.
Os ebrios histriões e as ebrias colarejas
Cantam nas espiraes do fundo sorvedeiro.
Cada corpo gentil vale um punhado d'oiro.
O amor é uma palavra. A consciencia é morta.
Não existe o dever. Fechou-se a larga porta
Que deita para a luz, que dá para o futuro;
Ha em volta da terra um tenebroso muro.
O sceptro da justiça é o sceptro do crime:
Duro como um cutello e fragil como um vime.
Nos esgôtos da vida — as rodas, os hospicios —
Fermenta noite e dia a rubra flôr dos vicios.
O mundo agonisante, assim como um quartel,
Olha para a taberna, abre para o bordel.
São dois os generaes — soldado e jesuita:
E' o vicio bifronte, o vicio hermaphrodita.
E' um mundo que ri e um mundo que essassina:
Os guizos do jogral e as trevas da batina.

E o povo... o povo é rei! E' rei, como Jesus,
Para beber o fel, para morrer na cruz.»

— «Socéga, poeta; em breve a fresca luz do dia,
Casta como os heroes, loura como a alegria, ✓
Virá engrinaldar de canticos e flôres
Os vossos corações, ó tristes sonhadores,
Que andaes por este mundo em busca do Ideal.
A aurora é um anjo bom, antipoda do mal.
Ella é feita de amor, de purpuras brilhantes,
De graças juvenis, de glorias triunfantes
E de rubras canções limpidas, vigorosas.
Ella faz entreabrir os calices das rosas,
Faz voar pelo azul bandos de pombas mansas,
E faz desabrochar, verdes como esperanças,
Frescas vegetações de sarças, dos abrolhos.
E' um vinho de luz; bebe-se pelos olhos.
Quando ella fôr doirando ao longe os céos escuros,
Iremos ambos nós pelos trigaes maduros,
Como costumam ir os jovens namorados,
Entre scintillações e beijos perfumados,
Na harmonia viril, na doce plenitude
Do amor e do prazer, da força e da saude.

Como havemos de rir, meu Deus, pelos caminhos!
Iremos escutando a musica dos ninhos,
E ao crystalino som das trémulas risadas
Nós faremos fugir das sebes orvalhadas
Os melros joviaes. E ao terminar do dia
Voará da tua alma a duvida sombria,
E sentirás cantar no peito o coração,
Alegre e juvenil como um festim pagão.
Não ha dôr que resista á luz da madrugada:
E' como irmã mais nova inquieta e perfumada...
Deita-se ao pôr do sol, levanta-se mui cedo,
Entra-nos pelo quarto, assim como em segredo,
Pé ante pé, subtil... dá-nos um beijo, canta,
(E que alegre canção, que matinal garganta!)
Depois desata a rir, puxa-nos pelo braço
Com sanguinea alegria, uma alegria d'aço,
Brinca, salta, sorri não póde estar em paz,
Atira-nos cantando um ramo de lilaz,
Torna-nos a beijar... até que finalmente
Já não ha resistir!... não tem remedio a gente
Senão deixar do somno os tepidos vapores:
Erguemo-nos do leito e vamos vêr as flôres.»

— «A aurora para ti, musa de louras tranças,
E' labio juvenil que ri como as creanças,
E que passa atravez de alvissimos sendaes
Para esbater na luz as curvas sensuaes,
As curvas de luar, dormentes, unctuosas
Do teu corpo gentil, feito de arminho e rosas.
Mas não sabes, ó musa, o que é a luz do dia,
N'uma manhã de inverno, uma manhã bem fria,
Para o triste aldeão exausto e somnolento
Que escuta lá por fóra o sibilar do vento
Nos ermos pinheiraes. Espera, Musa, espera!
Eu quero-te contar com singeleza austera
Os tramites crueis d'esse martyrio obscuro.
Despedaça-se, ao vê-lo, o coração mais duro :

Cobriram-se de neve os largos horizontes.
Rompeu a madrugada. O sol vibra nos montes
Raios de ouro e de luz que saltam pelo espaço,
Como frechas batendo em armaduras d'aço.
A aldeia dorme ainda. Apenas se presente,
Como que a ruminar silenciosamente,
O boi, o rijo operario, esse animal antigo
Que faz florir a vinha e faz nascer o trigo.

O cão ladra faminto. E a esplendida alvorada
Com sua luz hostil, mais viva que uma espada,
Entra pelo casebre e diz ao aldeão :
«Levanta-te, animal! Tens fome e não tens pão ;
E' ganhal-o, é andar... Descance quem puder ;
Deixa o rico a dormir. Tens filhos, tens mulher.
Vamos! depressa, a pé! Já canta a cotovia...
Para ganhar um pão é necessario um dia.
Tens muito somno, tens?... Os párias, desgraçado,
Quando querem dormir um somno abençoado,
Veo-sê deitar alli, debaixo d'uma lousa,
A' sombra d'um cipreste!»

E o triste que repousa
Sobre uma enxerga vil, responde á luz da aurora :
«Ah, deixa-me ficar! apenas uma hora!
Olha a neve a cahir... Como soluça o vento!...
E ella brada-lhe: «A pé! Nem mais um só momento!
Levanta-te do leito! Emquanto tu descansas,
Jazem ali no chão tres pallidas creanças,
Tres filhos, vê lá bem, tres filhos sobre os quaes
Anda a morte a pairar com risos infernaes.
Quando faltar o pão e não houver já lume,
Has de ouvil-os gemer, como avesinha implúme

Que a mãe abandonou em solitario ninho.
Não te levantes, não; é doce como arminho
O somno da manhã... E á noite, a horas mortas,
Uma mulher senil, que anda a bater ás portas
Dos tristes, como tu, onde a miseria habita,
Ha de cá vir talvez; e essa mulher maldita,
Ao vêr os filhos teus sem pai e sem abrigo,
Deixando-te a dormir, leval-os ha comsigo.
E é melhor, é melhor! Pois de que serve andar
Um pai continuamente ahi a trabalhar
Criando um filho, um beijo, um fructo da alvorada,^o
Para curvar-lhe o dorso ao jugo d'uma enxada
Que pesa mais do que elle, o triste pequenino!
Se hão de ter afinal um misero destino,
Andando, como tu, ao frio, ao vento, á neve...
Não te levantes, não!... Antes a morte os leve.»

E o rude proletario,

Lançando o olhar maldito á cruz do seu calvario,
Triste como Caim, mudo como um assombro,
Levanta-se d'um salto e põe a enxada ao hombro.
Não olha para traz para não vêr os filhos.
Parte, caminha, vae nos pedregosos trilhos

Curvado para o chão, como alguém que procura

Na grande paz da terra a paz da sepultura.

A arvore sacode a nevoa dos cabellos;

Volatisa a luz os mornos pesadellos.

Treme da cotovia o cantico suave:

Rosa que se fez luz, beijo que se fez ave.

A selva rumoreja. Anima-se a paizagem,

E o misero aldeão, asperrimo, selvagem,

Minado pela dôr, varado pelo frio,

Desapparece ao longe — ermo, feroz, sombrio,

Na tragica mudez das nuvens pardacentas

Que levam no seu ventre os raios e as tormentas. —

— «Se ha estrellas no céu e rosas pelo monte,

Se sabes lêr Petracha e lêr Anacreonte,

Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,

Deixa espingardear o coração do povo,

Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,

Deixa queimar Voltaire, deixa matar Jesus...

Não cessam de cantar por isso as cotovias.

Que o Pontifice lamba os pés das monarchias,

Que Tartufo conspire e D. João sedusa,

Que a treva inunde a escola e a honra empenhe a blusa,

Que flammejem do mal as rubidas crateras,
 Que a tyrannia lance a liberdade ás feras,
 Que haja odios, traições, roubos, assassinatos,
 Que exerçam a justiça os filhos de Pilatos,
 Que rezem cantochão as linguas das espadas,
 Que o direito e Bodin cáiam nas barricadas,
 Que o povo tenha frio e se revolte e chore,
 Que o trabalho produza, e o capital devore,
 E o milhão seja em fim o rei universal —
 Que nos importa a nós? que importa o bem e o mal,
 As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?

Os rouxinocs não têm opinião politica :

As flores não vão lêr as obras de Proudhon ;
 Desejam simplesmente — agua, terreno bom
 E muitissima luz. As fontes crystallinas
 Não cessam de correr com medo ás guilhotinas.

Os astros immortaes, os astros scintillantes
 Hão de sempre girar como giravam d'antes ;
 Brilham da mesma fórma em Londres e em Paris ;
 Não têm religião, nem codigos civis.

«Encerra n'uma aldeia o teu destino, poeta ;
 N'aldeia a flicidade é virginal, completa.

Onde a alma conserva a eterna mocidade,
 A fina flôr de luz da sensibilidade,
 Onde a boca não mente e o coração não chora,
 Onde a agua é mais pura e mais vermelha a aurora,
 Aonde a gente encontra aquillo que eu mais amo,
 — Ninhos em cada peito e aves em cada ramo,
 Ahí, poeta, ahí é que é viver tranquillo!
 Has de encontrar n'aldeia um perfumado asylo.
 Canta a boa innocencia, as rosas, as searas,
 Os mansos animaes, as vivas noites claras,
 A abundancia, a alegria, o vinho, a formosura,
 E os beijos sensuaes e a humida candura
 Do transparente olhar da tua linda amante!
 O poeta é como o aroma: o aroma inebriante
 Enche o mar, enche a terra, enche o céo, enche tudo,
 E cabe, santo Deus! no leito de veludo,
 Nos rubros corações das pequeninas flores!

— Não costumam dormir nas rosas os condores.

A aldeia, ó musa, a aldeia é o trabalho, a guerra:
 D'um lado o camponez, e do outro lado a terra.

O homem tem o braço, o braço tem a enxada ;
Lucta sombria, heroica ! Antes da madrugada
Já elle anda por lá, nos campos, nas montanhas,
Rompendo á natureza as rigidas entranhas
Para tirar-lhe um pão. Forte como o dever,
Trabalha sem dormir, trabalha sem comer,
Trabalha noite e dia. A seara no entretanto
Desmaia á falta d'agua ; o sol bebe-lhe o pranto
Dos orvalhos da noite ; e o aldeão faminto
Fura, cava, revolve o immenso labyrintho
Das arterias do monte ; escuta-se um rumor . . .
A agua sáe da rocha, o fructo sáe da flor :
A lucta não acaba. Ao ferro do maldito
Oppõe a natureza o ventre de granito ;
Lança-lhe pelo campo hervas ruins, damninhas,
Que vão como um rebanho a devorar as vinhas.
E o pária, o gladiador, combate braço a braço :
E' um gigante nú contra um gigante d'aço.

O sol dardeja a prumo. O azul é resplendente ;
E a terra, muda e triste, uma fornalha ardente.
Scintillam pelo monte os nervosos reptis.
Dorme a ave em seu ninho, a fera em seus covis.

As folhas do arvoredor, o sêcco matagal
Têm uns lampêjos crus, uns brilhos de metal.
O povo d'um só dia, o povo dos insectos,
Abrazados, febris, colericos, inquietos,
Sacodem pelo ar as deslumbrantes azas.
Corpos feitos de sol! almas feitas de brazas!
O mendigo procura a fresquidão das fontes.
E os tristes aldeões nos escaldados montes
Silenciosos, suando, exhaustos, semi nus,
Comidos pelo pó, mordidos pela luz,
Sobre o seio da terra, a mãe ingrata e dura,
Coveiros, vão abrindo a propria sepultura.
O pária não descança; esfarrapado, exangue,
Trabalha, sua e cava; e em volta do seu sangue
O espirito da febre, o espirito mordente
Nas vibrações do sol volteia alegremente...
E á tarde quando chega exausto de cansaço,
Depois de ter vendido a força do seu braço,
Silencioso animal curvado pelo açoite,
Não tem uma só luz para accender á noite.
E a mulher no hospital e os filhos sobre o chão!
Seis almas sem amor e seis bocas sem pão!

As creanças, Senhor! Deixa que eu falle agora
D'esses filhos da luz, d'essas nações da aurora.
A' tarde, ao pôr do sol, eu fico muitas vezes
Só para vêr sahir as pequeninas rezes
Do matadouro-escóla. Olhae, vêde-os passar;
São almas sem amor, são noites sem luar.
Quebrados de cansaço, esfarrapados, nus,
Não têm dentro de si a fina flor de luz,
A sincera frescura, a candida alegria,
— Aroma no lilaz e voz na cotovia.
Para elles a infancia é sempre um sacrificio;
O berço não existe; educados no vicio,
Aos dez annos são maus, estupidos e graves:
Roubam o ninho ás mães, fazem a guerra ás aves.
Tenebrosa missão! castigo obscuro e rude!
Espiritos sem luz e corpos sem saude!
Ah! quanto custa, ó Deus, vêr as creanças pallidas!
Pobres botões em flor! pobres gentis crysalidas!
Um mimo feito só de leite e de alvorada
Mandam-n'o ir á escóla e põe-lhe ao hombro a enxada!
A escóla! O' negro horror, abrazeado abysmo!
O mestre — tyrannia, o dogma — Cathecismo!
E' o açougue da alma, a forja da ignorancia,
O antro da estupidez, a inquisição da infancia.

.....
Ao oriente, ao sul, por toda a parte emfim
Eu vejo reluzir os olhos de Caim
Na escuridão da noite. O soluçar dos ventos
E' feito de estertôr e feito de lamentos.
Tingiram-se de sangue as rosas virginaes.
Os vagalhões do mar são lagrimas, são ais
Que vem morrer na praia. A lua ensanguentada
E' como uma cabeça enorme e decepada
Rolando pelo azul.....

.....
Em fim não ha um antro, um sitio, uma cabana
Onde não chegue a voz da consciencia humana
Implorando, rogando, em nome de Jesus,
Que a não deixem pregar segunda vez na cruz! —

E a branca apparição, ligeira como o vento,
Perdeu-se pelo azul do claro firmamento,
Deixando atraz de si na luminosa esteira
O aroma virginal da flor da amendoeira.

E n'esse mesmo instante, em pé sobre a montanha,
Eu vi alevantar-se uma mulher estranha,
Com gestos varonis, simplicidade estoica.
Pairava-lhe no labio um riso deslumbrante ;
Trazia o peito nu ; dourava-lhe o semblante
A luz crepuscular d'uma tristeza heroica.

Nas fórmas colossaes, olympicas, altivas,
Fazia-nos lembrar as raças primitivas,
As filhas dos titans, creadas nas cavernas,
E que ao morrer o sol nas bandas do poente
Com as urnas de bronze iam tranquillamente
Enchel-as d'agua fresca á boca das cisternas.

Havia no seu ar aquella valentia
Feita de heroicidade e feita de harmonia,
Aquella bôa paz dos grandes corações
Robustos, varonis, intrepidos, suaves,
Que são ao mesmo tempo alegres como as aves,
Fortes como os leões.

E disse-me : — «Poeta!

«Dos pinaros da serra aonde a aguia dorme
Não tens visto cair a catadupla enorme
D'um grande vendaval?

O enxurro vae descendo,
E em turbilhão febril, colerico, tremendo,
Rasga os seios do monte, os seios da materia.
Entumesce a ferver na monstruosa arteria.
Despedaça-se tudo ; arrasta na passagem
Os troncos da floresta, o bufalo selvagem,
A choça do pastor. Entra nos sorvedoiros
Com o bronco mugir de estrangulados toiros.
Alarga-se, transborda, e vae, já feito oceano,
Com um surdo gemer reconcentrado, insano,
Dormir sobre a campina um somno immenso e vago.
A agua fez-se mar, o mar tornou-se em lago,
E a luz inunda o céu com alegria estranha.

«A Ideia é uma torrente e a Historia é uma montanha.

«E' torrente de luz, torrente de verdades,
Que arraza quando passa imperios e cidades,

Thronos, religiões, crenças e monumentos.
Desce co'a rapidez electrica dos ventos.
O phantasma da noite em vão lhe grita: Pára!
Em vão lhe arroja o sceptro a purpura, a tiára,
Para encravar-lhe a roda. A Ideia que conduz
Nas entranhas de bronze o espirito da luz,
Esmagando os reptis, sorrindo aos exorcismos,
Transpõe como um leão as curvas dos abysmos,
Imprimindo na treva um sulco flammejante.
Quando encontra um chacal, esmaga-o, passa adiante.
Porque para suster a marcha á liberdade
Não existe poder, nem carcere, nem grade,
Nem velhas tradições, nem velhos pretorianos:

«E' uma ideia que cáe do alto de seis mil annos.

«Eu chamo-me Justiça, a grande musa austera
O *quid* que regula e que harmonisa e gera
Os principios, as leis das almas e dos soes.
Eu sou a virgem-mãe, a virgem triumphante;
E Hercules e Christo e Prometheu e Dante
Beberam no meu peito o sangue dos heroes.

«Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras d'aço

Os despotas antigos :

E eu só, com braços nus, soltas ao vento as tranças,
Vou calcando e cortando os matagaes das lanças,
Como a ceifeira os trigos.

«E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras

Forjadas pelo mal,

Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz e seja um vaticano
D'amor universal.

«Na hora da agonia o pallido Jesus
Sentiu um chôro amargo, um soluçar desfeito :
E, ao vêr-me ajoelhada aos pés da sua cruz,
Sorrindo desprendeu no bronze do meu peito
Tres astros immortaes, tres lagrimas de luz.

«O' almas virginaes, ó grandes corações,
Ouvi a minha voz que brame nos espaços,
Mais forte do que mar, mais rude que os trovões !

Eu vi morrer Catão cingido nos meus braços,
E entrei com Daniel nas furnas dos leões.

«Erguei-vos, menestreis, das purpuras do leito!
Deixae por um instante as aves nos seus ninhos,
E vinde defender o culto do direito
Que morre assassinado á beira dos caminhos.

«Vós sois o novo sol da nova Promissão,
Tomae a arca santa em vossos ferreos hombros:
Levae-a pelo mundo; enchei a escuridão
De raios e de assombros.

«Nem sei dizer qual é mais sacrosanto exemplo,
Se o Christo quando chama a si os pequeninos,
Se, quando incendiado em impetos divinos,
Expulsa e azorraga os vendilhões do templo.

«Contemplae sem pavor os tremedaes profundos,
Que abaixo d'este mar e d'este globo immenso
Arqueia-se tambem o pelago suspenso
Dos astros e dos mundos.

«Homens que soletraes a biblia da verdade
Ha seis mil annos já nos vossos corações,
Em extremos d'amor, de paz, de liberdade,
Podeis inda aprender com tigres e leões.

«Não sirva a natureza, a luz das alvoradas
E as rosas das campinas
Só para descantar ás faces purpurinas,
Das vossas bem amadas.

«Estudae, contemplae os intimos segredos
Dos astros immortaes, das crystallinas fontes ;
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos
Prégando ás solidões do pulpito dos montes.

«Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita
Uma essencia d'amor, um Deus que sonha e dorme... ✓
E é nos antros da terra onde esse amor palpita,
Como um fóco de luz, n'uma cabeça enorme.

«Irrompa do futuro a esplendida manhã !
Retumbem pelo espaço as musicas sonoras !
A'vante ! azorragae a fronte de Satan
Com lategos de auroras !

«Ha muito que fazer, muito que destruir.
Trabalhae, trabalhae nas fôrjas do porvir
Mineiros do futuro, artistas da verdade!
Ha seis mil annos já que o sol da liberdade
Vae descrevendo a curva, a ecliptica gigante,
Cujas constellações são Prometheu e Dante
E Christo, Galileu, Washington, Pascal
E Newton e Voltaire — zodiaco immortal
Da consciencia humana. Hoje são necessarios
Ainda outros heroes e ainda outros calvarios
Para que o grande sol do amor e do direito
Cómo um raio descreva um circulo perfeito
A' volta do universo. Apostolos, marchae!
Rugi como os trovões nas fragas do Sinai.
Sêde fortes, viris, energicos, serenos,
Soberbos para os reis, mansos para os pequenos.
Sêde largos d'amor. Fazei dos corações
Fortalezas de paz com antros de leões.
Tende a ferrea altivez dos solitarios montes.
Não dobreis a cerviz. As vossas regias fronte
São feitas para vêr o palpar dos soes.
E' de bronze inteiriço a espinha dos heroes.
Combatei, destrui. Lançae n'aza dos ventos
Gritos, revoluções, ideias, pensamentos,

Como um bando immortal de grandes aguias brancas. ✓

Vós sois no fim de tudo as rijas alavancas

Que hão de erguer este globo ao nivel do Ideal.

«O amor e o odio, a luz e a treva, o bem e o mal,
Eis a dupla questão.

O pensamento humano

Mergulhou como um Deus nas grutas do oceano,

Embebeu-se no azul, andou pelo infinito,

Interrogou a historia, os ventos, o granito,

Todas as creações, todas as creaturas,

Vermes, religiões, abysmos, sepulturas,

E disse-nos: — Jesus, Socrates, Platão

Fallaram a verdade. Existe uma razão,

Uma ideia, uma lei mysteriosa, etherea,

Que rege o movimento e as fórmas da materia

Desde a boca do tigre ao coração das flores,

Desde a aza da pomba á aza dos condores,

Desde o abysmo do céo aos pelagos profundos.

Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,

As correntes do mar e as luctas das paixões,

O verme e a tempestade, os homens e os vulcões,

Tudo, tudo obedece á mesma lei suprema.

«Definir essa lei — eis o immortal problema.

«Trabalha para isso a natureza inteira :

A consciencia, o ferro, a bussola, a caldeira,

O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,

A voz da intuição e a lingua do escalpello,

A critica e a fé, os dogmas e os metaes.

E é d'este turbilhão de sciencias colossaes,

Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,

D'esta aproximação immensa para Deus,

Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,

Musas para inspirar theorbas de gigantes.

«No entanto ainda existe o inferno social.

«Ha debaixo de vós um mundo original,

Assombroso paiz de negros labyrinthos :

E' a fermentação de todos os instinctos,

Dos odios, das paixões, das lepras, da vingança ;

Ali começa a morte e ali termina a esp'rança.

Sentem-se germinar nas trevas os peccados.

As almas são covis de monstros ignorados,

Que rugem no silencio... Os crimes tentadores

Rompem da escuridão como sinistras flôres.

Ali governa só o Deus-Fatalidade :
A escrofula e o roubo, a syphilis e a prisão.
Os craneos não têm luz e os ventres não têm pão.
Forçados, histriões, vadios, concubinas,
E' a gente infeliz que habita essas latrinas
Onde a fome produz mil coisas assombrosas :
Chagas fenomenaes, sangrentas como as rosas,
Abortos, aleijões, vermes, hypocondrias . . .
E tudo isto germina em espiraes sombrias,
N'uma aglomeração horrivel, bestial.
De quando em quando, treme a sociedade. O Mal
Ruge como um leão nas tenebrosas furnas ;
E trinta gerações de magoas taciturnas,
De magoas colossaes, grandes como montanhas,
Retorcem-se na treva e lançam das entranhas
Um soluço que faz desabrochar crateras !

«Cáe então sobre o mundo uma explosão de feras.

«São tigres e leões, abutres e chacaes.

Apparecem á luz angulos faciaes,

D'uma bestialidade espessa que horrorisa.

A canalha arregaça as mangas da camisa,

Empunha o bacamarte, e quebram-se as algemas.
 Fazam detonação as coleras supremas.
 Tremem da sociedade os velhos fundamentos.
 Cadeias, arsenaes, palacios, monumentos,
 Tudo se desmorona. Andam as colarejas
 Famintas a roubar. Saqueam-se as egrejas,
 Arma-se a guilhotina em cima dos altares,
 Riem na escuridão monstros patibulares,
 E o odio, o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
 Implacaveis, brutaes, colericos, sanguineos,
 Em negro turbilhão rompem dos seus covis.

«Foi assim que a miseria incendiou Paris.

«E então a sociedade alevanta-se e brada,
 Forte como um juiz, fria como uma espada:
 — Meus bravos generaes catholicos romanos,
 Meus burguezes fieis, meus velhos pretorianos,
 Vamos! espingardeae, varrei-me esta canalha!

✓ Querem mais luz? prisão. Querem mais pão? metralha.

E falam em Direito, e falam em justiça!

✓ Gente que nunca foi uma só vez á missa,

Gente que mata e rouba os padres e os banqueiros!

Cafila de ladrões! raça de petroleiros.

Problema social! gritam por toda a parte ;
E' a negra inscripção que trazem no estandarte.
Soldados, resolvi-me esse problema escuro !
Prendei-lhe bem as mãos, colae-o contra um muro,
E dae-lhe uma descarga. Os cynicos farçantes !
Obrigam a fechar cafés e restaurantes,
Atiram-nos á cara os nomes mais immundos,
Encarecem o pão, fazem baixar os fundos
E não deixam dormir no leito a burguezia !
Soldados, fazei bem a vossa pontaria :
Nada de compaixão, intrepidos vassalos !
E' mergulhar em sangue as patas dos cavallo !
Não escape ninguem : nem velhos, nem creanças.
Dae de comer a Deus! Dae de beber ás lanças !
E depois de estar morta a *grande Ideia nova,*
Mettei-a n'um lençol, deitae-a para a cova.
E, como eu não possuo entranhas de Caim,
Vá lá, por compaixão, rezem-lhe algum latim
Em cima do sepulchro. E lancem a final
Por sobre tudo isso uma porção de cal.
Não é que eu tenha medo a sombras e a phantasmas ;
Não é ; são precauções por causa dos miasmas. —

«E, apenas dito isto, a sociedade então
Vae a qualquer egreja, ouve qualquer sermão,
Rega com agua benta o sangue das calçadas,
Entra pelos cafés a rir ás gargalhadas,
Expõe, para vender, as filhas nas janellas,
Accende os lampeões, redobra as sentinellas,
Come a honra, o trabalho, a graça, a formosura,
Prostitue a mulher, explora a desventura,
Depois, pela manhã, ao terminar da festa,
Aquillo que não serve e aquillo que não presta
Deixa-se para os cães ou manda-se atirar
A' prisão, ao bordel, ao crime, ao lupanar.
De resto, os hospitaes fazem o seu officio ;
Comer as podridões e despejar o vicio.
Ruminam dia e noite ; engolem ; não tem dentes ;
São como as digestões pesadas das serpentes.

«E a causa d'isto tudo é o velho Padre Eterno

E o velho D. João :

Um fez o lupanar, o outro fez o inferno ;

Um fez a tyrannia, o outro a devassidão.

«O infame D. João é o torpe aventureiro
Que dirige do amor as sordidas roletas,
Fazendo tilintar a bolsa do dinheiro
Quando passam na rua, á noite, as Julietas.

«E' o rico burguez, pançudo, escalavrado,
E que, apesar de ter os dentes já corruptos,
Sybarita cruel, fareja no mercado
Da branca virgindade os mais soberbos fructos.

«E' o bardo scismador, lymphatico, plangente,
Doce como o luar negro como um abysmo,
O poeta que traz no coração doente
A velha flor azul do sentimentalismo.

«São os grandes *leões* devassos, petulantes,
Manfredos imbecis, eroticos Mussets,
Que expõem de madrugada as cartas das amantes
Aos risos triviaes nas mezas dos esfés.

«E' o satyro Tartufo, o D. João viscoso.
O lobo sensual que habita a sacristia,
E cujo olhar faminto e cujo olhar guloso
E' feito de luxuria e treva e covardia.

«Tem todas as feições, ainda as mais vulgares ;
Usa indistinctamente os fraks e as batinas ;
Anda por todo o mundo, em todos os logares,
Desde o melhor palacio ás ultimas sentinas.

«Penetra brandamente as vossas consciencias,
Aguilhoa, domina os vossos corações !
E' o verme do amor ; subtil como as essencias
E forte como a garra adunca dos leões.

«E' o monstro que faz perder a côr ás rosas,
Que sonham ao luar nevrálgicos amores ;
E é elle que produz chagas escrofulosas
No mimoso setim das delicadas flores.

«Como a ferrugem morde as espelhadas lanças,
Assim elle conspurca os nobres caracteres.
E á tarde, ao pôr do sol, muitissimas creanças
Desfolham só por elle os brancos malmequeres...

«E o destino cruel d'essas visões inermes
Resume-se afinal, pobres visões celestes !
Em irem engordar os libertinos vermes,
E fazerem crescer a rama dos cyprestes.

«A' noite, dos bordeis, vêem-se solitarios,
Uns esquifes sahindo em longa procissão,
Entre o rouco latim d'uns homens mercenarios
E as risadas crueis do torpe D. João.

«São os anjos do lodo, as deusas das viellas.
Que vão a descansar o derradeiro somno,
Levadas para a campa, assim como as cadellas
Que não conhecem pae, e nem sequer têm dono.

«E' elle que produz as brancas anemias,
Os desejos brutaes, colericos, ferozes,
E as allucinações amargas, doentias,
As allucinações candentes das nevroses.

«Cospe o seu riso hediondo em todas as virtudes,
Embriaça d'amor os seios virginaes,
E é elle o constructor dos grandes ataudes,
Chamados hospitaes.

«Transforma essas visões das languidas volatas
Em velhas barregans que causam nojo e dó;
Arruina os pulmões ás magras Traviatas,
E é o unico auctor dos livros de Belot.

«E' preciso gravar inexoravelmente,
Gravar com ferro em braza a nossa indignação
Na fronte bestial do cynico impudente,
Do canalha gentil, do torpe D. João.

«O outro é o Jehovah das Santas Escripturas,
O despota sagrado,
O Jupiter cruel, o Cesar das alturas,
O dogma feito carne e o Deus feito soldado

«Foi um Deus sempre velho, um Deus sem mocidade ;
Surgiu da natureza armado para a lucta ;
Quando nasceu já tinha aquella mesma idade
E o mesmo olhar feroz e a mesma barba hirsuta.

«Odeia a liberdade e odeia os racionios ;
E, para convencer as impias multidões,
Tem o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
Os impetos do mar e os roncões dos trovões.

«Inda hoje fabrica os codigos das leis
E sustenta do escravo as duras gargalheiras,
Off'recendo as nações para banquete aos reis,
Como um corpo sem vida ás aguias carniceiras.

«Despotico, cruel, sanguineo, intransigente,
Arrojou sobre nós a eterna maldição,
Transmittiu-nos á alma o virus da serpente,
Produziu Torquemada e fez a inquisição.

«Espalhou pelo mundo os lividos terrores ;
Inventou Satanaz ; do amor fez um peccado . . .
Malditos sejaes vós, ó biblicos doutores !
✓ Maldito sejas tu, ó velho Deus castrado !

«Agrilhoou Prometheu ás rochas da montanha ;
Mandou queimar Voltaire, crucificou Jesus,
E anda n'este momento a batalhar na Hespanha
Tendo por companheiro o cura *Santa Cruz*.

«E' preciso lançar por terra esse espantallo
Que ha seis mil annos quasi assombra a humanidade,
E não deixa comer os fructos do trabalho,
Os fructos do direito e os fructos da verdade.

✓ «Sublevae, revoltae as almas indignadas ;
E atirae contra elle as rubras ironias,
Depois de as aquecer como um montão de espadas
No brazeiro fatal das coleras sombrias.

«Proclamae a Justiça, eliminae o inferno.
Escusaes de ter medo ao velho Mastai.
Ide ao azul, ao céo; matae o Padre Eterno:
Basta levar comvosco um simples bisturi.

«Depois, ide dizer ao pallido Jesus
Que não vos basta a fé catholico-romana,
E que o mando precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciencia humana.

«Que venha fulminar o abutre — tyrannia,
O abutre colossal, feroz, ensanguentado,
Que ha seis mil annos já, devora noite e dia
O Prometheu antigo, o heroico sublevado.

✓ «Prometheu e Jesus, a liberdade e a crença,
Unidos n'um braço estreito e fraternal,
Farão da natureza uma harmonia immensa,
Farão do velho Deus um Deus universal

«Mais um instante só. Eu vou deixar-te, poeta.
Caminha para o bem, direito como a setta
Lançada contra um alvo. A força da atracção
E' uma lei moral; domina o coração
Assim como domina as rochas de granito:
Existe um iman — Deus — occulto no infinito.
Obedece-lhe sempre invariavelmente:
Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.
Tem dois polos a alma — a crença e a razão.
A crença é o luar da nossa intuição;
Onde a razão acaba, a crença principia.
Sustenta-te de pão; nutre-te de alegria.
Ser alegre é ser forte; a força é uma alavanca.
Só é forte quem tem a consciencia branca.
Satura-te de luz. Vive na natureza;
Ella é feita de graça e feita de pureza.
Tem um sorriso bom, heroico, deslumbrante.
Lança-se lhe um carvão e faz um diamante.
Irradia um diluvio immenso de esplendor.
Atiramos-lhe um ventre e dá-nos uma flôr.
Sê robusto, viril, simples e verdadeiro.
Entre um dever qualquer e um sacco de dinheiro
Opta pelo dever. Ainda mais, escuta:
D'um lado a infamia e do outro o copo da cicuta,

Péga no copo e bebe. Um coração sereno
 Nunca tem medo á morte : existe um só veneno
 Para matar a alma : é o vicio ; apenas isto.
 Habitua-te a lêr a tentação de Christo.

Quando uma lousa cae sobre um cadaver mudo,
 Dizem «tudo acabou. . .» E principia tudo.

De nada vale o bronze e a lápide marmorea ;
Alguem a vae partir ; o *alguem* chama-se a Historia.

«Sabes o que é a Historia? uma mulher sombria,
 Gigante colossal que anda de noite e dia
 A cavar sobre o chão dos vastos cemiterios,
 Tirando do sepulchro a ossada dos imperios,
 Erguendo pantheons e derrocando altares.
 Rasgam-se terra e céu, abrem-se os grandes mares.
 E então não ha fugir. A Historia vae achar
 A alma do infame ao céu, á terra, ao mar,
 Onde quer que ella durma, onde quer que ella esteja ;
 Não reconhece reis, nem reconhece egreja,
 Reconhece a justiça, o grande dogma austero.
 Glorifica Jesus e cospe sobre Nero.
 Ella desce a espiral do turbilhão maldito ;
 Vae buscar os Cains ás torres de granito,

Aos antros infernaes, cheios de pesadellos ;
Arrasta-os para a luz, prende-os pelos cabellos,
E espalma-lhe no rosto a grande mão pesada,
Para vêr se inda chega a côr da madrugada,
A'quellas faces vis. Implacavel, fatal,
✓ Conhece todo o bem e sabe todo o mal ;
Atira com a luz ás solidões escuras :
Abre o craneo aos heroes e o ventre ás sepulturas.
E' justiça final, justiça reátilinea :
Ou enche de alvorada ou cobre de ignominia.
No sitio d'um tropheu põe ella uma sentina ;
E onde um braço tyranno, um braço-guilhotina
Tinha erguido uma cruz como castigo e exemplo,
Ella, tirando a cruz, põe-lhe por cima um templo.
Despedaça os grilhões e despedaça os jugos.
Atira para a forca o collo dos verdugos.
A victima é juiz ; pena de talião ;
O negro inquisidor, mette-o na inquisição.
Faz falar do sepulchro as grandes bocas mudas.
Na cruz de Jesus Christo está pregado Judas.
O carcereiro infame, o hypocrita Luiz onze
Ruge como um chacal n'uma prisão de bronze.
Quem venceu é vencido, e quem matou é morto.
O Borgia, o assassino, o monstruoso aborto,

Surge da sua tumba imperial, augusta,
 E deita-se outra vez na tumba de Locusta.
 Cesar levanta a frente em meio do senado ;
 E arrancando os punhaes do flanco ensanguentado,
 Atira para longe a arma parricida ;
 Mas quando de repente ia voltar á vida
 A Historia levantou-se e disse á Expição :
 — Vae matal-o. — E entregou-lhe a espada de Catão.»

O sol fez explosão nas bandas do oriente.
 A Musa evaporou-se. O mar tranquillamente
 Cantava um hymno bom d'uma âlegria enorme.
 No azul religioso, esbranquiçada, informe,
Andava como um sonho errante a lua cheia...

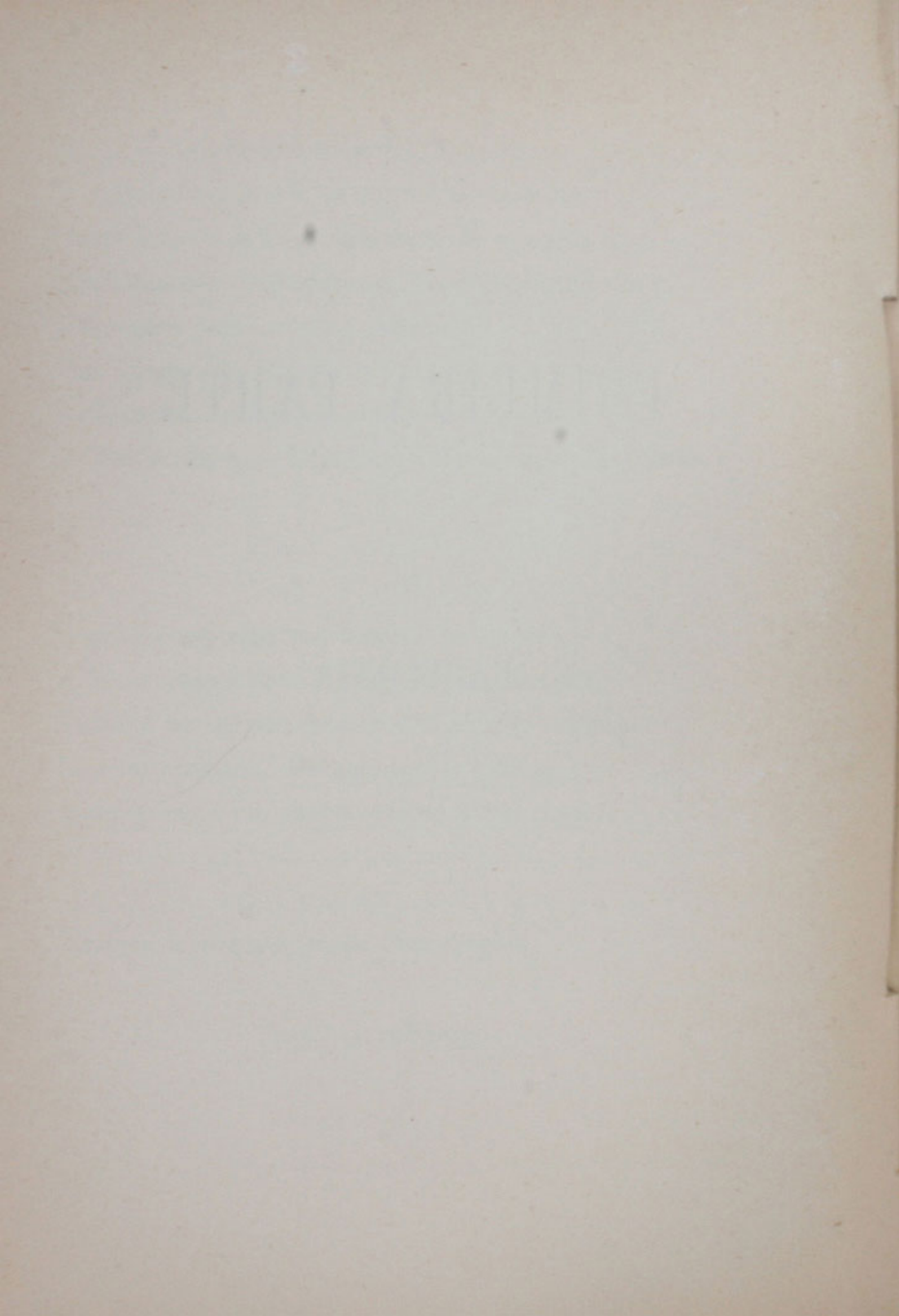
 Comecei a escrever então esta epopeia.

FIM DA INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

I

BABYLONIA



BABYLONIA

Repousa a gran cidade envolta em manto escuro.
Messalina febril, exausto o seio impuro,
Tombou por sobre o leito hedionda, escalavrada.

Deram agora mesmo as tres da madrugada.
A neve cáe ; a noite é fria ; o céu é baço,
Os montes vão vestindo as armaduras de aço.
Silencio sepulchral ! mudez que não se exprime !
E' o silencio que segue as convulsões d'um crime.
O silencio tem voz ; a noite tem olhar.
Ha sonhos pela terra, ha sonhos pelo ar.

A noite do remorso anda espreitando a vida
Pela porta da alma; e a alma espavorida
Vacilla, quer fugir, tem medo, está confusa:
O infinito esmaga; a solidão accusa...
Dormir, não póde ser; a alma n'esse instante
E' como um olho aberto, immovel, flammejante,
A quem alguém cortasse a palpebra sombria.
Escuta pelo ar uma risada fria...
Vê genios infernaes, occultos no arvoredado,
Que estão falando d'ella e rindo-se em segredo...
Vê olhos a fital-a, ardentes como brazas,
E monstros que ao passar vão sacudindo as azas...
Fica febricitante, allucinada, exangue,
Vae a beber na fonte, eil-a mudada em sangue.
Passa por um vergel; exhausta de canceira,
Foi a colher um fructo e sae-lhe uma caveira!
Transida de terror, foge pelas montanhas,
E põe-se a cantar alto umas canções estranhas,
Grotescas, joviaes, doidas, allucinadas,
Como alguém que tem medo ao ir pelas estradas...
Mas tudo, tudo em vão! Não pára, não descança!
E' panthera que leva o ferro d'uma lança
Encravado no peito: estorce-se, procura
Um refugio, um atalho, uma caverna escura,

Mas sempre adeante d'ella o caçador feroz,
O espia que Deus traz em cada um de nós,
A consciencia!... Cae; fica a tremer de susto:
O canto d'uma ave, a sombra d'um arbusto,
O murmurio do mar, o soluçar do vento,
Um echo, um som, a noite, a luz, o pensamento,
Tudo lhe causa medo! E' como a creancinha
Que despertou na treva e que se viu sósinha.
Mergulham no infinito as espiraes dos sonhos!
Passam-lhe pelo corpo uns fremitos medonhos...
Quer dormir, quer morrer! Atira-se aos abysmos:
Tomba, revoluteia em doidos paroxismos,
Vae descendo, descendo... o immenso não tem fundo...
De quando em quando, encontra um grão d'areia—um mundo,
E quanto mais mergulha e se despenha e desce,
Mais augmenta o pavor, mais a distancia cresce!
O nada não existe! Horror, horror sublime! ✓
Não poder descansar o coração do crime!
Diz ella; não poder em toda a eternidade
Aniquilar-me um dia! O espirito, a vontade,
Nunca poder dormir... Sempre a memoria álerta!
A memoria! a memoria, essa janella aberta,
Por onde a alma vê todo o passado escuro!
Fugir? mas para onde? a sombra do futuro

E' mar que não tem praia, é noite sem guarida!...
Morrer! que serve! a morte é o prologo da vida!

E a livida immortal, a eterna condemnada,
Doida, vesga, feroz, convulsa, allucinada,
Debate-se febril nos turbilhões da insomnia!

E' assim que repouisa a grande Babylonia
No leito em que tombou, na sombra em que se abysma...

A noite do remorso é um tenebroso prisma.
Encontram-se a dormir junto aos humbraes das portas
Mendigos quasi nus, creanças quasi mortas:
O pae ensina ao filho antes de elle ir á escola
Como é que se abre a mão para pedir esmola.

Rastejam pela treva os vicios mais secretos.
Dormem os hospitaes como dragões repletos.

Em volta da immundicie, asperrimos, sombrios,
Disputam entre si os magros cães vadios,

✓ Párias sem amor, raça febril, impura,
Que tem no olhar faminto os odios da loucura.

✓ Andam as mães vendendo as filhas Messalinas:
Umás pelos salões, outras pelas esquinas.

A sentinella passa. A nevoa é condensada.
Um gallo que acordou soluça uma risada.

Um ebrio que cahiu ao pé da cathedral
Dorme pesadamente um somno bestial:
Resona ali no chão, podre como um farrapo,
O homem feito ventre, a alma feita sapo. ×

Operario, officina e machina e fornalha,
Monstruosos titans depois de uma batalha,
Repoisam sobre o leito os rijos corações,
Na formidavel paz dos antros dos leões.

Nos bairros do prazer, nos bairros da desgraça,
Anda a luxuria vesga a farejar quem passa.

✓ Creanças ideaes, angelicas, serenas,
Cantam alegremente umas canções obscenas.

E as velhas cortezans, pantheras esfaimadas,
Com risos sensuaes nas boccas desdentadas,
Vagueiam pela sombra a mendigar um pão...
De quando em quando passa um funebre caixão.
A's vezes d'um bordel, d'uma viella escura
Sáe um gemido, um grito, uma palavra impura,
Um choro de creança, um rouquejar profundo
De tosse aguardentada...

E a imperatriz do mundo

A Lei, a sentinella, anda como um Cerbéro,
Lançando o olhar feroz, minucioso, austero,
Para que a podridão universal fermente
Sem perturbar a paz : silenciosamente.

No emtanto uma mulher, no sitio mais escuro,
Como um negro reptil, desconfiada, incerta,
Corre, deslisa, vae, sempre encostada ao muro,
Lançando o olhar obliquo... A rua está deserta.
Pára, examina, escuta : as solidões são calmas ;
Sente apenas bater o coração medroso...
O mais, silencio... A' roda um cemiterio de almas.
Com gesto convulsivo, um gesto criminoso,

D'entre as dobras do manto arranca uma creança ;
Põe-lhe ao seio uma cruz... qual lagrimosa amante
Que offerece ao namorado a ultima lembrança,
Vendo-o partir talvez para um paiz distante.
E o doce pequenino, o lyrio da orfandade,
Sorriu fitando a mãe... E a mãe ficou scismando
Como quem vê, Senhor, em luminoso bando
Os rouxinões do outono, as aves da saudade
Irem além cantando,
A fugir, a fugir no azul da immensidade !

Lembrou-se dos irmãos, dos loiros irmãosinhos,
Junto dos quaes no berço ella escutava outr'ora
As limpidas canções que só as mães e a aurora
Sabem cantar aos ninhos.

Lembrou-se de seu pae, aquella fronte austera,
O bom trabalhador,
O forte coração para quem ella era
Continua primavera,
Roseira sempre em flôr.

E o leito virginal, cheio de pura essencia,
Cheio de tanta luz, como um festivo altar !

O leito sobre o qual o archanjo da innocencia
A' noite desdobrava as azas de luar!

E os contos de creança, os contos perfumados
Ouidos em silencio á volta dos eirados

N'aquellas noites claras

Em que andam pelo ar suspiros e cantigas,
E, enquanto o lavrador descança das fadigas,
A lua vae sorrindo ás trémulas searas!

A pobre meretriz, angustiada, affiicta,
Como para fugir aos sonhos tenebrosos,
Ergueu o seu olhar á abobada infinita,
Esse refugio azul dos corações piedosos.
Da lugubre amplidão no immenso descampado
Brilhava um astro só, qual loira creancinha
Que um peito sem amor houvesse abandonado.
Quem sabe se tal luz não era porventura
A alma de sua mãe, da trémula velhinha,
Que, ao vêr lá dos espaços
No abysmo a resvalar aquella filha impura,
Abandonava o céo para extender-lhe os braços!...

Ficou scismando absorta em vago, ethereo, encanto...

E ao vêr a doce luz do trémulo planeta

Seus olhos ideaes encheram-se de pranto,

Como se enchem de orvalho as folhas da violeta.

Chorou. Oh Providencia, ás vezes quando scismo

No livido estertor da meretriz que chora,

Eu creio que um aljofre é uma grande aurora

Capaz de encher ainda o mais profundo abysmo!

Nem um rumor sequer pela amplidão tranquilla!

O espirito da mãe n'aquelle agudo instante

Hesitava a tremer, qual pendula que oscilla

Na aresta d'um diamante.

N'isto perpassa um vulto... Ella ficou tremente...

Roçara-lhe do crime a tentadora aza:

Põe no chão a creança e foge doidamente,

Como quem vai pisando uma fornalha em braza.

Vem despontando ao longe a aurora côr de rosa,

Anemica, infantil, vaga, silenciosa.

Tombam por sobre o leito as gastas Messalinas;

Fecha-se o lupanar; abrem-se as officinas.

Os homens do trabalho, os rijos corações,
Enchem alegremente os tumidos pulmões
D'um ar fresco, subtil, vivido, penetrante,
Que é feito de punhaes com bicos de diamante.
A doida Babylonia, immensa, taciturna,
Sente-se espreguiçar como um leão na furna.
São do lupanar os languidos devassos :
Na morna estupidez dos frouxos olhos baços
Mostram a cobardia, os tedios sensuaes
D'uma alma que desce as negras espiraes
Do abysmo silencioso onde a luxuria dorme.
Vão indo devagar, como se um peso enorme
Fosse invisivelmente a subjugar seus hombros...
Levam nos corações os lividos assombros,
O baixo desalento, os pantanos escuros,
As verdes podridões dos arruinados muros,
A febre, a hypocondria, o horror de quem se sente
Abysmar, naufragar irresistivelmente
N'um oceano de lodo!...

E exposta sobre a rua

Agonisa, chorando, a creancinha nua.

.....

.....

Romperam da alvorada os lucidos clarões.
Passaram por ali as grandes multidões,
O poeta, o burguez, o padre, o jornalista,
E não houve ninguem que demorasse a vista
N'essa infeliz creança!

Oh, miseravel gente!

A alma da mulher, sacrario resplendente,
A flor da virgindade, a mysteriosa flor
Que tem dentro de si o grande Deus do amor,
E' para vós o que? o vaso onde lanças
Essas paixões febris, immundas, bestias.
Depois de ter colhido um sol, um astro, um beijo,
Depois de embriagada a fera do desejo
Que ruge noite e dia em vossos corações,
Para que serve um corpo? atira-se aos leões,
Põe-se no lupanar, dá-se-lhe strichnina:
Os filhos para a roda, as mães para a sentina.
E em quanto a meretriz nos sitios mais escuros
Anda comprando a ceia, em quanto nos monturos
Andam sem pae nem mãe as creancinhas loiras;
Caligulas boças, nas vossas mangedoiras
Dormem tranquillamente os consules! Bandidos!
Depois de ter calcado os seios prostituidos,

Alevantaes á roda uma prisão tremenda,
E ponde-lhe na porta a tragica legenda
Que o Dante collocou n'uma outra porta equal.

Hei de vos esmagar, espiritos do mal!

Devassos, histriões, inuteis, pretorianos,
Ventre que resumis os Cesares romanos,
Levitas do milhão, graves bezerros de oiro,
Mais frios que o metal, mais brutos do que o toiro,
Espiritos servís, espiritos de lama,
Que andaes sempre a enterrar o dente do epigramma
Em tudo quanto é grande e em tudo quanto é bello,
Falstaff, Satanaz, Tartufo, Sganarello,
Vós todos que trazeis a consciencia preta,
Silenos de casaca e Borgias de roupeta,
Vamos! despi o frak, a mascara, a batina,
Mostrae, desapertae a estupidez suina,
Ponde-vos á vontade!

A vida é uma farçada!

Por conseguinte é rir até que um dia o nada
Venha tapar com terra a vossa boca impura!
E' voar, é voar na aza da loucura!

Mergulhae a tristeza em ondas de phalerno ;
Fartae o peito exausto em saturnaes do inferno !
E' beber, é beber n'essa cratera infinda,
E a legenda fatal encontre-vos ainda
A' mesa do banquete ! Amigos, afinal
O Deus que habita em nós, o espirito immortal,
Eterno, esplendoroso, immenso, necessario,
E' feito de potassa e feito de calcáreo.
Sejamos francos, sim ! o vicio e a virtude
Quem é que os distinguiu dentro d'um атаude,
Se o pó é todo egual ? ! Tripudiae, sandeus,
Que não existe forza e não existe Deus !
Vamos ! escancarae a gargalhada alvar !
Ponde Nero no throno e Judas sobre o altar.
Isto de consciencia e coração tranquillo,
São coisas ideaes para fazer estylo,
Metaphoras, mais nada . . . A vós que vos importa
Que a letra da razão seja uma letra morta,
Que ande o dever proscripto, e que a justiça inerme
Seja esmagada ali, como se esmaga um verme,
Sob os cothurnos de oiro !
.

Erguei, alevantae os muros das Bastilhas!
 Vendei a opinião como vendeis as filhas:
 Quem dá mais? quem dá mais? E' pol-as em leilão!
 E sua Magestade o imperador Milhão
 Que as leve e as prostitua. O' corações gafados,
 Lançae a dignidade á valla dos forçados,
 Ponde uma cruz na honra, e sobre o bem e o mal
 Consultae simplesmente o codigo penal...
 Brutos sem b maiusculo.
 A consciencia é um ventre e o coração é um musculo.
 Cantae, gosae, bebei até romper a aurora!
 Atirae o pudor pela janella fóra
 Como um charuto mau que se apagou. Canalhas!

 Pegae na vossa fé, pegae nos vossos brios
 E dae-os a comer aos magros cães vadios,
 Que nem por isso mesmo hão de engordar. Então?!
 Ficaes a olhar para mim? Sentis no coração
 A voz da consciencia a murmurar: talvez... —
 Vamos, embebedae-a! Um copo de Xerez
 E' o que ella está pedindo, essa mulher sombria,
 — A vossa consciencia. Ella que noite e dia
 Se anda a espojar ahi na lama dos monturos,
 Ella que tinge a face e põe o corpo a juro,

Ella a córar — a vil! Não tenhaes medo, ávante!
 Dae-lhe uma grande ceia, um baile deslumbrante,
 Chamae-lhe meretriz, beijae-a, embebedae-a,
 E heis de vêr depois como levanta a saia
 Nos pinchos do can-can!... ..

Hei de vos arrancar a mascara postica,
 Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
 Expor-vos á ignominia! Erguei o rosto, erguei-o,
 Para que as multidões venham cuspir em cheio
 N'essas frontes venaes! O' coleras sagradas!
 Dae-me versos febrís, agudos como espadas,
 Dae-me energia, amor, estrellas, enthusiasmos,
 Dae-me um jorro de luz e um jorro de sarcasmos,
 Como listrões de sangue! oh! dae-me tudo isto!
 Dae-me a unção de Jesus e o latego de Christo,
 Dae-me essa ferrea voz dos lividos profetas,
 Para esmagar, calcar as gerações abjectas
 Da Babylonia de hoje!

O' minha lyra, aquillo

Que eu tenho de mais puro e candido e tranquillo,
 Tu, que és a minha amante, a minha esposa calma,
 Que és o sacrario azul aonde eu guardo a alma,

Que palpitas de amor e de paixão trasbordas,
O' minha pobre lyra! hei de arrancar-te as cordas
E, unindo-as n'esta mão, vibrar-as e torcel-as
Para fazer, ó musa! um latego de estrellas.
N'essas almas servis, mais duras que os rochedos
Eu quero, charlatães, marcar os cinco dedos
Da mão de Juvenal! Eu quero, desgraçados,
Com versos triumphaes, candentes, inflammados,
Prender uma grilheta á vossa vil memoria
E mandar-vos depois para as galés da historia
Onde de nada vale a infamia e o dinheiro:

O carcere é de bronze e Deus é o carcereiro.

II

O ORPHÃO

II

O ORFÃO ✓

Não ter mãe, nem ter amada!
Ai, que tristeza tamanha,
Que dura sorte funesta!
Nem a urze da montanha,
E é coisa bem desgraçada,
Teve sorte igual a esta!

Vir ao mundo e não ter mãe!
Percorrer o mundo inteiro
Sem um labio maternal
Que nos diga — filho, vem!
E' como ser forasteiro
Na propria terra natal.

✓ E dizer que, havendo Deus,
Fonte de immensa piedade,
Ha creancinhas sem berço
E almas sem caridade!

✓ Vêr os lyrios das campinas
Todos cheios de alegria,
E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia!

✓ Senhor, Senhor! quando scismo
Que ha muitas almas que nascem
Sobre o cairel de um abysmo,
E que basta um sopro apenas
Das tempestades do mundo
Para as lançar lá no fundo,
Se tem fundo essas gehenas...
Ah! perdôa-me, Senhor!
Mas por dentro do meu cráneo
Passa a duvida sombria,
Como larva immunda e fria
Nas trevas de um subterraneo.

Teu filho, o proprio Jesus,
Emblema do soffrimento,
Que morreu pregado á cruz
Sem um unico lamento,
Sem um grito, sem um ai,
Teu proprio filho, Senhor,
Teve mãe e teve pae!

Ser orfão! não ter na vida
Aquillo que todos têm!
E' como a ave sem ninho...
E' qual semente perdida
Que, ao voltar do seu eirado,
O lavrador descuidado
Deixou tombar no caminho.

E quando vem a tormenta
Arrancal-a sem piedade,
A triste não se lamenta
Da sua triste desgraça!
Herva da rua... quem passa
Póde esmagal-a á vontade.

Assim vivêra também
A creança desditosa
Que em noite má, tenebrosa,
Ficára sem pae nem mãe.

✓ | Filho da treva e do vicio,
Despontára á luz da vida
Como pomba dolorida
Já votada ao sacrificio.

Não lhe bastava o desgosto
Do seu martyrio profundo,
Do seu tristissimo fado :
✓ | O mundo voltou-lhe o rosto
Porque entre as festas do mundo
E' crime o ser desgraçado.

No entanto a candida flôr
Zombava da ventania,
Como se a mão do Senhor
A guardasse noite e dia.

E a tempestade inclemente,
Arquejando em furia brava,
Nem um só grito arrancava
D'aquella bôcca innocente.

✓ Ao vêr-se nú, pobresinho,
Fitava os olhos na altura
Como a ave que procura
Um ramo para o seu ninho.

Não tinha dos desenganos
Ainda as duras lições :
Conforme crescia em annos,
Crescia nas illusões.

✓ A sua fronte suave
Perpassava pelas máguas,
Como a penna d'uma ave
Roçando na flôr das aguas.

Eu gosto d'essas creanças,
D'essas cabeças doiradas
Que vivem rimando esp'ranças
E que acreditam em fadas.

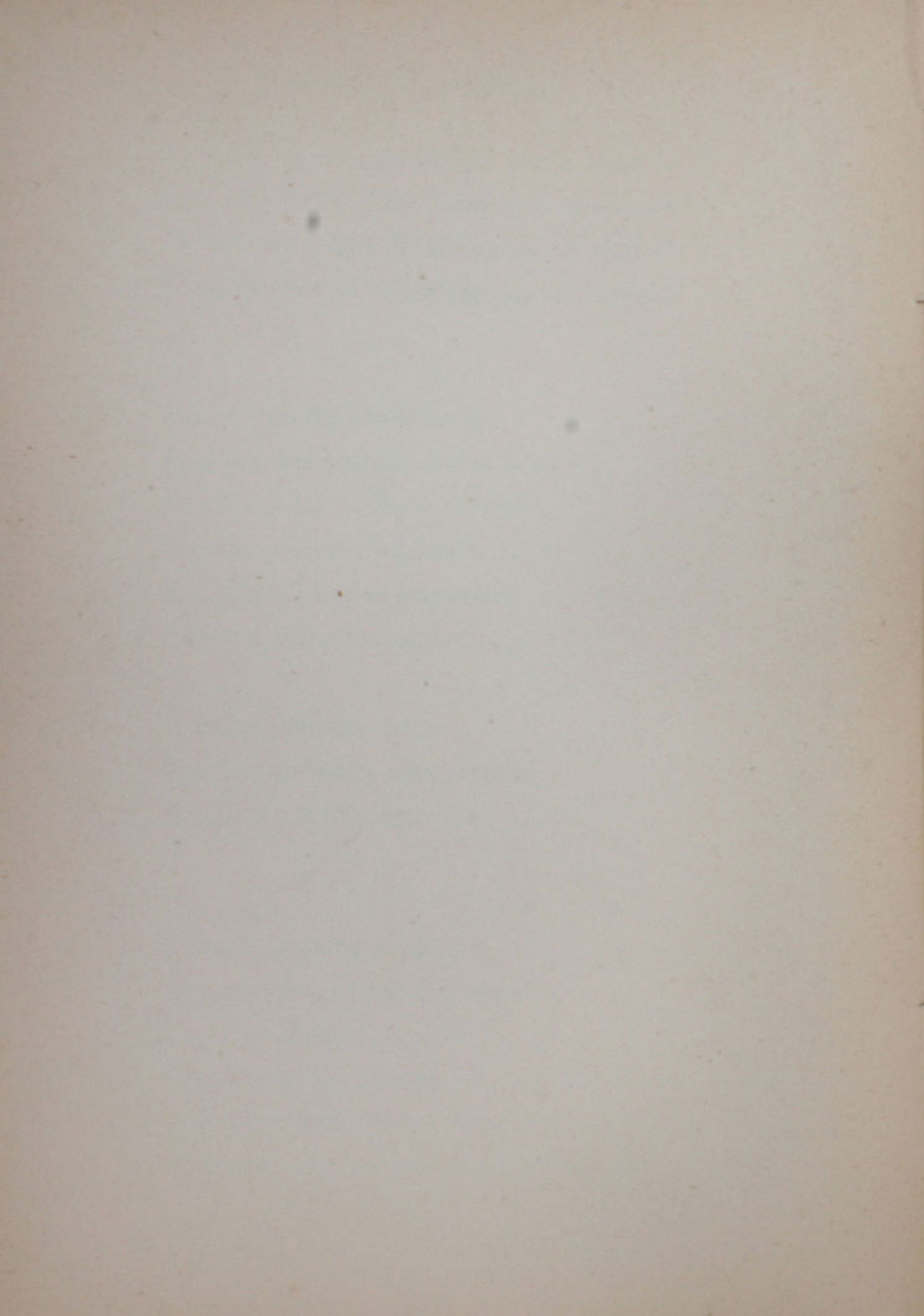
✓ São como a luz mal segura
Que eu vejo de manhã cedo
Brincar na fresca verdura
D'algum copado arvoredor.

✓ Mas a mão da Providencia,
Que aos troncos nós deu a hera
Deu-lhe a elle a casta essencia,
Deu-lhe o divino esplendor,
Que é nos campos primavera
E que é nas almas amor.

✓ O amor, effluvio suave
Que faz do ninho uma estrella
E faz da estrella uma ave ;

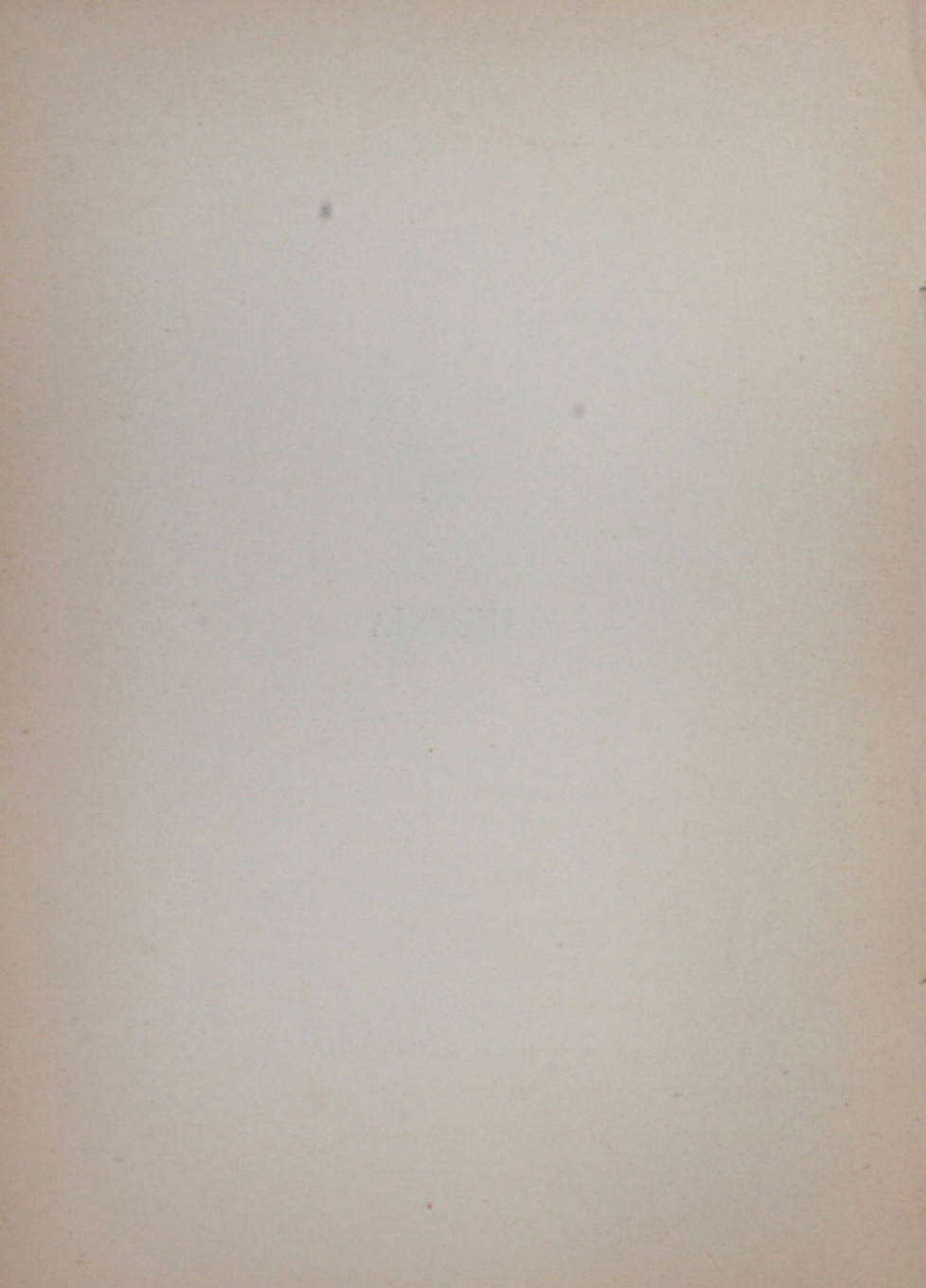
✓ O amor, o canto profundo,
Que sustenta o mar e o mundo
Nos espaços,
Como cheia de ternura
A mulher mais bella e pura
Sustenta um filho em seus braços ;

O amor, n'um rapido olhar,
Fundindo o turbido véo,
Deixou-lhe as portas do céo
Abertas de par em par.



III

IMPERIA



III

IMPERIA

Eu odeio os romances de Ponson,
Negros contos de enredo estrepitante,
Que um rapaz meu visinho tem na estante
Ao pé do *cathecismo do bom tom*.

São labyrintho tetrico, infernal,
Em que o sangue espadana de tal arte,
Que é loucura transpôr-lhe o negro umbral,
Sem primeiro aperrar um bacamarte.

Se alguém diz que o enredo é como a gemma :
Mais se appetece quanto mais se esconde,
Atire para a rua o meu poema
E vá ler os romances do *Visconde*.

A arte, a deusa de sorrisos brancos,
A deusa casta, olympica, marmorea,
Que tem trazido nos robustos flancos
Todas as grandes creações da Historia :

A arte, a arte, o espirito sagrado
Que fez da Grecia antiga a luz divina
Que inda atravez dos tempos illumina,
Como um farol, nas noites do passado.

A Beatriz serena e triunfante,
A mãe de *Julieta*, a mãe de *Cid*,
Ella que fez a *Virgem de Madrid*
E os tercetos titanicos do Dante ;

Ella que com seus braços colossaes
Arrojou aos abysmos do infinito,
Como grandes soluços de granito,
As cupulas das velhas cathedraes ;

A arte, a arte, a luz resplandecente
Que nos fecunda o intimo das almas,
E as faz desabrochar subitamente
N'uma explosão fantastica de palmas ;

A arte é hoje uma infiel Ninon :
Magra, elegante, anemica, franzina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benoiton*.

Extravagante, amarga, doentia,
Requeima a ponta d'aza ao perpassar,
Borboleta de sceptica alegria,
Nas vertigens do gaz do *boulevard*.

Passa a vida entre a bohemia dos artistas
Sem trabalho, sem honra, sem cuidados ;
Tem ditos scintillantes, facetados,
Da venenosa côr das amethystas.

E' mais cruel, mais forte, mais raivosa
Do que os monstros das lobregas cavernas :
Conhece os *chics*, a elegancia airosa
Das nossas finas podridões modernas.

Ella caminha elastica, irritante,
 Olhando os dandys, os *leões* vaidosos :
 Tem caprichos hystericos, nervosos,
 Fantasias de purpura brilhante.

Quando, com geitos languidos, felinos,
 Ella nos diz que nos adora e ama,
 Ri-lhe no canto dos labios purpurinos
 A insolencia nervosa do epigramma.

Tem um ar de princeza de opera buffa :
 Gestos febris, excentricos olhares,
 Como planta de fórmas singulares,
 Exageradas no calor da estufa.

Ella odeia a virtude, a flôr burgueza,
 Grosseira flôr amarellada e fria,
 Como o sorriso d'uma velha ingleza;
 As tulipas azues da fantasia,

Os cactos do desejo inebriantes,
 As rosas do deboche e da loucura,
 São as flôres ideaes que ella procura
 Na floresta dos vicios elegantes.

✓ E é esta a deusa da moderna lyra,
Musa corrupta do vicioso asfalto,
A Beatriz chlorotica que inspira
Os Dantes de luneta e chapéu alto.

Dizia-me o outro dia um bom sujeito,
Bardo mais puro do que o puro arminho :
«A poesia prosegue de tal geito,
Que as musas morrem, se encarece o vinho.

✓ «A c'rôa de loureiro, a c'rôa eterna
Que de Homero cingiu a larga fronte
Eil-a agora, nem sei como isto conte,
Pendente dos umbraes de uma taberna!»

✓ Um outro poeta respondeu-lhe : «Amigo,
Desgraçada poesia, se assim fôsse !
Quem despreza o sabor do vinho antigo
Não passa d'um poeta d'agua doce.

«Se d'esta vida no sarçal ardente
Já não desce das fulgidas alturas
O maná que descia antigamente,
Como resam as Santas Escripturas ;

«Se á mingoa feneceu o bom Filinto
E o sublime Camões de fome expira,
Se já não ha judeu que empreste um pinto
A quem tem por destino tocar lyra ;

«Arrastemos as cruzes aos calvarios,
Descançando por vezes no caminho
Para alentar-nos, desditosos Marios,
C'uma gota de amor ou de bom vinho.

«O amor, o amor! um seio casto e brando!...
O vinho, o vinho, a celica frescura!
O vinho quando é bom, dizia um cura...»
Mas deixemos o cura. Reatando,

Direi ao meu carissimo leitor
Que vou sempre seguir em linha recta,
Deixando a linha curva ao tal poeta
Que é tambem um soffrivel... bebedor.

E, para comprovar este preceito,
Vou dizer desde já quem era a dama
Cujó lubrico olhar lançou no peito
Do meu pudico heroe tão viva chamma.

Ninguem ao certo saberá dizer
Se era filha de Christo ou de Mafoma ;
Louca bohemia do amor e do prazer,
Nasceu no Egypto, na Turquia, em Roma?

✓ | Vão lá saber onde nasceu a estrella
| Passando no azul da immensidade !
| Se o vinho é bom e se a mulher é bella,
| Que faz ao caso a certidão de idade !

Inda Cadiz não viu, nem viu Sevilha
Dois olhos tão febrís e tentadores,
Borboletas voejando sobre as flôres,
Meio occultos na sombra da mantilha.

Tinham em si uns morbidos venenos,
Uns philtros de suavissima loucura,
Como dois lagos tepidos, serenos,
Mudos abysmos de lascivia escura.

✓ | Eram cisternas, mysteriosas, calmas,
| A ressumbrar um languido amavio
| Que endoidecia, mergulhando as almas
| Em ondas quentes de luar sombrio.

D'aquelle olhar ás settas luxuriosas
 Irrompiam desejos sensuaes,
 Como irrompem, bracejam vigorosas,
 Ao vivo sol, as plantas tropicaes.

Era a deusa sinistra do peccado ;
 Tinha nas fórmas tragicas, austeras,
 ✓ A doçura d'um fructo aveludado
E a energia terrível das pantheras.

Attribuiam-lhe historias caprichosas,
 E, em longinquas, fantasticas viagens,
 Scenas phenomenaes, escandalosas,
 Succedidas com *altos personagens* . . .

Uns, affirmavam que era de Sevilha ;
 Outros, diziam que era italiana,
 Que nascera em Milão e que era filha
 D'um cardeal que amára uma cigana.

Tinha uma lenda escura, surprehendente,
 Chamavam-lhe condessa os seus criados ;
 Comtudo, nos velinos perfumados,
 Ella assignava — *Imperia* — simplesmente.

A's vezes, quando ria, entremostrava
Uns dentes brancos, solidos, eguaes,
Dentes de fera que o desejo crava
Entre o estertor das noites sensuaes...

O seu andar tranquillo e victorioso,
Com vibrações altivas, sobranceiras,
Lançava n'alma o fremito imperioso
Das deslumbrantes musicas guerreiras.

✓ Havia um sabio, astronomico profundo,
O maior sabio dos modernos povos,
Que por nada entender cá d'este mundo,
Andava a descobrir uns mundos novos;

O triste visionario dos espaços,
Ao vêr passar a minha bella, um dia,
Partiu o telescopio em tres pedaços
E mandou ao diabo a astronomia.

Um nedio fradalhão de larga venta,
— Avinhado tonel de santidade, —
Que ribombava horrisona tormenta
Contra os vicios fataes da nossa idade;

Vendo a gentil, ingrata peccadora,
Sentiu do amor as puas lancinantes,
E suspirou, pombinha arrulhadora :
«Coitadinho do padre sem amantes!»

E entre o delirio da paixão insana,
(E paixão que se occulta em sobrep'izes!)
Chamou-lhe a casta virginal Suzana!...
Pois se elle era da raça dos Juizes!

Houve tambem um rei que dava o sceptro
Só por beijar-lhe a pallidez da face.
E bardo mais gentil vendera o plectro,
Se ainda houvesse alguém que lh'o comprasse.

O mais santo dos santos Franciscanos
O céu trocára por dizer-lhe : és minha!
E eu sei mesmo de alguns republicanos,
Que até seriam reis com tal rainha.

Caprichosa e fatal, os seus amores
Mudava-os como as rosas do toucado ;
E a cada instante renasciam flôres,
Se alguma d'ellas tinha já murchado.

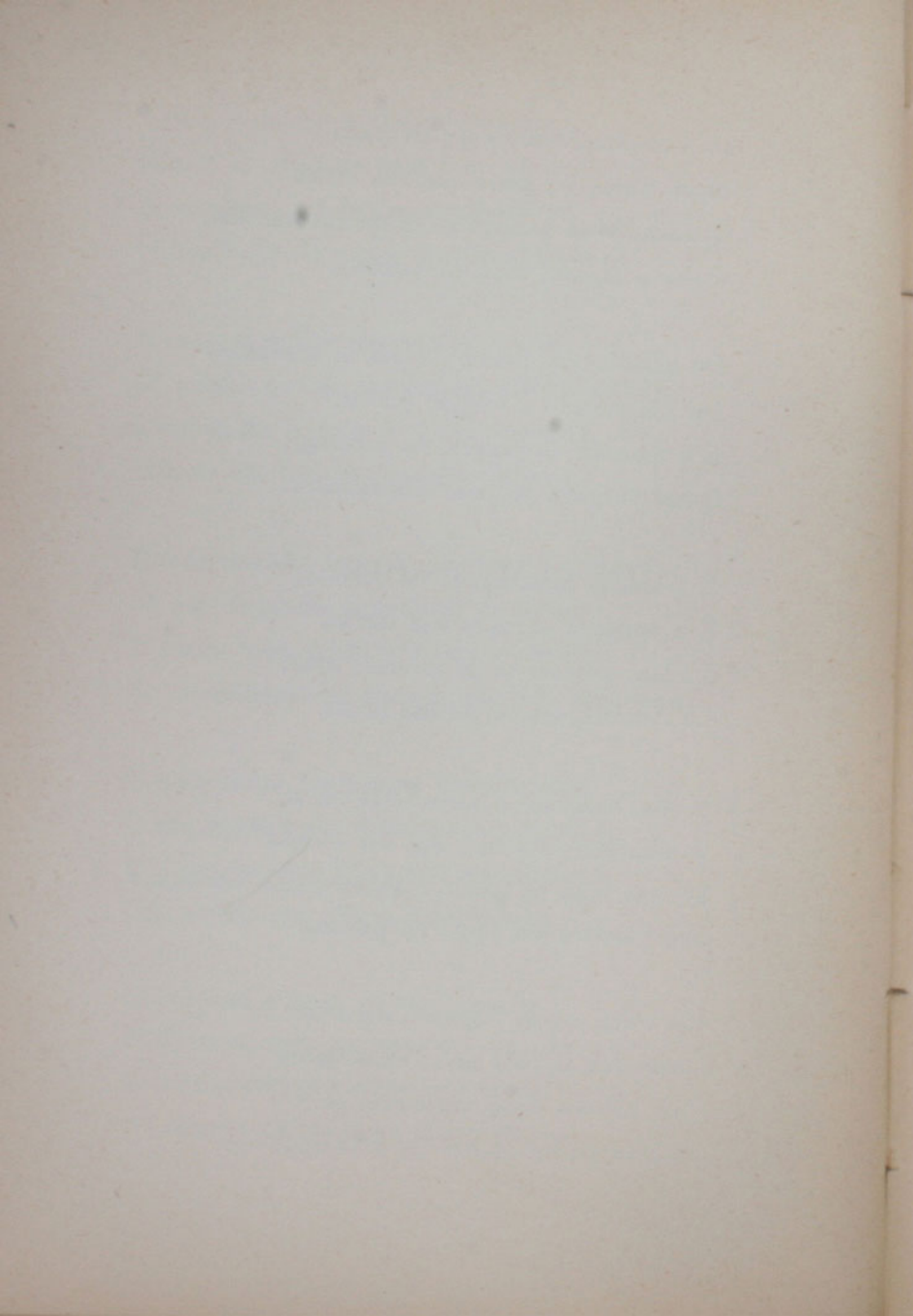
Os corações repletos de alvorada
Eram urnas de amor que ella bebia,
Quebrando-as sempre ao despontar do dia
Como a famosa taça da ballada.

De quando em quando, abria ás multidões
Do seu palacio o fulgido portal,
E a mansão do prazer, da saturnal,
Quasi vergava ao peso dos milhões.

E o manto esfarrapado da realeza,
E a purpura sagrada das tiaras,
Lá iam acurvar-se ás mesmas aras,
Lá iam disputar a mesma presa.

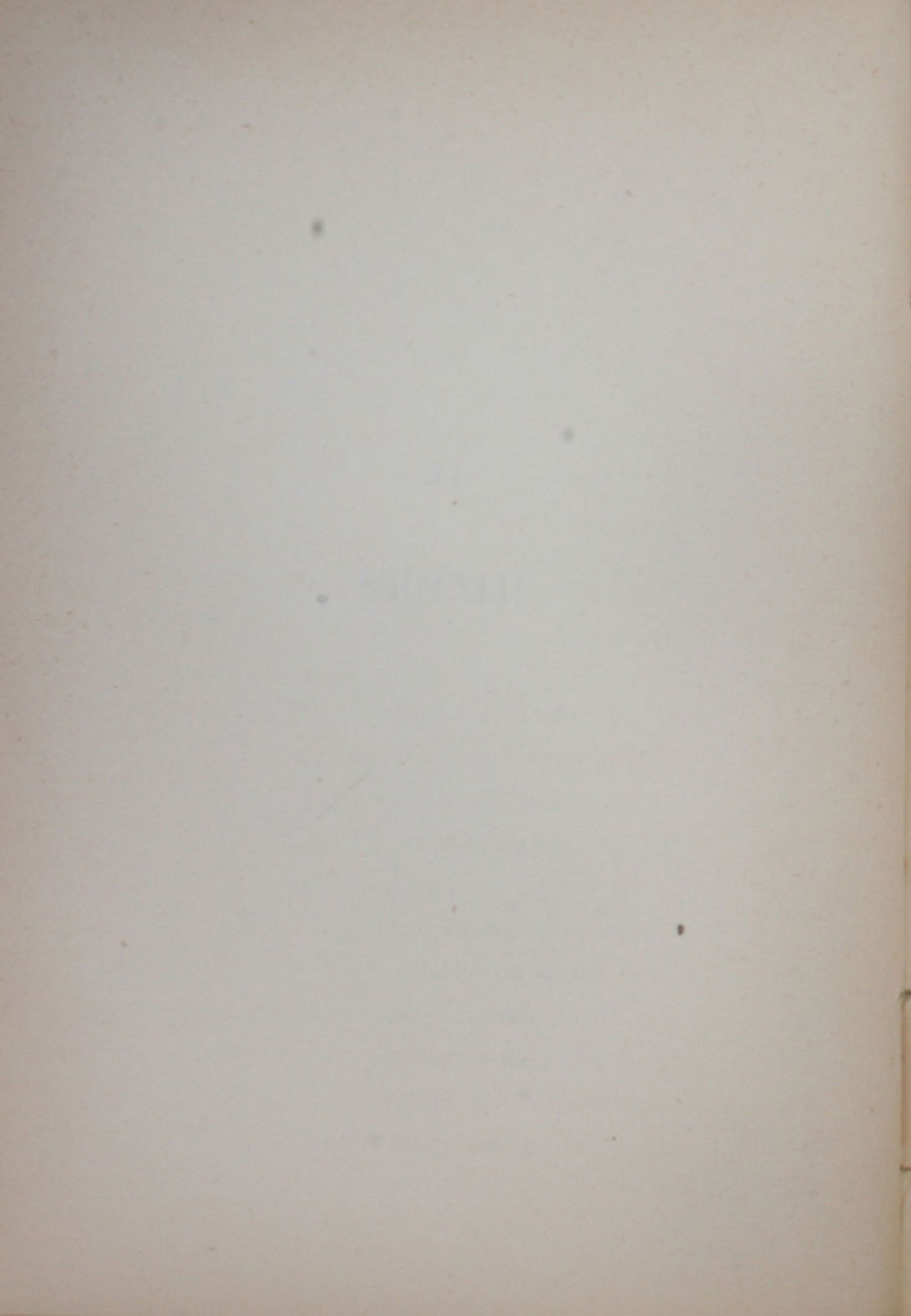
E ella, soltando a turbulenta coma,
Vendia-lhe mais caro um seu sorriso
Do que inda ha pouco o Padre Santo em Roma
Nos vendera um logar no paraizo.

Eis n'um esboço rapido, imperfeito,
Quem era aquella mysteriosa dama
Cujo lubrico olhar lançou no peito
Do meu pudico heroe tão viva chamma.



IV

ILLUSÕES



IV

ILLUSÕES

O pobre do meu cantor
Passava as noites e os dias
Debaixo das gelosias
D'aquella sinistra flôr.

Com ella no pensamento
Alli dormia ao relento
Em noites de lua cheia:
Sonhava ouvil-a cantar,
Mas eram ondas do mar
Que vinham morrer na areia...

Ardendo em louco desejo,
Cuidava que a branca fada
Vinha dar-lhe um doce beijo...
Era a lua immaculada
Que o doce beijo imprimia
Na sua face esmaiada...

E assim alegre vivia,
Tão cheio d'essa illusão,
Tão cheio de luz, de soes,
Que parece que trazia,
Em logar de coração,
Um ninho de rouxinoes !

Uma vez, indo a passar
Perdido em sonho indeciso,
A Messalina gentil
Lançou-lhe um lubrico olhar
E murmurou n'um sorriso :

«Alli vae o meu amado :
E' um pobre passarinho
Que veio fazer o seu ninho
No beiral do meu telhado...

O fluido d'aquelle olhar
Foi como nuvem de incenso,
Toda cheia de luar,
Em que elle andava suspenso
Lá nõ fundo azul dos céus,
N'esse abysmo de esplendor
Onde creio que até Deus
Terá desmaios de amor!

A Astarteia caprichosa
Por vezes tinha desejo
De crestar a linda rosa
No fogo impuro d'um beijo...

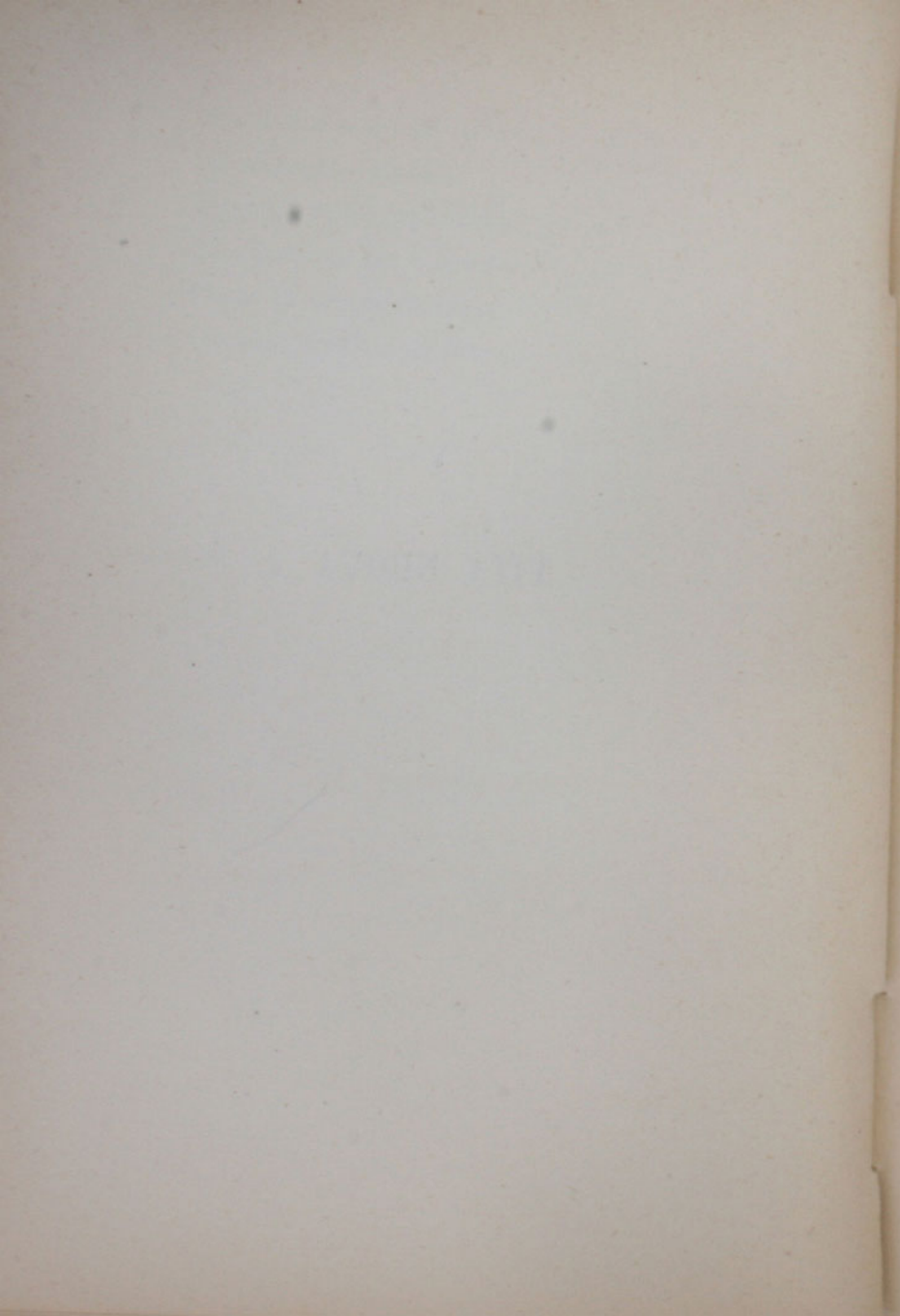
Mas aonde ha coração
Por mais de pedra que seja,
Que vá esmagar no chão
Uma flôr abandonada
Que a custo medra e viceja
A' beira da nossa estrada?

Por isso o triste poeta,
Preso da voz da sereia,

Vendo nos olhos de Aidea
Os olhos de Julieta,
Vivia ebrio de esp'ranças
Em ninho de luz e amores,
Como só vivem creanças,
Ou suas irmãs — as flôres.

V

VITA NUOVA



VITA NUOVA

Os versos que ahí vão, modelo da poesia
Ultra-peninsular,
Encontrei-os, leitor, na velha mercearia
D'um nobre titular.

Entre os rotos papeis que dormem pelas tendas,
Nos crassos mostradores,
Vão perder-se hoje em dia as amorosas lendas
Dos nossos trovadores.

A gente encontra alli a historia dos Othelos,
Versos sentimentaes,
Calculos de agiota e folhas de libellos
E restos de missaes.

Vou muitissima vez ás lojas dos burguezes
Onde ha queijos londrinos,
Para comprar barato os versos portuguezes
E os classicos latinos.

Foi assim que eu achei ha tres ou quatro dias
A preciosa gemma,
Os ternos madrigaes, as infantis poesias
Do heroe do meu poema.

Tenho nas minhas mãos o unico original
Completo e verdadeiro ;
O papel é almasso e a lettra é garrafal
Como a d'um bom caixeiro.

De resto, emquanto á graça e merito das trovas,
São coisas de rapaz :
De quando em quando têm certas imagens novas,
Que não são muito más.

Mas no entanto eu queimei, sem licença do auctor,
Poesias de cordel
Feitas no velho estylo, o estylo trovador
de Serpa Pimentel.

Já me tinha esquecido : ha uma nota no fim
Dos versos manuscriptos ;
A lettra é de mulher e a nota diz assim :
«Para embrulhar palitos.»

A nota que fechou com excellente prosa
Esta arte de amar
Explica-nos, leitor, a estante indecorosa
Onde eu a fui achar.

VITA NUOVA

(Poema do amor)

O amor é escada sublime,
Vasta, immensa, luminosa,
Que prende o filho do crime
Ao doce olhar de Jesus;
E' lingua de fogo eterno
Que ascende vertiginosa
Dos sorvedoiros do inferno
Aos sorvedoiros da luz.

Se o fogo de mil crateras
Tombasse sobre o universo
E mar e homens e feras
Ficasse tudo submerso,
Embora! Passado um dia,
N'um angulo de rocha,
Onde a urze desabrocha,
O amor desabrocharia.

(D'um poeta desconhecido.)

I

Ao vêr-te o languido rosto,
O olhar suavissimo e brando,
Como quem anda scismando
N'algun intimo desgosto;

Ao ver-te aquella expressão
Dos olhos negros, profundos,
Que a gente pensa que estão
Pregados lá n'outros mundos.

Como o olhar d'um cherubim
Se enlaça no olhar de mãe
Ao ver-te scismar assim,
Fiquei scismando tambem.

Immerso em volupia tanta,
Pairava n'um doce effluvio,
Como a barca sacrosanta
Sobre as aguas do diluvio.

Nem tu de certo imaginas
Todo o bem que me fizeste
Lançando ao pó das campinas
Teus olhos, lyrio celeste!

Eu era a flôr que nasceu
Escondida entre os abrolhos:
Chegou-me a luz dos teus olhos
E vi logo a luz do céu.

Como andorinha ligeira
Leva no bico uma flôr,
Levaste-me a vida inteira
Na aza do teu amor.

Quem tivera mil amores
Para todos t'os mandar,
Como um punhado de flôres
Que andam dispersas no ar...

Que martyrio inda não visto,
Ai! que martyrio sem fim,
Se eu podera ser o Christo
E tu a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante,
E dei de cara contigo,
E tu lançaste ao mendigo
O teu olhar — um diamante.

E eu, levantando do chão
A esmola, o candido aljofre,
Metti-o dentro d'um cofre
Metti-o no coração.

Meu coração é quadrante,
Quadrante do meu desejo :
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

Como alampada sombria
Balouçando a frouxa luz
Por defronte d'uma cruz
Toda a noite e todo o dia :

Assim paira esta minha alma
Deante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos céus a luz da lua...

II

Não ha roseira ou jasmim
Com tal doçura e fragrancia :
Ainda vens a distancia
Já te eu sinto ao pé de mim !

E apenas, lyrio celeste,
Me lembro d'aquelle olhar,
Logo a alma se me veste
Com um manto de luar...

E quando passas então
Fica tudo illuminado,
Como se houvera passado
Algum divino clarão...

Cáe a sombra dos espaços,
Já vaes ao longe... no entanto
Ainda ouço os teus passos
Como o murmurio d'um canto.

E até depois de perdida
Vejo-te ainda nas trevas!
Vejo sim!... porque me levas
Meu thesouro, minha vida!...

III

Como tremem crystalinos
Os aljofares do céu,
Como treme a flôr na haste,
Assim minh'alma tremeu
Quando os teus olhos divinos
Sobre os meus olhos pousaste...

Talvez se fizesse idéa
Da graça d'aquelle olhar,
Fundindo um raio de aurora
Com um raio de luar...

Do teu doce olhar profundo
O serenissimo effluvio
Deixa a alma n'um diluvio
De harmonia!

O' rosa pura do azul,
Aquelle olhar columbino
Foi como o oleo divino
Sobre a fronte de Saul...

Encheu-me todo d'um fluido,
D'um aroma, d'uma graça,
D'uma luz, d'um som... que emfim
A's vezes, filha, até cuida
Que é algum anjo que passa
Cantando por sobre mim!

Trago a alma tão alegre,
Tão fresca, tão perfumada
Como um ramo de lilaz
Ao despontar da alvorada!

Parece que a tua mão,
Ao luar em noites bellas,
Me repassa o coração
De algum dilúvio de estrellas!...

E quando sonho até creio
Sentir aereo, fremente,
Sobre o meu teu niveo seio,
Bem como em deserta plaga
Se vê morrer docemente
Sobre uma vaga outra vaga...

E' que o somno dos amores
E' só um effluvio de esp'ranças,
Como o dormir das creanças,
Ou como o dormir das flôres...

IV

Quando a lua se alevanta
Cheia de pallida luz,
Como o rosto d'uma santa,
Como a face de Jesus ;

Tambem eu, n'um vôo immenso,
Remonto ao céu dos amores,
Como o perfume das flôres
Ou como nuvem de incenso

Quando dorme a branca lua
N'um clarão incerto e vago,
Como um cysne que fluctua
Nas aguas mansas d'um lago ;

Tambem est'alma languesce
Ao vêr-te, rosa de luz,
Como vîrgem que adormece
No supedaneo da cruz . . .

Quando a lua vae medindo
No céu a curva do amor,
Como lagrima cahindo
Pela face do Senhor ;

Tambem minh'alma dolente
Busca teu seio de arminho,
Como a ave busca o ninho,
Como Ophelia na corrente . . .

V

Amei, vivi ; agora
Eis terminada a festa . .
Amei ! já nada resta
A' luz da minha aurora.

Eu vi a noite, o luar,
Os grandes esplendores,
As arvores, o mar,
O céu azul, as flores...

Vivi. E emfim, Senhor!
Ergueu-se no horisonte
O sol d'aquella fronte,
O sol do meu amor.

✓ | O amor é lei de Christo,
Fiz d'elle a minha cruz...
Amei-te, pomba!... e n'isto
A vida se traduz.

Resta morrer. Então
Que venha a morte agora,
Para morrer na aurora,
Ao som d'uma canção.

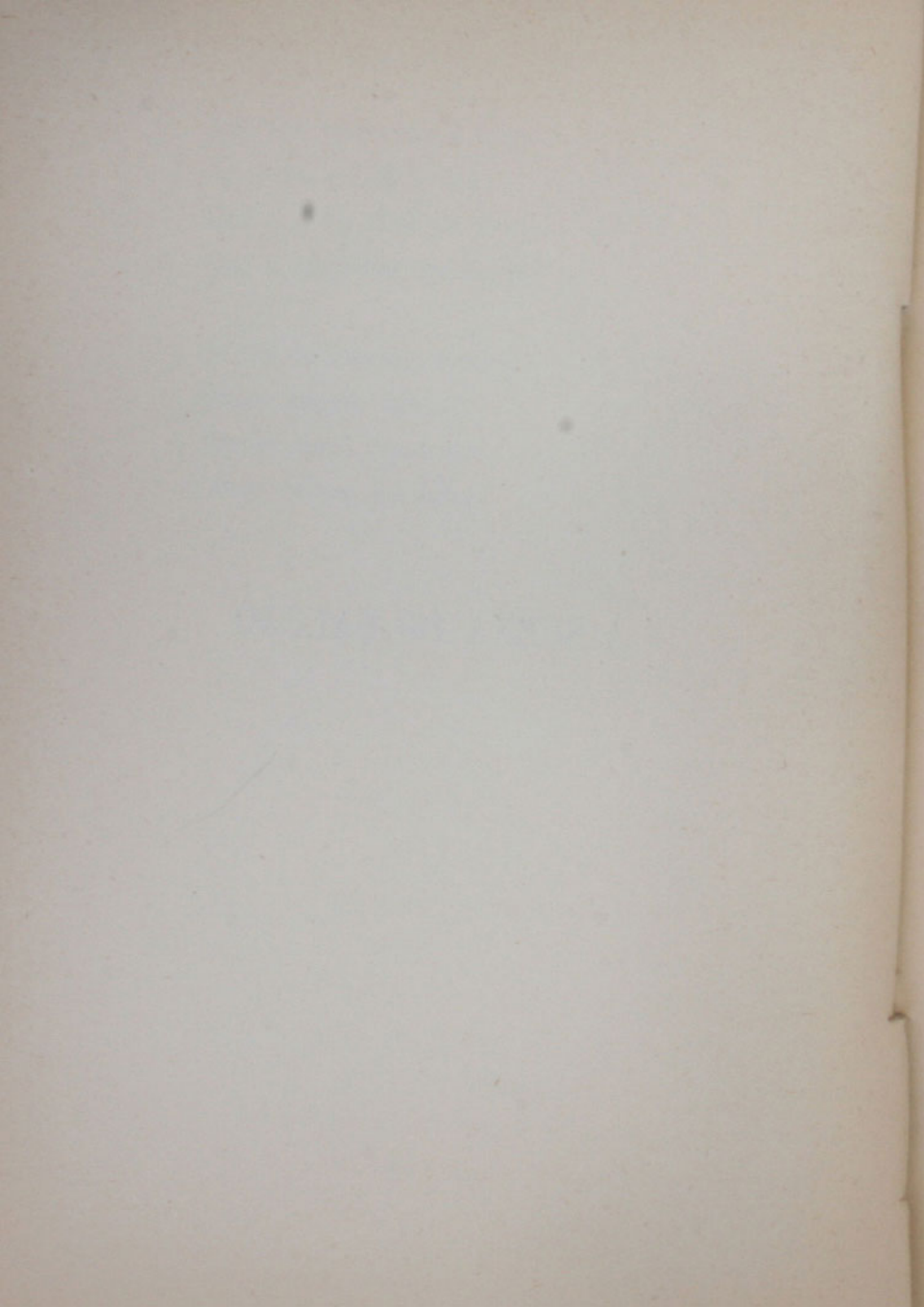
Est'alma immaculada
Quero leval-a a Deus
Ainda embalsamada
Do mel dos labios teus!...

Não vá roubar-me a terra
As gotas de ambrosia
Que o peito meu encerra,
Que o teu olhar me envia!

Se hei de morrer, Senhor,
Quero morrer agora!
Morrer cheio de aurora,
Cheio de luz, de amor!

VI

A SCENA DO BALCÃO



VI

A SCENA DO BALCÃO

Era uma noite limpida de agosto.
Ia o azul do céu já desmaiando ;
Da lua cheia o merencorio rosto
Esbatia-se pallido, alvacento ;
Pois se ella toda a noite andou velando !
Pois se ella não dormiu um só momento !
Tambem a namorada
Que em noites de luar anda ao relento
Tem de manhã a face desbotada . . .

Isto, quem tem amores
Só descança ao romper a luz do sol,
Quando acordam as flôres
E quando vae deitar-se o rouxinol.
Sob as janellas da lasciva Imperia,
Cantava ainda o pallido poeta
Fina canção etherea,
D'uma volupia languida, secreta :

«Vem, meu amor, levanta-te do leito!
Não tarda a despontar a luz do dia;
Já sinto no meu peito
Cantar uma vibrante cotovia!...
Fugiu a sombra espessa;
Levanta-te, formosa!
Vem poisar no meu hombro essa cabeça
Perfumada de sonhos côr de rosa...
Se os sonhos vão em meio,
Levanta-te dormindo,
Acaba-os no meu seio!
Vem, pomba da arca santa!
Quero sonhar contigo um sonho lindo,
Iriado de trémulos harpejos...

Quero cingir essa real garganta
N'uma cadeia olympica de beijos!

.....

Deixa do somno os pallidos umbraes ;
Embebamos os peitos luminosos
N'estes frescos aromas virtuosos,
Sinceros, crystallinos, matinaes !

Vem, minha filha ! A madrugada clara
Pousa o pé côr de rosa na montanha ;
 O vento ondeia a seára ;
Vae pelo mundo uma alegria estranha...
O' da manhã crepusculo indeciso !
Momento mysterioso e sacrosanto,
 Doce como um sorriso
 Que luz por entre o pranto !
Meia hora de sonhos e de arminho !...
Tão casta como um intimo segredo
Que um labio virginal nos diz baixinho !...
Ri a luz entre as folhas do arvoredo
Com o riso infantil de cem creanças ;
 Voam as pombas mansas,

Nos alegres eirados luminosos ;
 E a branca estrella d'alva desmaiada
 Rebrilha, como perola encantada,
 Sobre o fundo dos lagos silenciosos.»

IMPERIA (*assomando ao balcão*)

Todo o rouxinol descança
 Apenas desponta o sol ;
 Vamos, deita-te, creança,
 Rouxinol !

O POETA

Eu sou mais pobre que os pobres,
 Mas venho dar-te um presente ;
 Ora vê tu se descobres...
 Que será ?

IMPERIA

Provavelmente
 Roubaste as estrellas de oiro,
 Roubaste a lua, o thesoiro
 D'uma noite oriental,
 E vens, com olhos profundos,
 Dar-me o systema dos mundos,
 Mettido n'um madrigal.

O POETA

Não rias, maliciosa!
Levantei-me cedo e vim
Para trazer-te uma rosa...

IMPERIA

Colhida no meu jardim.

O POETA

Como te enganas! a flôr
Que eu quero dar-te, princeza,
Foi um milagre de amor,

Criei-a com tal pureza,
Com taes mimos, tal frescura,
Que não ha um jardineiro
Que tenha no seu canteiro
Coisa tão rara e tão pura.

Vem cheia d'um triste effluvio ;
Reguei-a dias e dias
Com meus prantos...

IMPERIA

Que diluvio !

O POETA

Não rias de mim, não rias !
Entre tanta flôr que vês
Qual é a flôr mais formosa ?
E' a camelia ?

IMPERIA

Talvez...

A branca silenciosa.

O POETA

Chega tarde e morre breve...

IMPERIA

Sem calor, sem luz, sem Deus...

O POETA

Como um sorriso de neve...

IMPERIA

Sorriso dos labios meus.

O POETA

Ao vèl-a fria e silente,
N'uma manhã de janeiro...

IMPERIA

Parece o ai derradeiro
D'um coração indiff'rente
Que impederniu, que gelou...

O POETA

E' como um beijo de marmore...

IMPERIA

E' como os beijos que eu dou.

O POETA

Aroma, nunca o exhala...

IMPERIA

Se é muda! perdeu a fala.

O POETA

E' dia que não tem sol. . .
E' ninho sem rouxinol. . .
E' rouxinol sem amores. . .

IMPERIA

Seja tudo quanto queiras,
Mas deixemos as roseiras,
Que não é tempo de flôres.

O POETA

Enganas-te, minha amante.

IMPERIA

Uma camelia em Agosto
Foi coisa que eu nunca vi.

O POETA

Vaes vê-la no mesmo instante.

IMPERIA

Não acredito.

O POETA (*lançando-lhe uma camélia*)

Eil-a aqui.

IMPERIA (*pegando na flôr com alegria quasi infantil*)

Ai! que mimosa lembrança!

Inda bem que n'este dia

Tive um raio de alegria...

O POETA

E eu tive um raio de esp'rança...

IMPERIA (*sem o ouvir*)

A minha flôr predilecta!

Senti-me quasi creança

Quando a vi... no coração

Passou-me um breve clarão.

D'esses cantos perfumados,
D'essa alegria completa
Que sô têm...

O POETA

Os namorados.

IMPERIA (*ironica*)

Pois tenho pena... da flôr;
Antes Deus lhe dêsse espinhos
Contra o barbaro inclemente
Que a cortou unicamente
Por um capricho...

O POETA

D'amor.

IMPERIA

Cercaste-a de mil carinhos,
Trataste-a com mil disvelos,
E para que? para vêl-a...

O POETA

Como se fosse uma estrella,
Mettida nos teus cabellos.

IMPERIA (*examinando a flôr com sorriso ironico*)

Infeliz! mas na verdade
E' tão fresca, tão serena,
Tão delicada... que em summa
Confesso, tenho vontade

(*desfolhando a camelia*)

De lhe vêr uma por uma
Todas as folhas... Que pena!

(*pegando n'uma petala*)

Onde ha face de mulher,
Por mais suave e mais pura,
Por mais mimosa que seja,
Que tenha tanta frescura
Como esta petala?!

Veja...

(*continúa a desfolhar a camelia*)

E diga o meu namorado
Se já viu coisa mais linda,
Ou nada mais delicado!...

Pois, havendo taes primores,
 Como é que existe ainda
 Um coração que endoideça
 Correndo em busca de amores?!

(deixando cair a flôr desfolhada)

E' melhor amar as flôres...

O POETA

Por isso a amo, condessa.

IMPERIA

Já não ha e é coisa triste,
 Suspiros de Julieta...

O POETA

Porém o amor ainda existe,
 Porque ha Romeus...

IMPERIA

De luneta. ✓

Encolhe as lucidas azas,
 Foge de mim que te abrazas,

Foge de mim, trovador!
Não voltes mais! acredita,
Sou a arvore maldita,
A mancenilha do amor.

O POETA

E eu quero, lyrio celeste,
Dormir qual folha do outono...

IMPERIA

✓ Não voltes mais! se tens somno,
Deita-te ao pé d'um cypreste,

O POETA

✓ Os venenos fulminantes
Dos teus olhos triumphantes
Quero bebel-os, bebel-os,
E, depois de os ter bebido,
Mergulhar-me adormecido
Na treva dos teus cabellos.

IMPERIA

N'esse caso, meu amigo,
Vem á noite ter commigo.

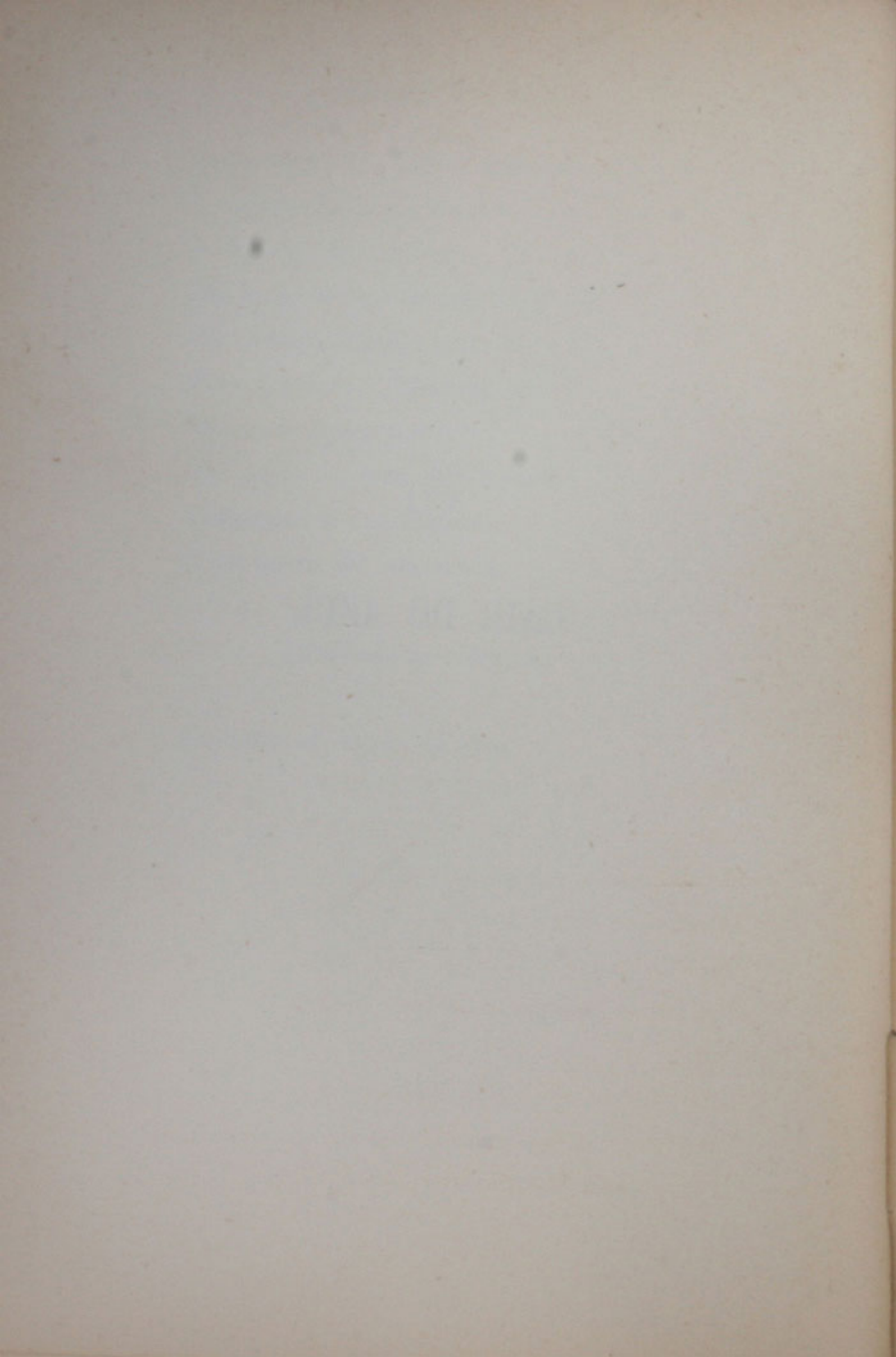
Que estarei só. Vae-te embora. .
Já branqueja a luz do dia,
E o canto da cotovia
Sauda os brilhos da aurora.
Em summa, desejo amar-te ;
Vem á noite. . . Shakespeare
✓ Manda-te agora partir ;
Por quem és, meu filho ! parte !
Despontou a madrugada,
E eu quero ser namorada,

(fechando as vidraças)

✓ Segundo as regras da arte.

VII

CAIR DO AZUL



VII

CAIR DO AZUL ✓

✓
Findára a orgia. Pelo azul da esfera
Vae sorrindo ás montanhas pensativas
O esplendido luar da primavera.
Dormem enfim os lubricos convivas,
Como se o beijo extremo lhes houvera
Juntado as mornas palpebras lascivas.

✓
Eil-os agóra os mudos gladiadores
Em cahoticas trevas submergidos,
Trevas convulsas de infernaes amores.

✓ Brilham no chão os calices partidos ;
 E em vasos de alabastro as murchas flores
 Pallidas sônam com vergeis floridos . . .

✓ Esse que alli dormita, essa creança
 Ficou hontem de luto, e veiu agora
 Gastar na orgia a cubiçada herança.
 Como dorme tranquillo ! . . . E a esta hora
 Na valla escura em que seu pae descança
 Chovem sómente as lagrimas da aurora.

Outro deixou a esposa abandonada :
 Bate-lhe á porta a tentação impura . . .
 Vê os filhos na enxerga esfarrapada ;
 O armario não tem pão ; a noite é escura . . .
 ✓ Choram as creancinhas . . . Desce a escada
E abre a porta á deshonra que a procura.

Aquelle é sacerdote, é missionario :
 Nos braços luxuriosos das amantes
 Anda fazendo a cruz do seu calvario . . .
 ✓ Resona alli no chão. D'aqui a instantes
 Ha de ir beijar a hostia do sacrario
 Com os seus grossos labios flammejantes.

Um Falstaff burguez, oleoso, alvar,
Com as côres do arco da alliança,
Dá urros de quem quer arrebentar,
Monstro voraz de sordida pujança,
✓ Que coisas bestiaes n'aquelle olhar!
Que tragedias, meu Deus, n'aquella pança!

Onda de carne em que o veneno estua,
Doce veneno que embebeda e mata,
A tentadora Imperia, quasi nua,
Sobre um divan de purpura escarlata
✓ Dorme languidamente, como a lua
Desabrochando o calice de prata.

Preza gentil, cercada pelas feras,
Repoisa entre os convivas, os chacaes,
Sobre o leito das morbidas chimeras...
Nada-lhe o corpo em fluidos sensuaes,
✓ Na indolencia nervosa das pantheras
Entre os fulvos, altissimos juncaes.

✓ Como torrentes negras de desejos,
Revoltas caem-lhe as ondeadas comas;
Tem não sei que de tremulos harpejos

✓ No suavissimo arfar das niveas pomas...
 Sae-lhe do labio um fremito de beijos,
 Como d'um vaso a trasbordar de aromas.

✓ Ao vê-la assim dormir, a alma sente
 Vagos mysterios de insondado mar...
 Ha n'esse corpo languido, dormente,
 Como um philtro subtil que faz sonhar
 Nas curvas luxuriosas da serpente,
 ✓ Na luz avelludada do luar.

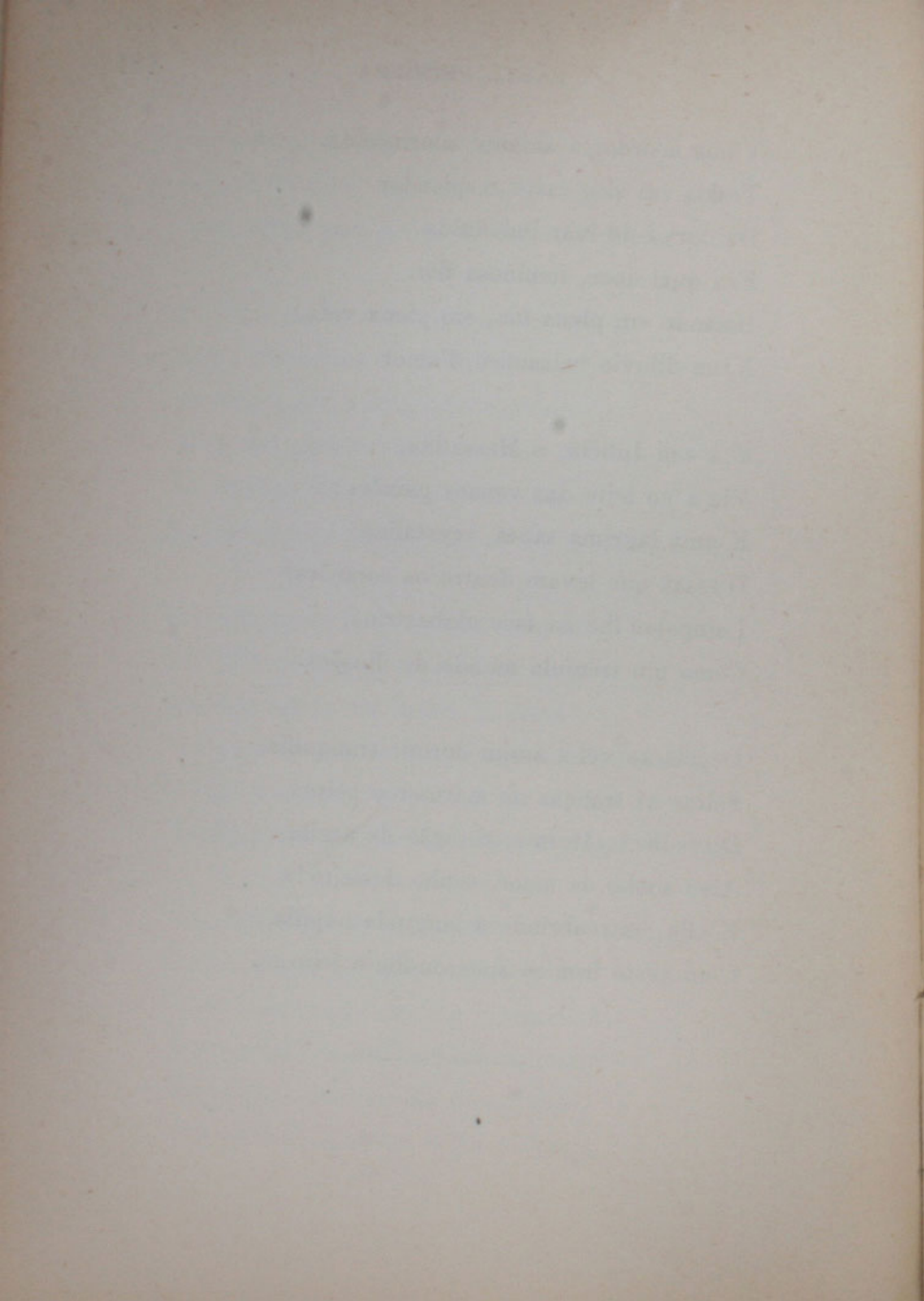
✓ Morbida treme a alampada sombria.
 Boceja o vinho em crystalinas taças;
 Sente-se ainda um halito de orgia,
 Como um murmurio das canções devassas.
 Rompe a manhã; e a clara luz do dia
 Contempla triste aquellas fronteas baças.

✓ E o pallido poeta enamorado
 Entrou n'esta desfeita bachanal,
 Como quem entra em céu immaculado.
 ✓ A sua alma era um limpido crystal;
 Mais alegre que um dia de noivado,
 Mais pura do que um beijo maternal.

Vinha acordar a amante adormecida.
Trazia em si o casto resplendor
Da curva do luar indefinida. .
Era qual doce, luminosa flôr,
Boiando em plena luz, em plena vida,
N'um diluvio balsamico d'amor.

E a sua Julieta, a Messalina,
Viu-a no leito das venaes paixões;
E uma lagrima santa, crystalina
D'essas que levam dentro os corações,
Lampejou-lhe na face alabastrina,
Como um trémulo mundo de illusões.

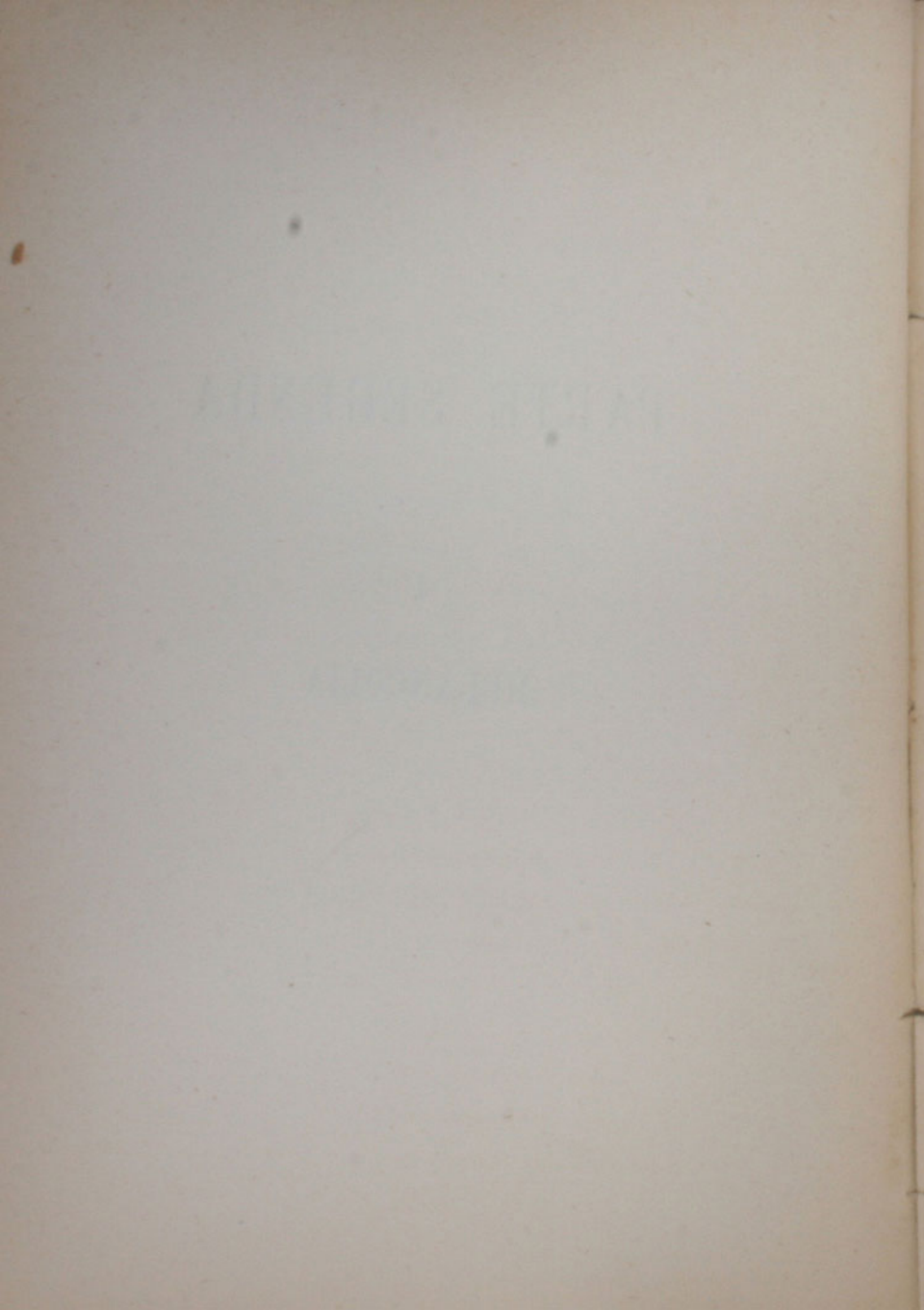
Depois ao vê-la assim dormir tranquilla,
Soltas as tranças no marmoreo peito
Disse-lhe: «Dorme, coração de argila,
Alvo sonho de amor, sonho desfeito!»
E ella, entreabrindo a languida pupilla,
Com gesto ironico apontou-lhe o leito...



PARTE SEGUNDA

I

MELANCOLIA



MELANCOLIA

A NOITE

Eu vou esplendida e calma
Da luz no immenso diluvio!
Meu seio tornou-se effluvio,
O effluvio tornou-se em alma...

✓ | Dos astros o sorvedeiro,
| Profundamente arqueado,
| E' como um cedro vergado
| Ao peso dos fructos de oiro.

Dormem os monstros e as feras
Ao pé dos lyrios suaves ;
Descanta a luz das esferas,
Rebrilha o canto das aves.

A lua, pastor bemdito,
Com seu rebanho de estrellas,
Vae vendo se alguma d'ellas
Se perde pelo infinito.

✓
Sonha a flôr, lampeja a vaga...
Alma, astro, pensamento,
Tudo se abysma e se alaga
No grande deslumbramento !

De Deus ao cantico eterno,
Abrem-se as portas do inferno,
Abre-se o mar da harmonia !

O POETA

E a minh'alma dolorida,
Como avesinha sem vida,
Fecha a palpebra sombria.

UM ROUXINOL

Vem meiga a brisa da escarpa,
Canta, canta, trovador!

O POETA

✓ | Não posso! não tenho harpa,
Quebrei-lhe a corda do amor.

O LUAR

Deus nas ondas do universo
Deixou-te um farol — a cruz!

O POETA

✓ | Quem anda em trevas immerso
Não póde olhar para a luz.

O FIRMAMENTO

Pois se a voz, a lyra, o canto
Em negra noite corrupta

Se perdeu,

✓ | Chora, meu filho, que o pranto
E' harpa que Deus escuta
Lá do céu!

Do amor o pranto desfeito
Não cáe em lobregas furnas...

OS LIRIOS

✓ | Talhou-nos Deus nosso peito
| A' similhaça das urnas.

A TERRA

Abrem-se as rosas gentis
Ao pranto que a manhã chora...

O POETA

✓ | Que valem prantos da aurora
| Caindo em sêcca raiz!

A SOMBRA

Deus á suprema desgraça
Deixou allivio divino...

O VENTO

Que o diga a folha que passa...

O POETA

Folha, onde vaes?

A FOLHA

Ao Destino.

✓ | Vivi apenas um dia ;
Levada na aragem fria,
Pergunta a Deus onde vou...

DEUS

✓ | Folha de rosa pendida,
Tu vaes, imagem da vida,
A' Vida que te mandou.

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

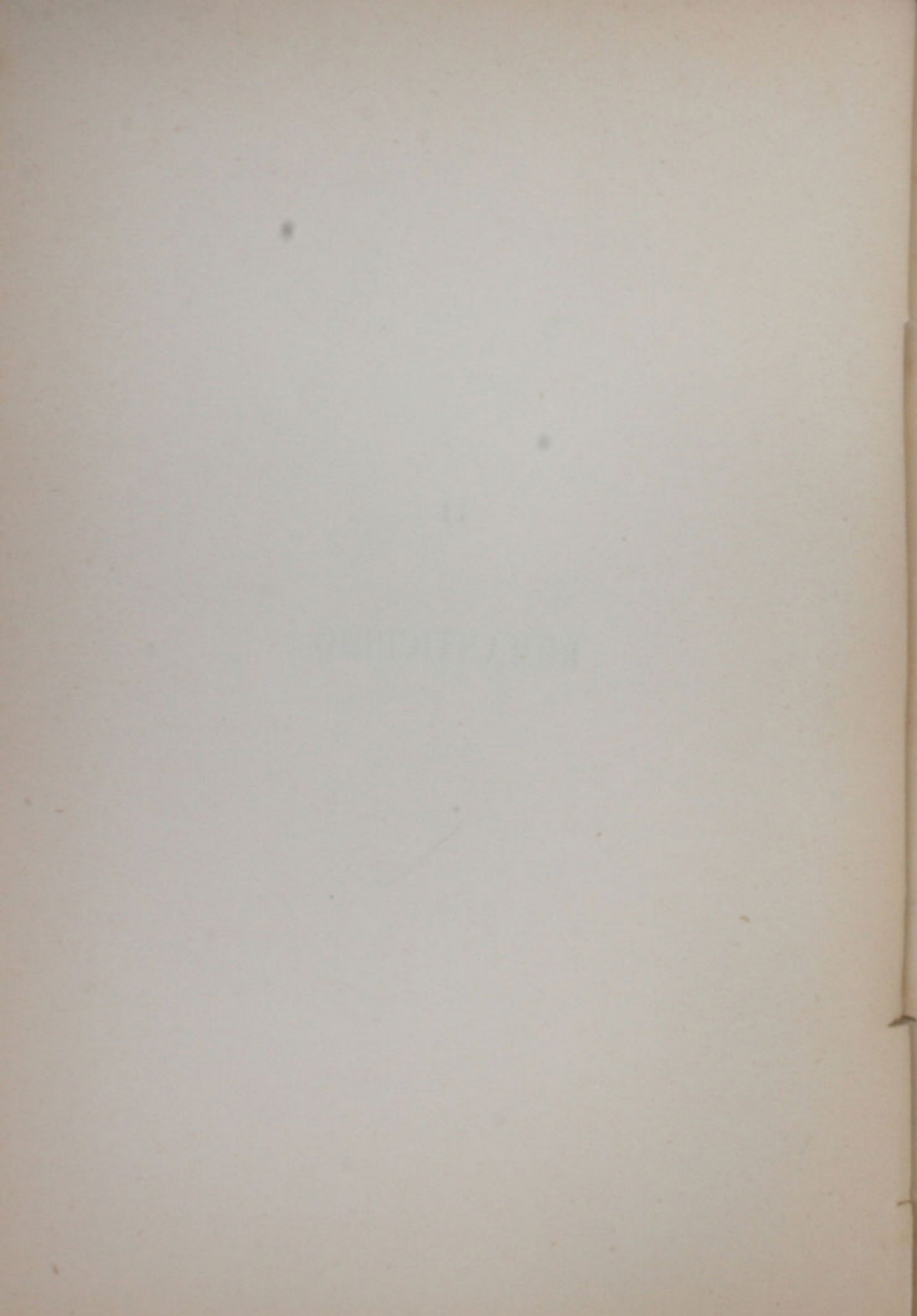
1881

1882

1883

II

ROMANTICISMO



II

ROMANTICISMO

Nenhum astro, sequer, do céu no torvo engaste!
E a metropole immensa, em singular contraste.
A resplender de luz; ao longe dir-se-hia
Que os céros divinaes depois d'alguma orgia
Partiram, cambaleando, a abobada do espaço,
Caindo sobre a terra um fulgido estilhaço.

Na solidão da noite erma, infinita,
— Deslumbrante sarcófago, — crepita

O vasto lupanar :

Corre a turba pagã ao sacrificio...

✓ E os ventos batem na mansão do vicio,

Como um conviva que deseja entrar.

Recruzam-se nas salas

As Venus sensuaes,

Branças como as opalas,

Frias como os punhaes.

E os Faustos impotentes,

Faustos de lupanar,

Ao verem essas carnes florescentes,

Não podendo mordel-as com os dentes,

Mordem-n'as com o olhar.

Passam tambem as cortezãs antigas,

As estatuas de gesso

Que ha trinta annos foram raparigas,

E que inda hoje por um alto preço

✓ Vendem nas entrevistas

Sorrisos fatigados,

Comprados aos dentistas.

Foram essas lindas creaturas
Que atravessaram duas gerações
 Abrindo sepulturas,
Manietando ao corcel das aventuras
 Os dandys e os milhões.
Volteiaram na esplendida voragem
 Do gaz e do champagne,
✓ Fazendo do seu corpo uma estalagem,
Do seu amor um mastro de *cocagne*;
Por seus encantos lubricos, sinistros,
 O juiz vendeu as leis ;
Dormiram nas alcovas dos ministros,
 Dos principes, dos reis . . .
E inda agora essas frias cortezãs,
 Esqueletos banaes,
 Gastos pelos can-cans
 De trinta carnavaes,
Passam, rindo, na valsa doudejante,
Carminadas, postiças, theatraes.
✓ Velhos corpos, desfeitos, resequidos
 Onde o ultimo amante
Vae pendurar os ultimos vestidos.

Andam no ar os sonhos deshonestos ;
A fantasia — a occulta debochada —
Nem recúa deante dos incestos.

Impetuosa, vermelha, aguardentada,
Vae polluindo tudo :

Ella atravessa as rendas e o veludo,
Despedaça as bretanhas pudibundas,
Enrosca-se na carne alabastrina,
Solta em delirio exclamações immundas !

E trémula de goso inda imagina
Requintes mais insanos,
Luxurias mais sombrias
Que em todas as orgias
Dos Cesares romanos

Ferve a espuma das rendas de Lyão,
A dança redemoinha em turbilhão
Vertiginoso, espesso.

Arfam os seios brancos.

Reluzem joias de milhões de francos
Em corpos triviaes do mesmo preço.

A orchestra em furia insana,
Desvairada, brutal, americana,

Corta o ar de apoplecicas tormentas

De musicas enormes.

Rugem brilhando as sedas opulentas.

Passam os uniformes

✓ Manchados de gran-cruzes.

O crepitar nevralgico das luzes,

O aroma, o som, os fremitos, os beijos

Lançam nos craneos scintillantes prismas..

As almas e os desejos

Pulam como aneurismas.

Vae rompendo a manhã.

Desenfream-se os saltos do can-can ;

Erguem-se os pés á altura do nariz ;

E apanham-se os vestidos ás mãos cheias,

Com a graça irritante das sereias

Dos bordeis de Paris.

Os labios dizem coisas monstruosas

Que a tinta não descreve...

Amachucam-se as rendas preciosas

Mais alvas do que a neve.

O champagne electrica

Os nervos irritados.

✓ Anda a vergonha em mangas de camisa

A rir como os soldados.

Os olhos têm lampejos de metal,
Uns lampejos famintos ;
E' a orgia da besta, do animal,
A orgia dos instinctos.

A orchestra toca as derradeiras valsas
Com doido frenesim !

Vão caindo no chão as tranças falsas ;
Derretem-se as pomadas e o carmim.
As fantasias loucas, purpurinas,
Rebentam como as minas
Em explosões lascivas, flammejantes...

E nos peitos suados, gordurosos,
Como grandes escarros luminosos,
Ardem os diamantes.

No entanto, Imperia, a tragica orgulhosa,
Deixando os seus convivas enbriagados,
Adormeceu na alcova silenciosa.
Alabastrina lampada tremente
Lança vagos clarões purpureados
No mysterioso ambiente.
Fulgem discretamente
Os limpidos crystaes.

Abrem-se na penumbra as rubras flôres,

Como vermelhos ais. ✓

Os arabescos de oiro caprichosos,

Representando amores,

Cravam brilhos mordentes, luxuosos,

Sobre as tapeçarias.

E os aromas e as côres,

Mais doces do que a alma de Mozart,

Cantam voluptuosas symphonias

N'aquella branda luz crepuscular.

Cáem no chão tranquillo

As dobras opulentas dos veludos.

Parece tudo aquillo

Como uma estufa de desejos mudos... ✓

E a cortezã dormita, embalsamada,

Pallida, mergulhada

De rendas brancas em preciosas nuvens.

As fórmãs do seu corpo exuberantes

Fazem lembrar as deusas triumphantes

Dos festins mythologicos de Rubens.

E junto ao leito o magro trovador,
Abysmado em ridicula tristeza,
 Contempla a branca flôr
Com um olhar de Moiro de Veneza.

O POETA

«Eil-a dormindo, socegada e fria,
Soltas as tranças pela espadua nua,
Retinta a face em pallidez sombria.

«Não dorme o lyrio santo á luz da lua
 Um somno tão suave,
 Somno de luz e arminho!
Nem é tão doce o collo d'uma ave,
Quando á tarde desmaia sobre o ninho.

«Não sei, ó minha amada,
 Não sei que vago efflúvio
Se exhala d'essa bocca perfumada,
 Que fico n'um dilúvio
 De trémulo fulgor. . .
Que eu fico em sonhos de volúpia immensa,
E julgo vêr-te languida, suspensa,
 Em habitos de amor!

«E comtudo essa alma que descança
 Tendo no labio um riso de creança,
 Um riso de donzella,
 E' tão negra, meu Deus, tão purulenta,
 Que em noites de tormenta
 O proprio abutre fugiria d'ella.

(A chuva bate impetuosamente nas vidraças. A tempestade redobra de violencia)

«O raio estala; que infernaes bramidos!
 Nenhuma estrella no sombrio engaste!
 Desfolha o vento os roseirae floridos...»

IMPERIA (*entreabrindo os olhos languidos*)

— «Rosas, fechae-vos, não tombeis da haste!...

O POETA

«Quero morrer ao teu lado,
 Ai, quero perder-me, filha!
 Venho deitar-me cansado
 A' sombra da mancenilha.

«Eu bem sei que has de matar-me,
 Que és o aspide entre as flôres ;
 Eu bem sei que has de levar-me
 Esp'ranças, crenças e amores.

✓ «Eu sei tudo... A vida-vôa,
 E é bello o leito dos noivos ;
 Que importa que a tua c'rôa
 De rosas seja, ou de goivos?!

✓ «Como o sol incandescente
 Sorve a lagrima vertida
 Sobre o calix-d'uma flôr,
 Eu quero, n'um beijo ardente,
 Que me sorvas alma e vida,
 Meu amor!»

IMPERIA

— «Tu és como a rosa gentil, purpurina,
 Ainda orvalhada
 De fresco rocío :
 Eu corto-a, desmaia e o calice inclina
 Na trança annelada
 No leito macio.

«Depois, entre a chamma dos vividos lumes
A fresca e mimosa
Se abraza e se cresta ;
As danças perpassam, voaram perfumes,
Desfolha-se a rosa
Na ardencia da festa.

«Envolvem-se os astros em véus alvejantes,
E os ebrios descantes
Mais ebrios de amor !
A noite vae alta, no vôo das danças
Desprendem-se as tranças,
Desprende-se a flôr...

O POETA

«Morrer ! que importa ao pária, ao vil mendigo
Sem bussola, sem norte ?
Pois tu não me dirás que custa a morte
A quem a traz consigo ?!

«Morrer n'um ermo, como um cão damnado,
Ou em leito de rosas e de arminhos
E' tudo o mesmo fado ;
Pouco vale a diff'rença dos caminhos.

«A mim lançou-me Deus esta ironia,

Esta chamma voraz...

Vem apagal-a, que ao romper do dia

Talvez minh'alma já descance em paz.

«Talvez... talvez!... quem sabe se o maldito.

Ao cabo da jornada,

Em vez da luz immensa do infinito,

Ha de encontrar o nada!

«Que eu mesmo já não sei, cabeça tonta,

Se alguma coisa creio;

São tão fundos os golpes do meu seio

Que lhes perdi a conta...

«Extinga se esta vida semi-morta

Onde em letras de fogo o horror se estampa:

Eu vim bater, mulher, a essa porta

Como quem bate á porta d'uma campa.

«Eia, mulher! ao gôso, ao gôso insano!

Eu preciso fartar o peito exausto

Nas turvas ondas de revolto oceano!

Eu sou outra vez moço como o Fausto.

Lava candente as veias me intumece,

Lateja o coração...

Esquece tudo, esquece!

Por sobre o nosso leito

Golfem ondas d'amor... Cumpra-se o fado!

Abre-me a sepultura, abre o teu peito...

Venha a morte assistir ao meu noivado.

IMPERIA (*levantando-se do leito*)

— «Pois já que assim quizeste, em brandos laços,

Desprende a alma ao som d'uma canção.

Ahi tens o seio nú, ahi tens meus braços,

A cruz da redempção.

«Eras a alva e candida pombinha,

E eu a flôr do mal;

Mas agora, bem vejo, é sina minha

Andar partindo as urnas de crystal.

«Eu tinha uma grinalda isenta e pura

Feita de luz e amores ..

Que é d'essas folhas de leal candura?!

Que mal vos fiz, ó minhas pobres flôres?!

«Dentre os lyrios virentes da corôa
Vinha um anjo embalar com mil segredos

A calma do meu somno...

As rosas esfolharam-se entre os dedos,
E os sonhos me voaram, como vôa
De andorinhas um bando ao vir do outomno.

«Retalharam-me o cingulo de prata
Que prendia o meu céu de rosea espuma;

E as illusões sumiram-se uma a uma,
Como um collar de soes que se desata.

«O' santas illusões que eu tanto amava!

O' grinalda d'Abril já meio solta,

Que eu vi caindo em pó!

Levei as mãos á fronte ardendo em lava,

Era o sello do crime... Olhei em volta,

Achei-me núa e só.

«Errando ao desamparo em noite escura,

A Deus ouvi dizer

Com a voz repassada de ternura:

— «Chora! Chora, mulher!

«Gota de agua de uns olhos peccadores
E' maior que as torrentes caudalosas,
Mais forte que as procellas;
Orvalha as cinzas das mirradas fôres,
Chora, mulher! se a c'rôa era de rosas,
Tornart'a-hei de estrellas. —

«E não chorei!... os barbaros sem nome
Deixaram-me na alma semi-morta
Só lagrimas de fel;
Fui bater a um palacio... tinha fome,
E veiu a caridade abrir-me a porta...
A porta do bordel.

«Mas tu choras, meu timido amarantho!
Tens compaixão?... tens pena, muita pena?...
Não chores, que não sou a Magdalena;—
Eu rio-me, bem vês, d'esse teu pranto.

«Vem repousar a fronte escandecida,
Dorme o somno do amor, gentil creança...
Ao menos uma vez quero na vida
Saber o que é vingança!

(O poeta, cego de paixão, lança-se-lhe nos braços. Imperia beijando-o e com um sorriso ironico)

«Olha os astros, meu candido poeta,
Desmaiando d'amor no azul do céu!
Eu sou a tua noiva, a Julieta,
Abraça-me, Romeu!

«Solta da harpa as languidas choreias!

Eu sou a sensitiva...

✓ Filtra-me n'alma o canto das Almeias,
Que, em noites molles de luxuria insana,
Faz descahir a palpebra lasciva

A' languida sultana.

O' anjo, ó trovador,

Hei de mandar fazer uma cabana
Para guardar o nosso immenso amor!
Fugiremos do mundo que é traidor,

E viveremos sós,

✓ Como os candidos lyrios virginaes,

Tu farás madrigaes,

Eu bordarei paizagens a retroz.

Mas, antes de ir morar nas solidões,
Sempre é bom conhecer, meu caro poeta,
Se os nossos corações
Têm entre si afinação completa.
Enlaça, pois, as minhas mãos nas tuas,
E jura aqui, á luz dos olhos meus,
Que é um prato excellente as ostras cruas
Regadas com Bordeus,
E depois, anjo lindo,
Lá quando a altas horas fôr surgindo
Da lua branca o pallido crescente,
Vem a roubar a triste enamorada.
Que eu fugirei contigo desgrenhada
Sobre a garupa d'um cavallo ardente!»

O POETA (*levantando-se indignado*)

«Pois tu cuidavas que eu pudesse um dia
Sagrar-te o amor, a vida, a harpa, o canto,
Esta fronte, este céu, esta harmonia,
Tudo o que eu tenho de mais bello e santo
A ti, alma corrupta?!

«Pois tu podias nunca, prostituta,
Lêr nas paginas virgens do meu seio
A ardente aspiração, o magno enleio
Que as entranhas da alma me devora?!
Como ha de a noite comprehender a aurora,
Miserrima Locusta?!

Ah, tu não podes lêr as letras de ouro
Com que Deus nos marcou a fronte augusta!
Não podes vêr, sacrilega, o thesouro
Que em nosso peito, sol dos soes, resplende,
Escada de Jacob que nos ascende
Aos páramos da luz!

«Eu bem sei que é de bronze a nossa cruz;—
Mas Deus envia sempre a Magdalena
Com balsamos e arminhos...

Mas ai, não serás tu, alma terrena,
Que has de mudar a agrura dos espinhos
Em saboroso mel!

Não serás tu a candida Rachel
Em cujo seio encontrarei guarida
N'esta lucta sem fim chamada vida.

«Tu não sabes, ó languida Astarteia,

Que a luz do nosso olhar,

Dá azas de luar

Aos tristes corações dos infelizes!

Tu não sabes, mulher, que a nossa ideia

Torna estrellas as pallidas Beatrizes,

E atravez d'esses mundos rutilantes,

Entre nuvens de azul, nuvens de amor,

As levamos nos carros deslumbrantes

Ao throno do Senhor?!

«Se a mão dos homens nos atira á fronte

Infamias e labéos,

Pára a lua nos campos do horisonte,

Vêm os anjos, os soes, o proprio Deus

Ouvir o nosso canto!

«Eu não podia amar-te! não podia

Ligar o genio, o fogo sacrosanto,

A' esplendida loucura,

Ao reptil que se estorce em noite escura

Nos catres d'uma orgia!

«Se alguma vez cingi em meigo abraço
 O teu corpo gentil, ebrio de gôso,
 Se alguma vez tombei no teu regaço
 N'um sonho encantador e vaporoso ;
 Se á luz da lua algum subtil harpejo
 Por ti soltei na lyra,
 Não foi amor ; foi lubrico desejo,
 Foi mentira, mulher, tudo mentira !

«Ouves lá dentro a saturnal da vida
 Que se enrosca nas chammas do prazer?...
 Ouves do circo a fêrvida alarida ?

 E' o mundo, mulher !

E' a turba servil dos argentarios
 Que abre as portas do amor com braço de ouro ;
 Vae abrir-lhe tambem os teus sacraríos !

 Entrega-lhe o thesouro

Que a azedia do fel nos labios cõa...
 Entra, rainha ! e no ardor da festa
 Desfolha as rosas da virente c'rôa,
 Se alguma inda te resta.

«Ouve, disputam com soturnos brados
 O gôso d'essa candida corolla!...

Vae atirar do teu amor á esmola

Aos tigres esfaimados!

Que eu vou tambem, se assim quizer a sorte,

Arrastado nos ventos da procella,

A's paragens dulcissimas da morte.

«E's lubrica e és bella;

Mas não posso comprar os teus encantos,

Mulher, porque sou pobre;

Tenho apenas de meu uns tristes cantos

E o céu que a todos cobre.

«Lança do gôso as perolas lascivas

A' doida multidão:

Eu saio, que envergonha os teus convivas

O vil, o pobretão.

«Se o teu amor, mais sujo que um farrapo,

Ante mim ajoelhára supplicante,

Oh! esmagava-o n'esse mesmo instante,

Como se esmaga um sapo.»

*(Sae. Procura um sitio escuro, onde ninguem o veja
defronte do palacio. Monologo na treva.)*

«Ah, lubrica traidora!

Ah, perfida bacchante!

Quem me dera beijal-a a toda a hora,

Matando-a a todo o instante!

«Oh, volupia suprema! se eu podera

Apunhalar-lhe o coração de fera,

E, ao vê-la morta, enregelada, fria,

Co'as bagas do meu pranto

Tornal-a pura como a luz do dia,

Tornal-a casta como um lyrio santo!

stupendous.

«Mas que chamma infernal, mas que destino

Me uniu á vida aquelle amor sem fim,

Como um punhal aos sonhos do assassino,

Como o remorso á alma de Caim!

A ave mostra o ninho

A' luz, alma de Deus que brilha e canta...

A mãe mostra o filhinho,

O ramo mostra a flôr;

E mãe e ninho e ave e ramo e planta

Tudo te mostra, ó Deus, o seu amor!

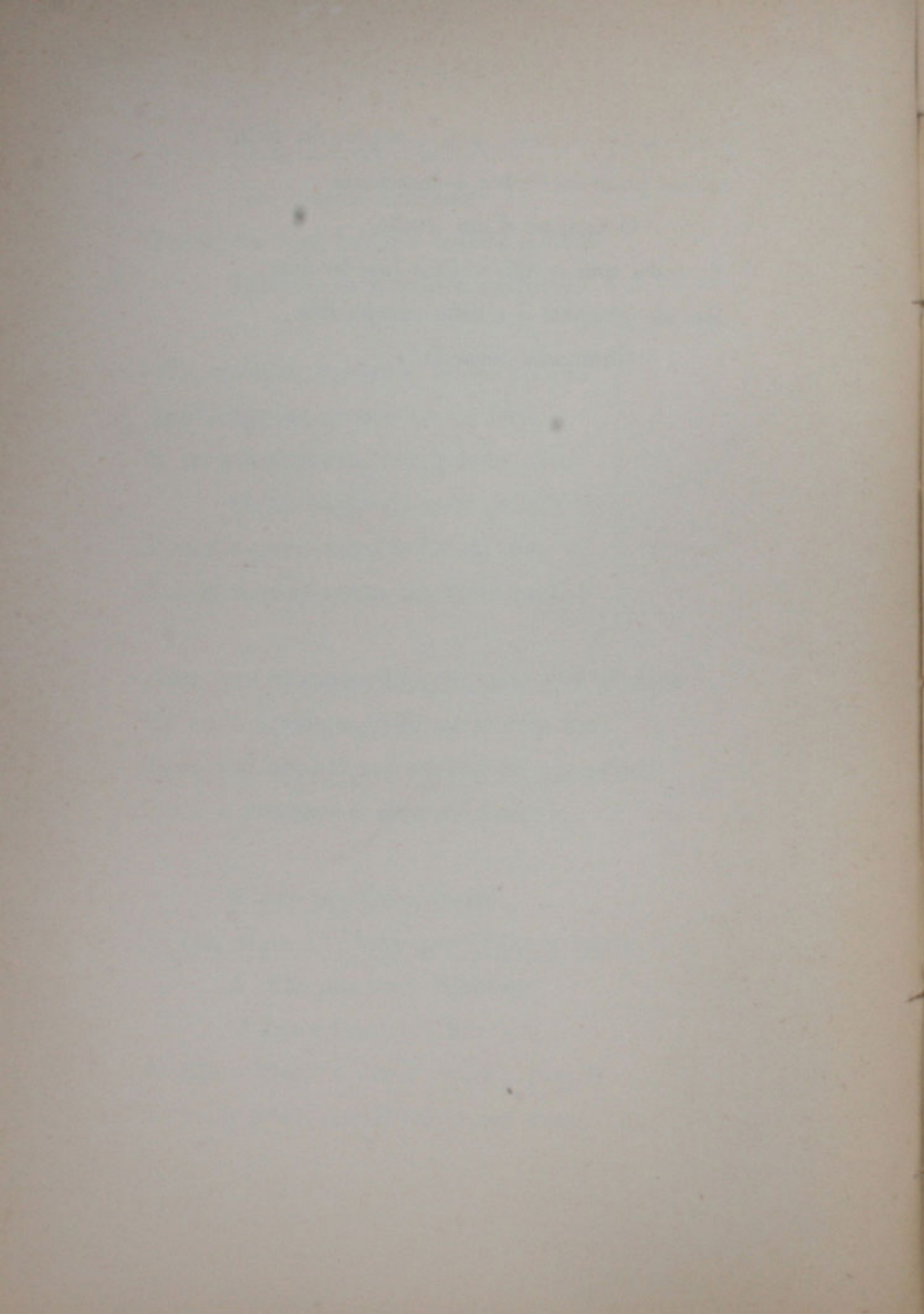
«Só eu t'o escondo a ti e á propria vida,
Como póde esconder o fraticida

O sangue d'um irmão ;

✓ (E, para que o não veja a luz do dia,

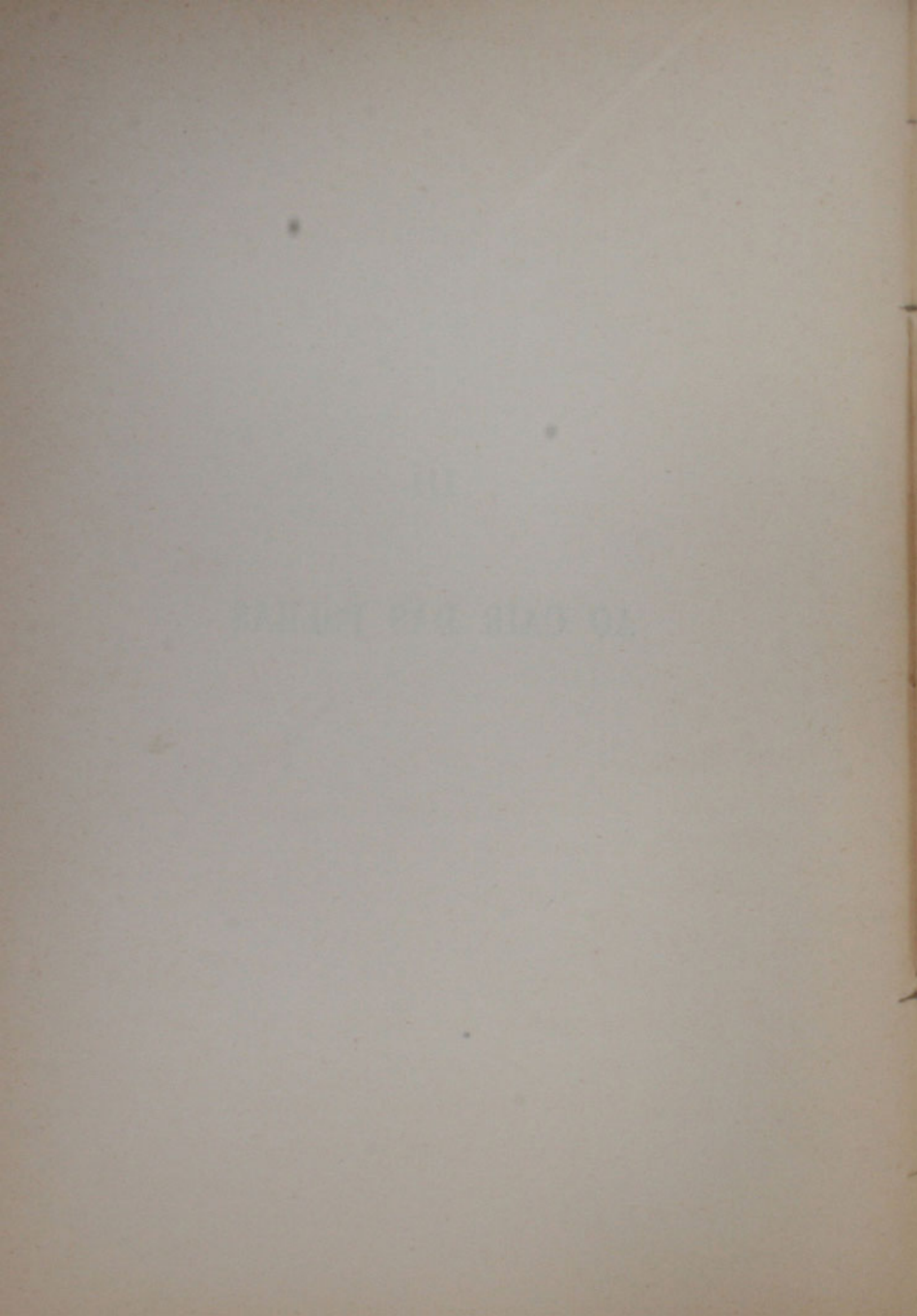
Hei de guardal-o n'uma campa fria

Chamada coração ! »



III

AO CAIR DAS FOLHAS



AO CAIR DAS FOLHAS

Tarde do outono. O sol morreu ao longe
Com pompa gloriosa,
N'uma explosão de luz.
E a noite cáe na terra silenciosa,
Como na face livida d'um monge
A sombra d'um capuz.
Nas linhas sinuosas das montanhas
Arvores colossaes
Tomam fórmas phantasticas, estranhas,
De hybridos animaes.

Objectos mui vulgares ✕
 Durante a luz do dia
 Com as escuridões crepusculares
Apresentam aspectos singulares
D'uma nova poesia. ✓
 Os aldeões cantando uma canção
 Vêm recolhendo a casa.
Perpassa na amplidão
De quando em quando a nodoa d'uma aza.

O POETA

Lá vem dos aldeões o alegre bando
 Descendo pelo outeiro ;
 Vêm rindo e vêm cantando,
 Depois de trabalhar um dia inteiro.

 Ditosos corações, ditosa gente,
 Que ainda ao cabo de continua lida
 Podeis cantar ! e corre-vos a vida
 Como ribeiro manso e transparente.

Cantae ó corações, que o vosso canto
E' para mim uma sagrada esmola ;
Traz-me aos olhos o balsamo do pranto,
Que é tudo o que hoje em dia me consola.

Como esse canto é doce ! E' que em segredo
Do intimo da alma vos deriva,
Como veia tremente de agua viva
Manando d'entre o musgo d'um rochedo.

O' velhos que eu amei, velhas creanças,
Os vossos peitos socegados, nus,
São grandes ninhos de alegrias mansas,
Inundados de fremitos de luz.

Eu ás vezes nem quero acreditar ;
Vós, sempre a moirejar
Desde que rompe o dia,

E cada vez mais cheios de alegria,
 Mais cheios de saude ;
 E eu cançado já, e vou em meio
 Da minha juventude !

✓ Virgens formosas, que volveis cançadas
 Pela calma do sol e das fadigas.
 Soltæ as vossas limpidas cantigas
 Como um bando de arveolas doiradas.

*origin of A. M. 5
 Sonnet (?)*

Essas humidas vozes virginaes
 Cáem suaves n'este peito enfermo,
 Como chuva de tremulos crystaes
 N'um lyrio que nasceu em sitio ermo.

E' que a alegria do semblante honesto,
 Esses toques de graça e de receio
 São indicio bem limpo e manifesto
 ✓ Da paz antiga que vos vae no seio.

- C. Camões - Soneto

E' que a luz d'esse olhar, pombas de neve,
 Tem não sei que da fresca madrugada,
 E é doce como a curva que descreve
 A luz da lua em noite immaculada.

} C. p. 131, l. 3.

✓ O' arvores tranquillias, viridentes,
 Ungidas de harmonia austera e mansa,
 Que sois como uns apóstolos dormentes,
 Envolvidos em tunica de esp'rança;

Frondosas cathedraes, em cujas naves
 Reboa a voz profunda dos amores;
 Orgãos frementes ao cantar das aves,
 Céus estrellados de milhões de flôres,

Eu era como vós! Quando a alegria
 Jorrava da alvorada a frouxo e a flux,
 Todo o meu ser cantando se embebia
 Nas vibrações magneticas da luz.

O' luz ! ó alma na amplidão suspensa !

O' astros puros, ó luar, ó sol !

✓ E, em noites tristes de tristeza immensa, ✓

O' luz feita harmonia, — ó rouxinol !

✓ Como eu vos quero ainda ! E como é triste

Sentir, á vossa doce claridade,

Este bater da onda da saudade

Sobre a imagem d'um bem que não existe !

Lá vem a lua, a Ophelia desmaiada,

Pela amplidão da abobada azulada

A grinalda de estrellas desfolhando . . .

Somnambula d'amor, com mãos piedosas

Entorna as longas tranças luminosas

Por sobre os corações que estão chorando.

✓ Vós, que sabeis a magua que me opprime,

O' lagrimas do céu, correi a flux !

Desprendei-vos dos calices, ungi-me

Com suavissimos balsamos de luz.

Quando eu vos fito, ó lucidas esferas,
Encontro do meu mal o esquecimento
Nas piedosas lembranças d'outras eras.

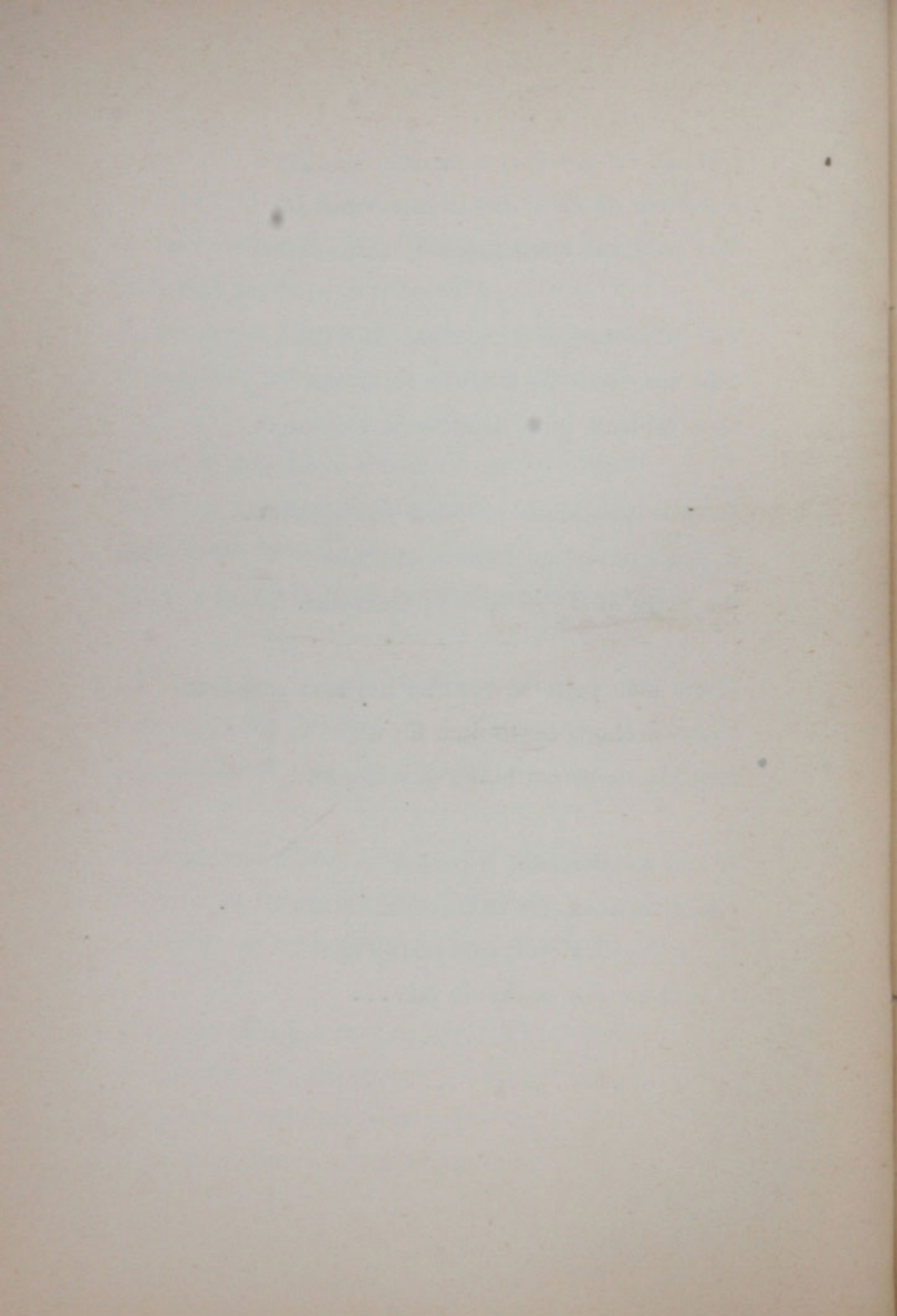
São effluvios que vêm n'aza do vento,
São uns éccos de musicas formosas
Que expiram n'um tristissimo lamento.

E eu scismo ainda no florir das rosas...
E julgo ouvir um fremito sagrado
No vasto azul das noites silenciosas.

E em meu peito se entorna um som maguado,
Como o choro santissimo do mar
Espraçando-se em longo descampado.

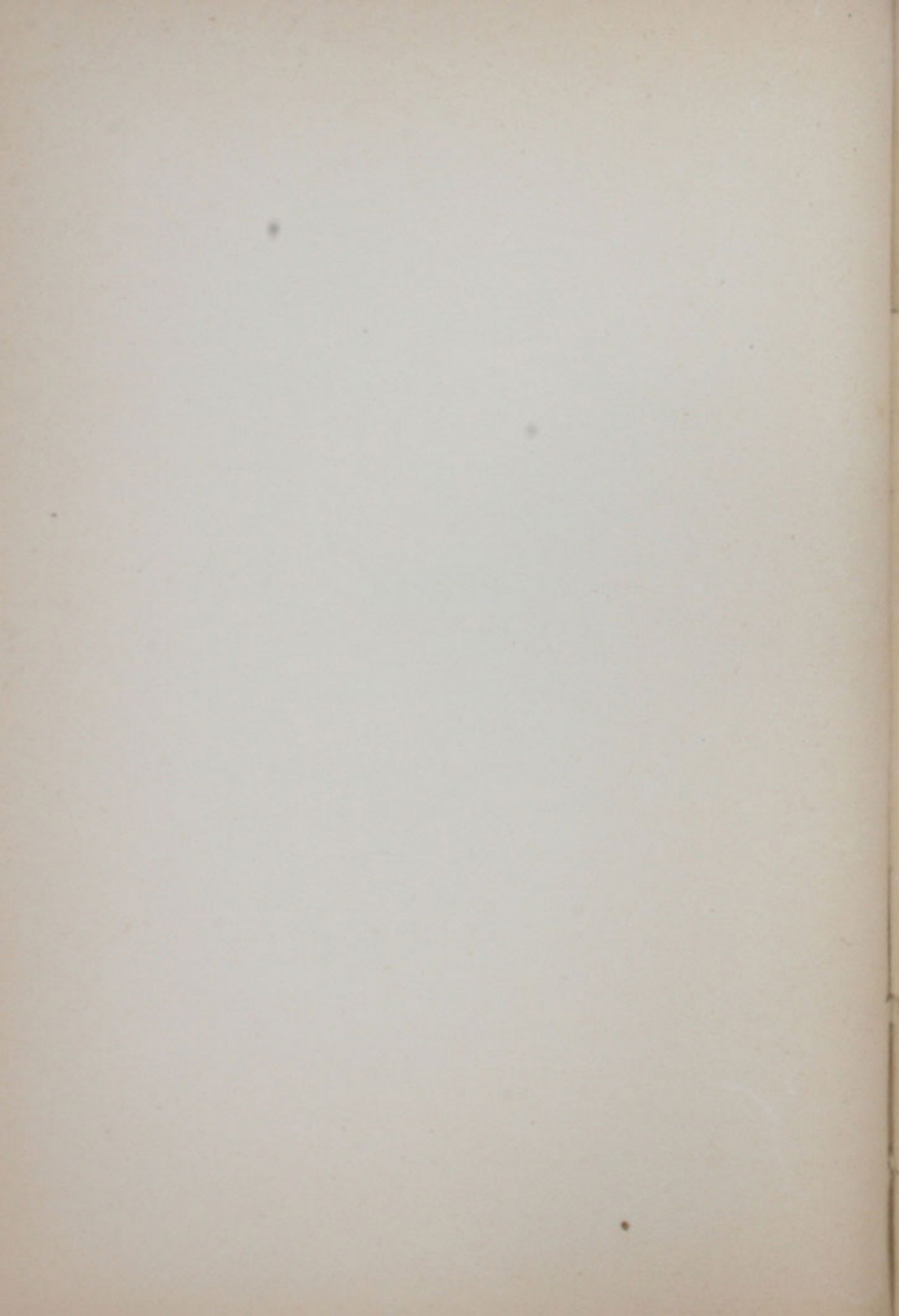
E fico melancolico a sonhar
Em rouxinoes, em canticos incertos
E em corollas de lyrios entreabertos,
Inundados por ondas de luar...

.....
.....



IV

RUINAS



IV

RUINAS

Era uma noite pavorosa, escura,
D'essas noites d'horror que Deus mandava
Sobre a desfeita geração escrava

D'um seculo maldito.

A gran cidade, meretriz impura,
Repousava no leito de granito,
No leito colossal das mil orgias.
E dos ventos a musica sonora
Ribombava tremenda, como outr'ora
A ferrea voz do livido Isaias.

Era a hora em que os sonhos pavorosos,
Como fetos sinistros, monstruosos,
Enchem da noite as solidões funestas :
Em que as almas soluçam doloridas,
Como virgens phantasticas, perdidas
Nas sombras das florestas.

Hora fatal em que germina, ondeia
A seara do mal, que o mal semeia
Dos corações nas aridas campinas ;
Em que aservas malditas, venenosas,
Dormitam silenciosas

Na lepra esverdeada das ruinas.
No silencio profundo dos hospícios
Ardia a flôr dos vícios,
Chorava a flôr dos prantos ;

E os enfermos no suor das agonias
Contemplavam co'as doidas phantasias
As legiões nocturnas dos espantos.

Nas praças já desertas
Milhões de luzes, tremulas, incertas,
Vasquejavam com brilho sepulchral ;

Dir-se-hia que nas ruas solitarias
Iam passando procissões mortuarias
Para afastar as coleras do mal,
Mas d'aquella mudez no immenso arcano
Havia um surdo fermentar d'oceano,
Um vago estremecer que não se exprime...
Era o assombro, a convulsão latente
Da Messalina lubrica que sente
Revolver nas entranhas o seu crime.

Entre o bronzeo silencio tumular,
 Como fornalha ardente,
Erguia-se febril, resplandecente,
 O vasto lupanar.

Defronte do bordel havia um templo
 Triste como o deserto,
 Grande como um exemplo,
O vetusto portão estava aberto.

 Dentro, silencio enorme ;
Silencio pensativo e formidavel,
 Como um asceta livido que dorme
Em volta a escuridão cerrada e vasta ;
E ao fundo um Christo pallido, ineffavel
D'uma tristeza luminosa e casta.

Angure. Knight (?)

Por sobre as lages húmidas, impuras

Negros caixões mortuários.

Cheirava a sepulturas.

Nas sombras entreviam-se sudários,

Havia pelo ar como um segredo,

Um não sei que de trágico e sombrio...

Os olhos tinham medo, ✓

As almas tinham frio.

E da profunda abobada pendente,

Triste, mortiça, exangue,

Bruxoleava a lampada dolente,

Como suspensa lagrima de sangue.

O POETA (*ajoelhando deante do altar*)

Espirito immortal,

O' immortal miseria!

Dizer eu que um bocado de materia

Crapulosa e gentil

Póde partir n'um beijo, n'um abraço

Todas as molas d'aço

D'um coração viril!

Espirito immortal,

O' immortal miseria!

.....

.....
Com coisas transparentes, fabulosas,
Com oiro e luz e pedraria e flôres
Levantei sobre as nuvens phantasiosas
Um palacio de olympicos amores.
Tinha vastas janellas rendilhadas,
Para entrarem as glorias deslumbrantes

Das vivas alvoradas,

Tinha no ar phantasticos mirantes
D'onde as almas serenas, impeccaveis,
Como um bando de pombas ineffveis,
Se embebiam no azul da immensidade.

Tinha vastas penumbras pensativas,
Torres maravilhosas, fugitivas,

✓ Como a idéa febril da liberdade...
.....

Tudo caiu ao perpassar do vento.

São assim os castellos ideaes

Que edifica na luz o pensamento!

E por sob as tristissimas ruinas,

D'aquellas altas torres crystalinas,

Despenhadas ao sopro do nordeste,

Ficou-me o coração escalavrado,

Como se houvera sobre mim tombado
O espelho azul da abobada celeste...

.....

.....

O' Jesus Christo, ó sabio,
Para ires direito ao paraíso
Mataste a flôr do labio,
Mataste a flôr-sorriso ;
Dividiste os pedaços do teu manto ;
E fizeste dos olhos virtuosos
Constellações suavissimas de pranto.
Se és na verdade o pae dos desditosos,
Se a tua doce mão
Feita de luz e esp'rança
Sabe curar as lepras do peccado,
Arranca-me da alma esta paixão,
Como se arranca o ferro d'uma lança
Do peito d'um soldado.

.....

De que me serves tu, ó flôr celeste,
De que me serves, diz, se não soubeste
O que é o amor brutal!?

Se no teu labio rigoroso e triste
Nunca em vida sentiste
O corisco d'um beijo sensual!

(Levanta-se)

Um Deus cadaver, um cadaver frio!
De que nos serve um Deus ermo e sombrio,
Com labios mudos, com olhar sem luz?
Como ha de elle amparar os desgraçados,
Se tem os braços lividos pregados
Nos braços d'uma cruz!

(Senta-se sobre um esquiife. Silencio prolongado. Continúa)

O agudo bisturi da nossa experiencia,
A lança da razão inquebrantavel, fria,
Varou de lado a lado o olho da Providencia:
A abobada celeste é orbita vasia.

A critica fatal da velha decadencia
Negou-te a divindade, ó filho de Maria.
Desamparou-me a fé. A nossa consciencia
Respeita simplesmente as leis da geometria.

O tempo, o grande verme, apodreceu a escada
 Por onde o visionario em noite constellada
 Viu anjos a descer da luminosa esfera.

✓ No leito sensual do azul indefenido
 Ha muito que exhalou seu ultimo gemido
 O Deus omnipotente — essa ideal chimera.

.....

Trazemos dentro em nós hediondos animaes :
 As pombas da luxuria, as rabidas pantheras
 E vampiros, reptis e sonhos e chacaes,
 Brillhantes como a luz, tenazes como as heras.

O sabio varonil de instinctos ideaes,
 Para expulsar do craneo as lividas chimeras,
 Para cortar do vicio as garras sensuaes,
 Necessita de ser um domador de feras.

Na floresta do mal, nos nossos coraçãoes
 Ha mais tigres, reptis e sapos e leões
 Do que astros immortaes no immenso azul profundo.

✓ O intransigente heroe, inquebrantavel, recto
 Que poder dominar seu coração abjecto
 Será, como Jesus, dominador do mundo.

.....

Eu abandono, entrego o coração escuro
 A' ferrugem que morde as lucidas espadas:
 ✓ Crescei dentro de mim, como n'um velho muro,
 Desejos sensuaes, lepras esverdeadas!

O' magras cortezãs d'olhar felino, impuro,
 O' gaviões febris de boccas esfaimadas,
 Abutres que rodaes em volta do monturo,
 Partí meu coração com lubricas dentadas.

Eu sou como um espelho ennodado e baço;
 Sinto dentro de mim o lugubre cansaço,
 A tristeza fatal dos Cesares antigos.

✓ Em vão procuro a fé, em vão supplico e choro;
 Só vós me consolaes, ó monstros que eu adoro,
 O' meus vicios fieis, ó meus fieis amigos!

Eu quero braços nús, braços como serpentes,
Que possam rebentar, selvagens, musculosos,
Os tigres do desejo, os tigres luxuriosos
Que sentimos rugir nos corações ardentes.

Quero despedaçar os lyrios innocentes,
As crenças virginaes, os astros luminosos.
Eu quero alimentar meus sonhos tenebrosos
E sentir do remorso os purpurinos dentes.

Quero as coisas mais vis, mais baixas, mais corruptas,
O cynismo, a traição, a infamia, as prostitutas,
E não te quero a ti, ó gloria, ó virgem pura.

✓ A ti que vaes beijar os tristes namorados,
Quando, insensíveis já, seus corpos verminados
Jazem na podridão da velha noite escura.

*(Levanta-se e abre o esquiife. Está dentro d'elle uma mulher
pallida, vestida de branco e com uma corôa de virgem)*

Levas na fronte a c'rôa da innocencia,
Levas no labio um riso immaculado ;
Partiſte para o céu, piedosa essencia,
Em procura do mystico noivado.

✓ Mas comtudo na doce transparencia,
 Nas linhas do teu rosto desmaiado,
 Eu leio-té os segredos da existencia,
 Os mil dramas da carne e do peccado.

Esmagaste do amor as garras brutas,
 Cingindo ao corpo um barbaro cilicio ;
 Mas, ó virgem das virgens impollutas,

✓ Quantas vezes no horror do sacrificio
 Não chegaste a pensar nas prostitutas
 Que á noite dormem sobre o mar do vicio !

*(Abre outro caixão. E' um velho que vae para a campa,
 como quem vae para um baile: está barbeado, frisado,
 leva gran-cruzes na casaca e brilhantes nos dedos)*

Foste rico e feliz : morreste velho.

Não seguiste os preceitos do evangelho,

Mas isso pouco importa.

Has de levar sermão, missa cantada,

✓ E eu já sinto S. Pedro abrindo a porta,

Que te conduz á eterna madrugada.

Tingiram côr de rosa
Essa face nojenta, escrofulosa,
Onde paira o remorso, os pesadellos...
E parece-me um pouco duvidosa
A côr dos teus cabellos.

Vaes vestido segundo as etiquetas,
De luvas brancas e casaca escura;
Pódes fazer a côrte ás Julietas
Que dormem, como tristes violetas,
Mirradas na aridez da sepultura.

Entra sem medo os turbidos humbraes!
Que importa que esmagasses a justiça
E que fosses infame como os mais,
Se tu, durante a vida, ouviste missa
E deixaste um legado aos hospitaes!

Lá baixo n'essas negras solidões
Has de encontrar magnificos convivas:
Os vermes — uns glutões,
E as larvas negras — cortezãs lascivas...

(*Abre outro caixão. E' provavelmente um velho operario que morreu de fome. Tem a physionomia fatigada e triste dos martyres obscuros*)

Tu, ó velho de frente bronzeada,
Filho da raça antiga dos valentes,
Magro leão dos areaes candentes,
Repousa em paz nas solidões do nada.

✓ Na mudez formidavel da materia
Já nada te atormenta e te consome:
Nunca mais saberás o que é miseria,
Nunca mais saberás o que é ter fome.

(*Abre outro caixão. Reconhece o cadaver de Falstaff*)

Falstaff, ó meu amigo:
Risonho bebedor de vinho antigo.
Chegou-te a morte emfim;
✓ E a morte, parasita, tambem ha de
N'essa gordura cynica de abbade
Fazer o seu festim.

O' satyro pançudo, escalavrado,
Não mais soluçará pelas tabernas
O teu riso grotesco e desdentado.
Descança em paz nas solidões eternas.

Eu vejo clara como a luz do dia
 A vida estranha que animou teu seio ;
 Embriaguez, lascívia, cobardia,
 Ah, tudo, tudo eu leio
 Perfeitamente bem
 N'esse nariz prodígio,
 N'esse nariz que tem
 A côr e a fórma d'um barrete phrygio !

(Em cima d'um banco está um lençol amortalhando um cadaver. Descose-o. E' um corpo de mulher, syfilitico, apodrecido)

Talvez tu fosses minha mãe, talvez !
 Mostras as verdes podridões modernas
 N'essa face de cynica hediondez.
 O' Venus hotentote das tabernas,
 Talvez tu fosses minha mãe, talvez !

Dás um banquete aos lyrios sensuaes ;
 A mimosa raiz das castas flôres
 Bebe o sangue dos podres animaes.
 São como os nossos lubricos amores
 Os delicados lyrios sensuaes.

A seiva juvenil das ebricas plantas
Adora a immunda chaga do leproso
E odeia o corpo anemico das santas ;
A podridão d'um ventre monstruoso
Entumece d'amor as ebricas plantas.

Vinga-te agora, ó negro coração !
Tu que soffreste injurias más, protervas,
Tu que esvasiaste o calix da paixão,
Vae transformar-te em venenosas hervas
Nas entranhas da terra, ó coração !

Transforma esse teu corpo em mancenilha
Repessada d'aromas penetrantes,
Como o cálido aroma da baunilha ;
E deixa descansar os viandantes
A' sombra do teu corpo, ó mancenilha !

O' noite, ó noite, ó muda-tenebrosa !
Tu que lançaste os philtros do peccado
Sobre esta carne putrida, asquerosa,
Envolve-a no teu manto constellado,
O' noite, ó noite, ó muda-tenebrosa !

(*Abre outro caixão. E' o cadaver d'um padre*)

Os segredos infamantes
Dos crimes ensanguentados,
Segredos que são guardados
Como se guardam diamantes ;

Os sonhos maus, invisíveis,
Os desejos subterraneos,
Os monstros incoercíveis
Que habitam nos nossos craneos ;

As vesgas concupiscencias
Atrozes, brutas, carnaes,
E fortes como as essencias
E duras como os crystaes ;

Os pensamentos obscenos,
Os crimes dos homens *sérios*,
As tragedias dos venenos
E as farças dos adulterios ;

As mentiras, as traições,
As fundas hypocrisias,

As lepras dos corações
E os vermes das phantasias.

Tudo isto, ó velho abbade,
Foi parar aos teus ouvidos,
✓ Exgotos apodrecidos
Do enxurro da humanidade.

Monge de faces sanguineas,
O' ventre ignobil, rotundo,
Vae contar as ignominias
Que viste por este mundo
A's larvas negras, impuras
Para quem as sepulturas

Não tem portas,

✓ A's larvas frias que são
A alma da podridão,
A vida das coisas mortas.

(Fechando o caixão)

✓ Não conheceste o cilicio ;
Causas riso e causas medo :
Attrahente como um vicio ! ×
Profundo como um segredo !

(Abre outro caixão. Vê uma creancinha de tres annos)

O' mães que tendes filhos, mães piedosas,
 Quando elles morrerem creancinhas,
 Enfeitae-lhe os caixões de brancas rosas.
 Deixae, deixae voar as andorinhas
 Em busca das paragens luminosas.

Não accordeis as timidas creanças
 No pequenino tumulto risonho :
 Ditosos os que vivem como esp'ranças,
 Felizes os que morrem como um sonho

(Abre o ultimo caixão. E' o cadaver do Doutor Fausto)

O' Fausto, ó Fausto, ó pallido alchimista !
 Tu, que perdeste o coração e a vista
 A manejar os velhos astrolabios ;
 Tu, que ideaste uma sciencia estranha,
 E foste o maior sabio da Allemanha,
 Que é a terra dos sabios ;
 Dize-me agora, ó tragico doutor,
 Como cahiste n'essa grande asneira
 De hypothecar a tua vida inteira
 Por tres noites d'amor ?!

O' Fausto, ó Fausto, ó doido trovador!
 A corrupção da nossa decadencia,
 Os nossos vicios, sensuaes tyrannos,
 Sabem mais do que a velha experiencia
 Dos teus oitenta annos!

.....

Hoje um dandy christão,
 Sem infernaes surpresas,

✓ / Por quatro libras compra o coração
 De quatro camponezas.

E um Fausto que já tem cabellos brancos,
 Para alcançar de novo a formosura,
 ✓ / Emprega em vez do diabo uma tintura,
 Que lhe custa dois francos.

Goza-se a vida assim alegremente,
 E depois quando a gente

✓ / Quer ir dormir debaixo de uma loisa
 Vem a igreja catholica-romana
 Levar-nos para o céu. Que bella coisa
 A *agua circassiana!*

Mas já que tu, emfim, meu pobre idiota,
 Vendeste ao diabo o coração ardente,
 O diabo, o grande agiota,
 Ha de vil-o buscar provavelmente.

(Olha para um canto e vê o diabo escondido dentro d'um confessorio)

Que vejo eu, Senhor!

O archangelico principe das trevas,

O velho tentador

Das innocentes Evas;

O espirito orgulhoso,

O espirito revel

Que atirou para o céu esplendoroso

A ameaça da torre de Babel;

O heroe que andava em noites tenebrosas

A levantar cidades monstruosas,

Babylonias cyclopicas, estranhas,

Onde os gigantes, ruivos, indomaveis

Construiam palacios formidaveis

No ventre das montanhas;

Elle, o chefe dos tragicos guerreiros,

O negro salteador

Que ia lançar o fogo nos mosteiros,

Para roubar as filhas do Senhor;

E que entrava nas velhas abbas

Despedaçando os tumulos reaes

E vertendo o falérno das orgias

Sobre as letras dos gothicos missaes;

O alegre tentador de fórmulas variadas,
Que com lascivias morbidas, secretas,
Ia tentar os pallidos ascetas
A' bocca das cavernas solitarias ;
Elle, o pagem que em noites luminosas
A's castellãs dormentes, vaporosas,
Ia cantar as languidas balladas :
E que ás vezes parava em seu caminho
Seduzindo as creanças virtuosas,
 Que estavam descuidadas,
 Fiando o alvo linho
 A' beira das estradas ;
Elle, o filho da treva e do peccado,
O orgulhoso da raça de Caim,
Até me custa a crer que o veja assim
Repellente, grotesco, desdentado.
E que vida sombria, aventureosa,
 No seu nariz gigante,
Que parece uma tromba de elefante
Pintada com a côr da caparrosa !
N'aquelle olhar cançado, metaphysico,
 N'essas pupillas baças
 Revelam-se as desgraças,
A hypocondria d'um macaco tísico. ✕

E' como um infeliz pelotiqueiro
Esguio, frouxo, velho, quasi nú,
D'esses que a gente encontra pelas praças
 Vestidos em Janeiro
Com um manto real de panno crú.

(Dirigindo-se ao diabo)

Por te vêr sujo, escalavrado e roto,
 Não me enganas, maroto,
 Bem te conheço a ti ;
Não me causas nem odio, nem horror ;
Dize-me, pois : que vens fazer aqui ?
Vens a buscar a alma do doutor ?

O DIABO

Eu venho trazer a minha.
Ando já mesmo na espinha,
Sou como um figo maduro
Um cão tinhoso, nojento,
Que vae buscar o alimento
A's podridões do monturo.

Os philosophos modernos
Foram lá baixo aos infernos,
Destruiram-me os telhados,
Deixaram-me a casa nua
E pozeram-me na rua
A pontapés. Que malvados!

Fui o exemplo dos reinantes ;
Tive trezentas amantes
Mettidas no meu harem,
Como um illustre varão,
O frascario Salomão,
Que eu conheci muito bem

Fui catholico-romano :
Tambem tinha um Vaticano
Onde os bons dos cardeaes,
Com theologia excellente,
Discutiam sabiamente
Peccados *originaes*.

Proclamei no meu reinado
O grande dogma sagrado
Da Conceição de Maria :

Conversei com S. José ;
E fiz Monsieur de Arouet
Professor de theologia.

Quando cheguei a este mundo,
Vinha roto, vinha immundo,
Cabeça nua e pés nus ;
Que martyrio inda não visto !
✓ Para o diabo ser Christo,
Faltou-me apenas a cruz.

Fui a Roma. O padre santo
Mal me viu, banhado em pranto,
Logo me fez cardeal :
Vesti saiotes vermelhos
✓ E encobriram-me os chavelhos
Com a mitra episcopal.

Era eu quem dirigia
✓ A sagrada mercearia
Do velho mundo christão ;
E o pontífice entrevado,
(Que bello homem ! coitado !)
Chamava-me seu irmão.

✓ | Afinal, oh coisa incrível!
| Tornei o papa infallível,
| Tornei-o santo tres vezes:
| Mas o bom senso do povo
✓ | Respondeu ao dogma novo
| Como Cambrone aos inglezes.

Perdi tudo: Um bello dia
Ergue o collo a heresia,
Como se diz nos jornaes;
✓ | Quebra depois um banqueiro,
| E foi-se todo o dinheiro
| Do papa e dos cardeaes!

(Neste ponto o diabo entornece-se, as lagrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continúa n'um tom grotesco e lastimoso)

E ao terminar d'esta vida,
Aqui me vês sem guarida,
Morto de frio e de fome;
Nãõ tenho casa nem cama;
Já toda a gente me chama
Robert Macaire Gentilhomme.

Quando passo nas estradas,
Sou corrido com pedradas
Pelo povo.

Uns saltimbancos ha dias,
Entre mil judiarias,
Tiraram-me um fato novo.

Esmurraram-me a corcunda,
Chamaram-me em lingua bunda
Coisas feias, coisas más.

✓ | E deram-me, (que lembrança!)
Piparotes sobre a pança
E beliscões por detraz.

Depois, com risos ferozes,
Gritaram em altas vozes:
«Vamos tirar ao diabo
Os satanicos adornos!»

✓ | E um d'elles partiu-me os cornos
E o outro levou-me o rabo.

Ora aqui tens afinal
D'esta vida original
A abreviada noticia. .

E accrescento-te em segredo
 Que ando aqui com muito medo,
 Sabes de quem? da policia.

Ha de haver coisa d'um mez
 Furtei um lenço a um burguez,
 Um rico lenço encarnado;
 Ando mais morto que vivo;

✓ | Talvez por esse motivo
Não serei canonisado.

O POETA

Satanaz, meu amigo!
 Fazem-me pena as coisas que te escuto,
 Pois tencionava ir habitar contigo
 Nas profundas do inferno.
 Mas, 'inda agora vejo, andas de lucto...

O DIABO

✓ Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O POETA

✓ | Pois reza-lhe por alma. Meu rapaz,
Isto quem tem familia é sempre assim :
Uns vão indo adeante, outros atraz :

Queira Deus que tu vás

Muito depois de mim,

Mas não chores, diabo ! é lei, é sorte ;

Vae a gente gosando o seu bocado

Alegremente, sem pensar na morte.

Tu andas velho, frouxo, escalavrado :

Não scismes no athaude,

Trata-me da saude,

E' o que mais convém :

✓ | Cria-me pança e coiros oleosos ;

Toma ferruginosos,

Que hão de fazer-te bem.

(O diabo continúa a chorar)

O' tenebroso archanjo desherdado,

Lança as mágoas ao vento ;

Toma lá este cobre esverdeado,

Vae beber á taberna esquecimento.

(O príncipe das trevas agradece humildemente. O poeta abre de novo o caixão do doutor Fausto e diz-lhe:)

Quando vendeste a alma bem sabias
Aquillo que vendias!...

(Sae da egreja. Ao chegar á rua um cão leproso e faminto atira-se-lhe ás pernas. Dá-lhe um ponta-pé e mata-o, dizendo:)

O molosso fiel de antigas eras,
O velho amigo da familia humana
Que estrangulava os tigres e as pantheras

Foi um gigante de bondade indiana.
Elle dormia em noites solitarias
Atravessado á porta da cabana.

Rodavam na floresta as alimarias;
E aos gritos lamentosos dos chacaes
Estremecia o coração dos párias.

Mudos d'amor, estranhos animaes
Dilatavam os olhos coruscantes
Entre as fulvas vertigens tropicaes.

Iam beber ao rio os elephantes ;
E quebravam na rustica passagem
Os troncos nús das arvores gigantes.

Sobre o cairel da hórrida voragem,
Espreitador, inquieto, allucinado,
Media a presa o bufalo selvagem ;

E elle, o mollosso intrepido, assombrado
Olhava o céu profundo, esplendoroso,
Com os olhos cheios d'um terror sagrado.

Elle era forte, ruivo, monstruoso,
E tinha vivas alegrias francas
No puro olhar azul, religioso.

Fugiam d'elle as grandes aguias brancas ;
E entravam nas cavernas os leões
Co'a cauda hirsuta fustigando as ancas.

✓ Elle era o monstro bom das solidões
Tinha uma fresca ingenuidade altiva,
Que distingue os valentes corações.

N'aquella alma rude e pensativa,
Serena e docil como as pombas mansas,
Havia a luz da aurora primitiva.

✓ Elle escondia as garras que eram lanças,
E todo se arqueava humildemente
Sob a mão pequenina das creanças.

E os filhos do molosso intelligente
São esta raça espuria, avinagrada,
Que anda latindo ao calcanhar da gente!

Quando a pobreza vae subindo a escada
Logo apparecem estes cães impuros
Mostrando a bocca vil anavahada.

✓ Remechem na esterqueira dos monturos,
Mordem os cegos tristes, indigentes,
Que vão na sombra tacteando os muros,

✓ Nem heroicos, nem castos, nem valentes.
Maus e cobardes: a qualquer aceno
Fogem ganindo e vão mostrando os dentes.

Se tudo é baixo e putrido e pequeno
 Fermenta a humanidade; em vão se eleva
 Por sobre nós a cruz do Nazareno.

✓ O vil proscripto descendente de Eva
 Sob o jugo do mal dobra o pescoço
 E vae contente a rastejar na treva.

✓ E elle, o filho do intrepido molosso,
 Rasga o manto dos pobres por instincto
 E lambe os pés a quem lhe atira um osso.

Tudo caíu no immundo labyrintho
 D'esta miseria, d'este egoismo atroz:
 Tudo apodrece. Magro cão faminto,

E's menos torpe que qualquer de nós.

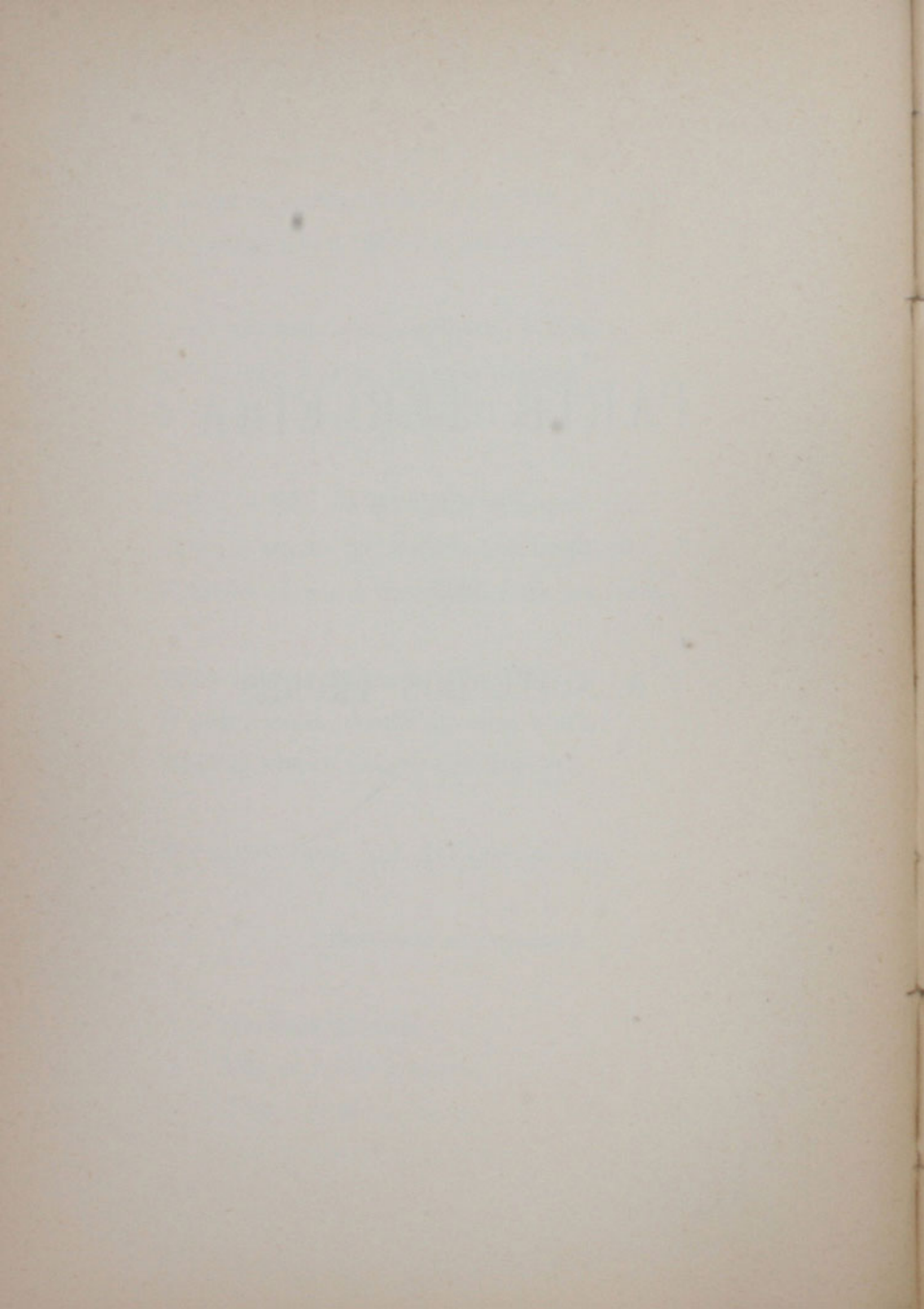
(*Entrando no lupanar*)

✓ Abobada infinita,
 Não és senão a tampa
 D'esta sombria campa
 Que a humanidade habita.

PARTE TERCEIRA

I

A NOITE DOS AMORES



A NOITE DOS AMORES

A noite era d'Abril; o céu era profundo,
✓ Como concha de luz voltada sobre o mundo.

✓ Custava a distinguir se os rios e se o mar
Seriam feitos de agua ou feitos de luar.

✓ Falavam entre si as arvores, as rosas,
E a immensa multidão das coisas silenciosas...

✓ | A alma universal, mysteriosa, etherea,
Sonhava como um Deus nos antros da materia.

✓ | Andavam pelo espaço effluvios penetrantes,
Como o aroma que sae da bocca dos amantes.

✓ | Sentia-se um murmurio, um cantico disperso...
Era o sopro de Deus na harpa do universo.

✓ | Os olhos dos leões, dos tigres, dos condores
Abriam-se ao luar como purpureas flôres.

✓ | E os mansos animaes das rochas nos escombros
Contemplavam a luz com mysticos assombros.

Ouviam-se gemer ao longe na amplidão
A guitarra do amor e a voz de D. João :

«O' noites saudosas, minh'alma fluctua
N'um sonho indeciso de moira gentil...
Embala-me os sonhos, ó sylphide núa,
O' pallida lua
Das noites de Abril!

«Os anjos dormitam, serenas creanças,
Ao som da harmonia das ondas do mar...
Huris encantadas volteiam nas danças,
Dispersas as tranças
A' luz do luar.

«Aninham-se os sylphos das virgens dormentes
Nos tepidos seios de nitido alvor...
Sorriem... E os seios palpitam trementes...
O' noites ardentes,
O' noites de amor!

«Bailae, raparigas,
Cantae as cantigas
A' luz do luar:
Erguei-vos do leito,
Violas ao peito,
Cantar e bailar!

«Não sente canceira,
Não póde cançar
Quem baila na eira
Quem canta ao luar.

«Cantando cantigas,
Andando a bailar,
Descobrem-se as ligas
A' luz do luar.

«No meio das danças
Apertam-se os dedos...
Que ricas lembranças!
Que lindos segredos!

«Saltae nas espigas,
Deixae os cuidados;
Bilae, raparigas,
Cantae, namorados!

«Lá vêm as fadigas,
Lá vae o luar,
E adeus as cantigas
E adeus o bailar;
Então, raparigas,
Erguei-vos do leito,
Violas ao peito
Até as quebrar!»

E á voz de D. João corriam aldeãs :
A face trigueirinha, os lábios de romãs.

Andavam pelo ar sonhos enfeitados.
A guitarra cantava. Enchiam-se os eirados.

As creanças gentis, urnas de pura essencia
Frescas como um lilaz, brancas como a innocencia,

Erguiam-se do leito e vinham-se banhar
Na luz silenciosa e meiga do luar.

Os soluços d'amor nos peitos das Ophelias
Rebentavam, chorando, alvos como as camélias.

✓ Fechava-se ao relento o calice das rosas.
Abriam-se os balcões e as portas mysteriosas.

E o louco D. João na sombra das estradas
Fazia-as suspirar, as virgens desmaiadas...

✓ Seus beijos sensuaes voavam como abelhas
Dos collos mais gentis ás boccas mais vermelhas.

E o rosto onde poisava um beijo d'elle, um astro,
Perdia logo a côr, tornava-se alabastro,

Co'a doce pallidez e o mimo transparente
Do corpo virginal d'uma creança doente.

E no entanto D. João ia pelos caminhos
Entre aromas e sons e fremitos de ninhos,

Deixando atraz de si nas relvas verdejantes,
Desgrenhadas de amor, as pallidas amantes.

E no silencio azul de tentações repleto
Volteiava a canção, como um vermelho insecto.

✓ «E' noite alegre e formosa!
Vestí-vos de côr de rosa,
Com cintos de verde-mar;
E' a côr que eu mais estimo
Ai, que frescura, que mimo,
Dando-lhe em cheio o luar!

Iremos de braços dados,
Como alegres namorados,

Nos luminosos caminhos ;
E ao som das nossas risadas
As aves alvoroçadas
Cantarão dentro dos ninhos.

«Ao passar entre o arvoredos,
— Ai, que sustos! ai, que medo! —
Direis vós, todas febris ..
E esses peitos virginaes
Palpitarão... Fóra o mais...
Fóra o mais que se não diz.

«Deixemos livros e sabios !
Tendes boccas, tendes labios,
Dae-nos beijos, dae, amores !
Com delicias tão suaves
Façamos cantar as aves,
Façamos abrir as flôres !

«Erguei-vos, sim, minhas filhas !
Vinde ouvir as guitarrilhas,
Vinde vêr as maravilhas,
Que ha lá no fundo do mar...

✓ Vêr palacios de alvoradas,
 Onde as damas encantadas
 Com suas mãos delicadas
 Tecem a luz do luar.

«Tudo quanto sonha e cria
 Vossa doida phantasia
 Tereis tudo... Noite e dia
 Canta lá o rouxinol...

✓ N'essas grutas transparentes
 Ha, em leitos viridentes,
 Loiros principes dormentes
 Com cabellos côr do sol...

Sobre o balcão em flôr, tranquilla, adormecida,
 Sonhava docemente a casta Margarida.

Nas fórmas ideaes, magneticas, franzinas,
 Não têm maior fluidez as cérulas ondinas.

✓ Requebrada, embebida em tintas de luar,
 Fazia-nos sentir, fazia-nos lembrar

✓ A simples candidez das alvas pombas mansas,
A frescura do linho e o somno das creanças.

E sobre tudo isto a graça virginal,
Como um beijo de luz n'um fundo de crystal.

Sonhava... Ao escutar a languida toada,
Poisando sobre a mão a face avelludada,

Abriu humidamente os grandes olhos vagos,
✓ Puros como dois céus! tristes como dois lagos!

Rompêra-lhe da alma o seu primeiro amor,
Como no mez d'abril rompe da haste a flôr.

Ficára como a pomba a esvoaçar no abysmo,
Correu-lhe pelo corpo um doce magnetismo...

✓ E a curva musical das suas niveas pomas
Arfava como oceano a trasbordar de aromas.

E a canção continuava a rir e a chorar
Entre as scintillações maviosas do luar:

«Vinde, moças e meninas
Que eu leio o livro das sinas
Nas vossas mãos pequeninas,
Nos vossos olhos traidores...
Sei as vidas dos amantes,
Com seus peccados galantes,
Melhor do que os estudantes
E que os padres confessores...

«Eu interrogo os segredos
Das coisas mudas, sombrias...
E as falas dos arvoredos
E o canto das cotovias.

✓ «Sei cantigas mysteriosas,
Cantigas de endoidecer,
Que os sylphos dizem ás rosas
E as rosas me vêm dizer.

✓ «Conheço os fluidos medonhos,
Os fluidos inebriantes
Que a flôr amarga dos sonhos
Entorna sobre os amantes.

✓ | «Dos olhos negros, serenos,
Languidamente quebrados,
Sei extrahir uns venenos
Para dar aos namorados...

✓ | «Eu tenho sobre um altar
Mil rendilhadas bocetas:
Vou-as enchendo ao luar
Com beijos de Julietas.

✓ | «Tenho em vasos crystalinos,
Sepulchros de muita flôr,
Os corações purpurinos
Das virgens mortas de amor.

✓ | «E em noites negras, soturnas,
Mal eu vou adormecido,
Sae um choro comprimido
Do fundo d'aquellas urnas.

«Tenho volupias secretas,
Essencias desconhecidas
De endoidecer os poetas
Que fogem das Margaridas.

«Faltava-me achar agora
Um philtro que é preparado
Com luar crystalisado
E risos brancos da aurora.

«Diz o livro do destino
Que só ha uma donzella
Que no mel dos labios d'ella
Guarda esse philtro divino.

«Vi as rosas tropicaes,
Vi os lyrios da Allemanha,
Vi as marquezas de Hespanha,
E as filhas dos cardeaes ;

«E o doce effluvio, o aroma
Que eu procurei no Oriente,
Na Grecia, em Cadiz, em Roma,
Vim achal-o, finalmente,

«Na tua bocca vermelha,
Aonde o beijo primeiro
Dorme ainda como abelha
Nas folhas d'um jasmineiro.»
.....

O echo repetiu, a soluçar, ainda
 Da languida volata os ultimos harpejos;
 Depois... adivinhae... Na solidão infinda
 Sómente se escutava a musica dos beijos...

.....

O pallido clarão da fresca madrugada
 Inundava de luz o ether silencioso;
 Por detraz da montanha espiritualisada
 Vinha rompendo o sol como um titan curioso.

admirable

Sentiam-se falar as aves nos seus ninhos.
 E o feliz D. João, traidor como a serpente,
 Por entre o nevoeiro espesso dos caminhos
 Cantava esta canção maliciosamente :

«O' pallidas rosas,
 Que em noites saudosas
 Dormis languorosas,
 Da lua ao clarão,

Deitae-vos, donzellas!
 E em noites tão bellas
 Fugi das janellas,
 Que eu sou D. João.

✓ «Fugi, sensitivas,
 Que as almas esquivas
 Desmaiam lascivas
 Da lua ao clarão...
 E em noites escuras,
 O' vós que sois puras,
 Temei aventuras,
 Que eu sou D. João.»

.....

*

E a doce Margarida, ao despertar no leito
 Sem aquella innocencia occulta das creanças,
 Encobriu o seu rosto, em lagrimas desfeito,
 No luctuoso véu das perfumadas tranças.

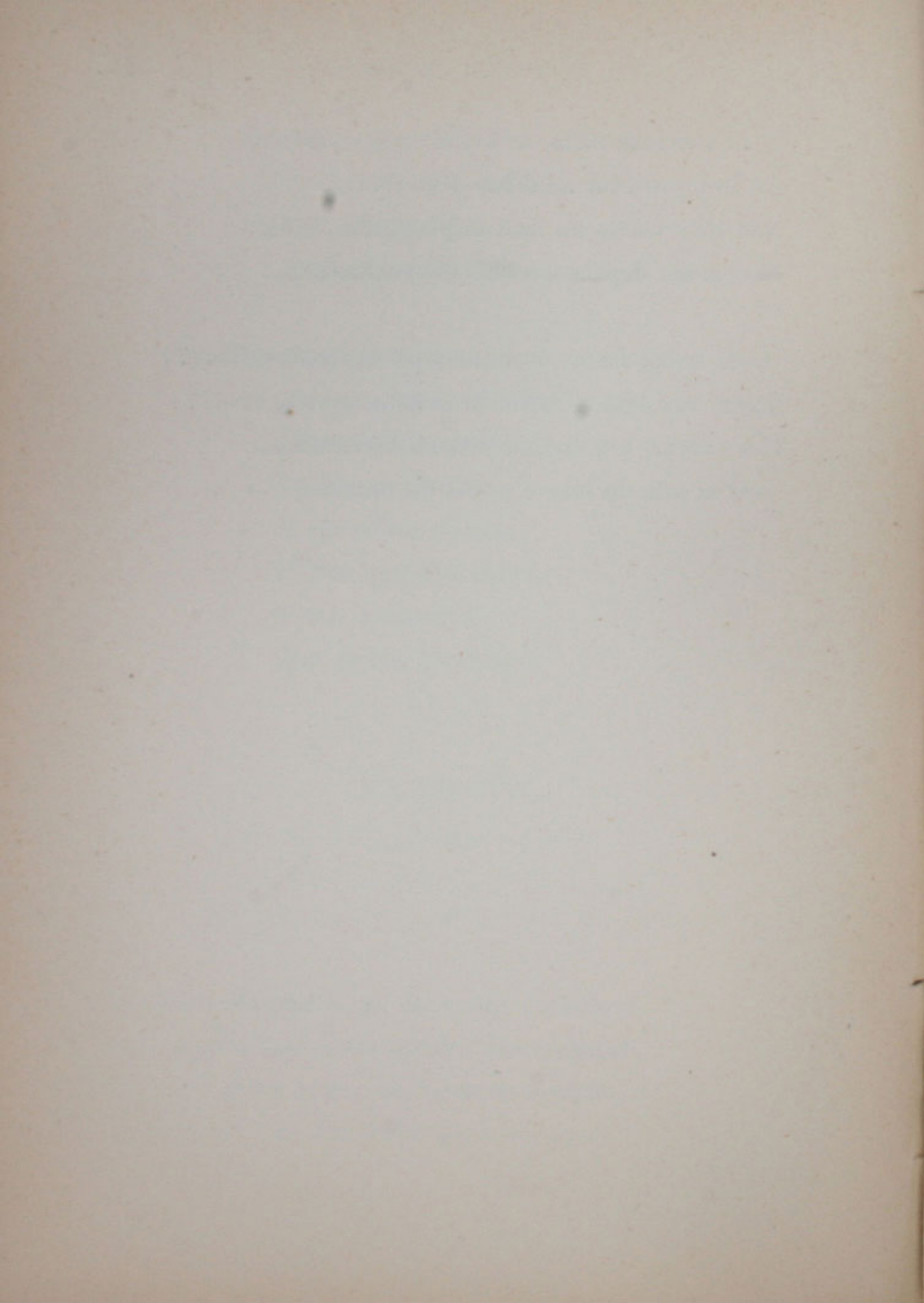
E as solícitas mães, as velhas mães piedosas,
Ao irem acordar as filhas desmaiadas,
Não lhes vendo na face as purpurinas rosas,
Exclamam depois, loucas, sobressaltadas :

«Com quem fostes dormir ao pé das mancenilhas?!

Quem vos deixou assim brancas como um lençol?!

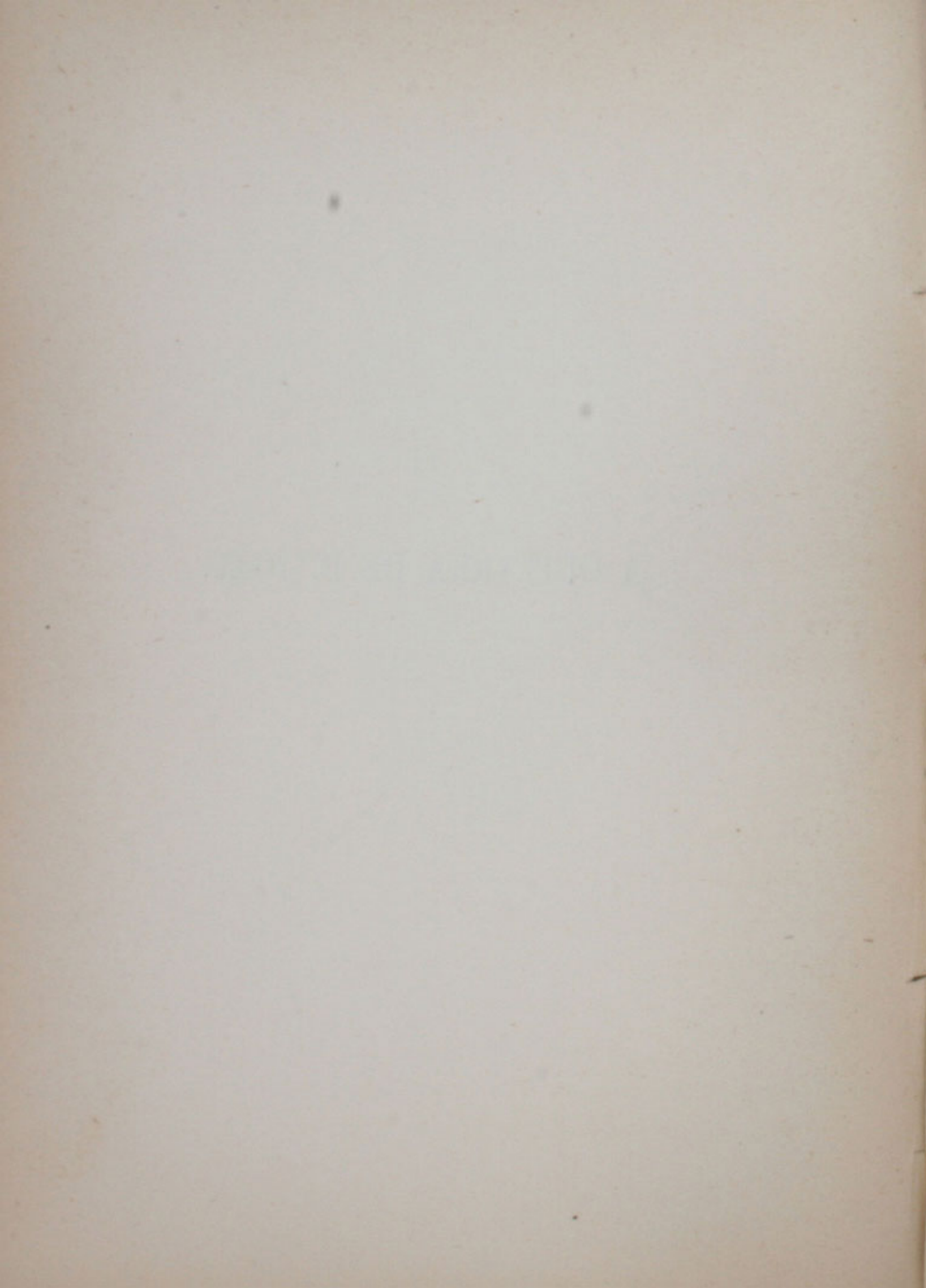
E a chorar, e a tremer diziam-lhe as filhas :

√x -- O aroma do luar e a voz do rouxinol . . . »



II

A GUITARRA DE D.^o JOÃO



II

A GUITARRA DE D. JOÃO

Ia quasi no fim a ceia. D. João,
Sentindo dentro d'alma a flôr da hypocondria,
Fumava e remordia
Um pessimo choruto, um *brevet* de tostão.
Em volta, as Messalinas,
Repletas de cognac,
Esvaziavam rindo as taças crystalinas,
Trauteando as canções alegres de Offenbach.

Na hedionda pallidez, nas caras desmaiadas

Das Venus triviaes,

Abriam-se aos desdens, rubras como facadas,

Boccas avermelhadas,

Boccas de canibaes.

E os olhos côr da noite, os olhos desleaes,

Doces como setim,

Vertiam brandamente as humidas scentelhas

Sob a curva ideal das negras sobranceilhas

Pintadas a nankim.

Uma das cortezãs, de fórmãs vis, ridiculas,

Cheirando muito a alho e tresandando a vinho,

Com a tosse febril, saltavam-lhe as claviculas

No magro peito nú, da côr do pergaminho.

Outras eram gentis, chloroticas, gulosas ;

Gostavam de comer sómente as sobremezas,

E sabiam contar coisas libidinosas

Com phrases de soldado e um ar de archiduquezas.

Via-se alli tambem a deslumbrante Imperia :

Carnes phenomenaes, brancas espaduas nuas,

Vampiro da paixão, milagre da materia,

Gostando de Bordeus, d'amor e de ostras cruas.

Bebia, saboreava os preciosos vinhos

Com gestos senhoris, altivos, miudinhos, ✓
 D'um *chic* singular, um pouco amaneirado ;
 E que graça, meu Deus ! que tentação fremente,
 Vendo-a despedaçar, morder felinamente
 Com vermelho apetite um biffe ensanguentado !
 Mas no luxo venal d'aquellas prostitutas,
 Nas olheiras fataes das noites dissolutas,
 As noites de embriaguez ;
 No exagêro febril do côrte dos vestidos,
 Desfeitos e tingidos
 Pela segunda vez ;
 Nas joias de *plaqué*, nas pedras preciosas,
 Ordinarios crystaes com venenosos brilhos ;
 Na ictericia cruel dos murchos veludilhos ;
 Nas carnes sem pudor, batidas, gordurosas ;
 Em tudo estava impressa a tragica ironia,
 O sorriso fatal
 Da miseria elegante, amarga, doentia,
 Da miseria que vae morrer na enfermaria
 D'um lugubre hospital.
 Havia pelo chão copos despedaçados.
 Sentia-se bater a aza flammejante
 Dos vicios delicados.

✓ Eu conheço a finura, a graça, a geometria
Da moderna paixão, louca, desordenada:
E sei como se bebe um copo de alegria
N'um crystal da Bohemia, ás tres da madrugada.

Eu conheço da carne as morbidas essencias,
Os philtros do prazer, os lubricos peccados.
Tenho no meu olhar finas concupiscencias,
Desejos tropicaes, occultos, sublinhados... ✓

Eu mergulho em veludo e rendas de Malines,
Com a graça infernal, as graças do deboche,
Meu corpo que anda exposto em todas as vitrines
Ao pé de Lacenaire e ao pé da Rigolboche.

Cleopatra bebia as perolas do Oriente.
Eu bebo com champagne os ternos corações.
✓ Adoro o baccarat extraordinariamente,
E costume calçar luvas de seis tostões.

Quando passo na rua, as damas elegantes
✓ Accusam com o olhar os perfidos maridos...
Murmuram entre si ditos escarpellantes,
✓ E imitam-me, a final, todos os meus vestidos.

Os pallidos *crévés*, lymphaticos Othellos,
Que eu conduzo do amor aos negros labyrinthos,
Suicidam-se por mim, batem-se nos duellos
E morrem como os cães, os magros cães famintos.

Abandonam da esposa o seio casto e brando,
Para satisfazer-me a doida phantasia;
E, torpes e febris, entram cambaleando
Na alcova nupcial ao despontar do dia.

Muitos que eu conheci, riquissimos banqueiros,
Dandys do grande tom, andam pelas galés;
Alguns, ó D. João! fizeram-se cocheiros,
Outros morrem de fome á porta dos cafés.

Os velhos bestiaes, os monstros debochados
Que contemplam da morte o olhar sinistro e mudo,
E já sentem ranger nos ossos cariados
O *bull-dog* infernal do rheumatismo agudo,

Dão-me rendas e oiro e ceias e brilhantes;
Põem dentadura falsa e luvas amarellas,
E atiram a meus pés, humildes, soluçantes,
Os frios corações, envoltos em flanellas.

E por ti, D. João, por ti a quem outr'ora
 Eu louca despenhei no inferno dos amores,
 Por ti eu deixo tudo que a minh'alma adora :
 Os meus vícios fieis — pagens encantadores.»

D. JOÃO

Sou um pantano escuro, innavegavel, quieto,
 Sem vida, sem amor, sem vibrações, sem luctas,
 Trago dentro de mim um coração abjecto,
 Torpe como o lençol das velhas prostitutas.

O *spleen*, dominador, vampirico, secreto,
 Roeu-me da consciencia as fibras impollutas.
 Sou um pantano escuro, innavegavel, quieto,
 Como a hedionda paz das trevas absolutas . . .

Se esgotei finalmente os sonhos do imprevisto,
 Se já não posso ter as sensações agudas
 Da virtude e do mal, porque é que ainda existo !

Sinto-me naufragar no horror das trevas mudas . . .
 Quem me dera gemer no teu Calvario, ó Christo !
 Quem me dera sentir o teu remorso, ó Judas ;

IMPERIA

Eu que tenho no olhar o incoercível dente
Que aguilhoa da carne os sonhos bestiaes,
E tenho as attracções nervosas da serpente
Com que Jehovah tentou os nossos primeiros paes ;

Eu, a mulher perdida, a cynica indolente,
A torpe barregã de olhos sentimentaes, ✓
Que ando de mão em mão escandalosamente
Como as cartas de jogo e os livros sensuaes ;

Eu, negra flôr do mal, silenciosa e calma,
✓ Eu, que cheguei a ter escrofulas na alma,
E abri um lupanar dentro do coração ;

Ao vêr o teu olhar, o teu olhar sombrio,
O' canalha gentil, ó pallido vadio,
Eu, que desprezo o amor, amo-te, D. João !

D. JOÃO

Deixae-me só, deixae-me, ó lindas creaturas
Já me aborrece o amor ; fugí, pombas inermes ;

Fugí, fugí de mim, cantharidas impuras,
Vampiros sensuaes, deliciosos vermes.

IMPERIA

Mas que genio infernal, que nervosa attracção
Faz com que nós, D. João,
Corrâmos para ti, loucas, apaixonadas,
Como um rebanho mau de victimas damnadas
Que tem o teu olhar por unico pharol,
E vão de terra em terra, ao vento, á chuva, ao sol,
Deixando atraz de si nas urzes das paixões
Os farrapos da alma, os velhos corações,
Tão cheios de bolor, tão gastos pela traça,
Que o mais faminto abutre olha-os, fareja... e passa?!

D. JOÃO

Quero-vos confessar o meu segredo ; ouvi-me :

Eu tenho uma guitarra, um talisman sublime
Que pertenceu outr'ora a D. João Tenorio ;
O peito mais cruel, mais rijo, mais marmoreo,
Desmaia apenas ouve as musicas estranhas
Da guitarra maviosa. A alma das Hespanhas,

Os canticos do sol, o aroma do luar, + at p. 227, L. 8.
 O fogo da paixão rubra, peninsular, ✓
 Tudo soluça e canta e resplandece e brilha
 Dentro d'esta guitarra. Os jardins de Sevilha,
 Salamanca, Granada, o Tejo, o Manzanares
 Conhecem-lhe de ha muito os languidos cantares,
 E quando ella murmura uns intimos harpejos,
 Revoa pelo ar um turbilhão de beijos,
 Desabrocham sorrindo os calices das rosas,
 E erguendo-se do leito, as virgens vaporosas,
 Somnambulas de amor, brancas como alabastro,
 Vão seguindo, seguindo o luminoso rastro
 Da musica febril...

Creanças perfumadas,
 Doces como Jesus, frescas como alvoradas, ✓
 Olympicas visões, pallidas Julietas,
 O que é feito de vós, ó longas tranças pretas,
 O' lilazes em flôr, ó urnas de alegria
 Que eu quebrei, como quebro ao despontar do dia
 Um crystal da Bohemia, um copo esvasiado?!
 Pombas que eu arrojéi ás trevas do peccado,
 O que é feito de vós!?

Umas sem coração,
Usurarias da carne, agiotas da paixão,
Fazem do seu amor obscenos restaurantes
Aonde, á meia noite, os tristes viandantes
Vão pedindo por lista os gosos sensuaes,
Ardentes como o sol, frios como os punhaes.
Outras, foram viver nos lugubres conventos,
Apertando o cilicio aos corpos macilentos,
Os corpos juvenis de brancas fórmãs raras
Que eu tanta vez beijei n'aquellas noites claras,
Em que a luz do luar tem falas silenciosas
Com que vós desmaiaes, brancas visões mimosas.
E o resto, finalmente, expulsas dos bordeis,
Andam cynicamente em volta dos quarteis,
Dando por um ceítill os beijos avinhados
A's boccas dos ladrões e ás boccas dos soldados.
Depois, cheias de fome e lepras bestiaes,
Hão de ir a fermentar dentro dos hospitaes,
Aonde á luz do sol os magros estudantes
(E alguns foram talvez outr'ora os seus amantes!)
Enterrarão sem dó os frios bisturis
Na velha podridão d'aquellas carnes vis,
Fazendo observações, soltando gargalhadas,

Mettendo-lhes no ventre as mãos ensanguentadas,
 Cortando, retalhando os membros que afinal
 Cosidos n'um lençol, dado pelo hospital,
 Irão á meia noite em tumulos sombrios
 E seguidos de três ou quatro cães vadios
 Perfumar, engordar as lubricas raizes
 Dos crassos vegetaes, os vegetaes felizes
 Que arrojam para a luz, fortes, envernizadas, ✓
Grandes folhas hostis, brunidas como espadas. ✓

IMPERIA

Bebe um calix de absintho, e diz-nos, D. João,
 Onde é que tu achaste essa guitarra ardente,
 Que domina, subjuga o nosso coração,
 Como um indio que faz dançar uma serpente.

D. JOÃO

No tempo das flôres
 Eu fui a Sevilha
 Em busca de amores.

Eu fui a Sevilha
Por ver das morenas
O pé feiticeiro,
E em noites serenas
De branco luar
Cantar e bailar
Ao som do pandeiro.

Morenas, morenas,
Sentindo-me triste,
Lembrei-me de vós,
Fugiram-me as penas,
Morenas! Morenas!

Um rosto moreno,
Uns olhos trementes,
Um pé andaluz,
Que linda receita
P'ra almas doentes!
Que linda!... Jesus!

E se esta miragem
Me deu e me trouxe
Tão vivo prazer,
Então se não fosse
Miragem apenas...
O que ia eu dizer!...
Morenas! Morenas!

No tempo das flôres
Eu fui a Sevilha
Em busca de amores.

E apenas lá cheguei, oh! maravilha
Da eterna formosura!
Vi a creança mais ideal, mais pura
Que os olhos meus têm visto!

Era nervosa, pallida, franzina,
Doce como o cantar d'um rouxinol!
Corpo gentil de fugitiva ondina,
Tranças phenomenaes da côr do sol.
Tinha a brancura lactea das camélias,
Os gestos vaporosos das Ophelias.

A incoherencia dos sonhos ideaes...

Os seus olhos azues, astros bemditos,

Eram dois grandes mudos-infinitos,

Como as piedosas noites tropicaes.

Dentro d'elles havia harpas eoleas,

Aromas penetrantes das magnolias,

Cantos da beira-mar

E um não sei quê de ingenuo e de magoado,

Como um silencio azul atravessado

Pelos aromas quentes do luar.

O linho branco e fino

Não tem maior frescura

Que a carne do seu corpo alabastrino.

Lyrio de amor! mimosa creatura!...

.....

Era filha d'um conde millionario,

(Como todos os condes das balladas)

Vivendo solitario

N'um castello de ameias rendilhadas,

Tive no pensamento

A ideia extravagante

De a ir pedir ao pae em casamento;

Mas, para conservar certo decoro,

Quiz conquistar primeiro a linda amante
Com duas ou tres cartas de namoro.

Gastei dias e dias

E noites tenebrosas,

Procurando metaphoras sombrias,

Rimas difficultosas,

Adjectivos exoticos, vermelhos,

Comparações brunidas como espelhos,

Palavras côr da treva, côr do abysmo,

Para fazer sonetos iriados,

Deslumbrantes, correctos, pu-pureados

Nas estufas ideaes do gongorismo.

Cancei-me de escrever :

Resposta, nunca veio,

✓ Que ingenuidade então ! eu hoje creio

Que a minha amada não sabia ler.

Mas não desanimei ; até parece

Que achei certa poesia

Que a branca Julieta não soubesse

Os mysterios fataes da orthografia.

Ficava assim com a innocencia inteira

D'uma Eva feliz,

✓ Que usa a classica folha de videira,

Cortada pelos moldes de Pariz.

Para lançar-lhe ao peito a crua garra

Dos meus fieis amores,

Mandei chamar um mestre de guitarra,

E instrumento official dos seductores ;

Porque hoje as rimas das canções mais bellas

Não desgraçam donzellas,

Desgraçam simplesmente os editores.

Comprei um manto de velludo preto,

Um *sombbrero* e uma espada ;

E triste como Hamleto

Ia sempre ao romper da madrugada

Tocar-lhe variações

Debaixo do balcão que estava em flôr,

Como acontece a todos os balcões.

E a sylphide cruel do meu amor,

A Beatriz infernal,

Sem ter piedade de paixões tamanhas,

Dormia nas finissimas bretanhas

Do pequenino leito virginal.

Dormia envolta nos aromas loiros

D'um roseo neveiro,

E sonhava talvez, adormecida,
 Com os braços nervosos d'um toureiro
 Que matára dez touros
 Na ultima corrida...

.....

 Uma manhã que eu ia a passos lentos
 Ruminando meus tristes pensamentos,

 Meu tenebroso amor,
 Ouvi ao longe um canto illuminado,
 Alegre, juvenil, embalsamado,

Como um lilaz em flôr.

A guitarra cantava uns estribilhos
 Maliciosos, vermelhos, matinaes,
 Loucas scintillações de claros brilhos,
 Vivas como crystaes.

E a minh'alma sinistra e tumular
 Sentiu-se boa, oxigenada, esperta,
Como quem chega a uma janella aberta

Que lança para o mar.

 Fui instinctivamente
 Seguindo as vibrações da guitarrilha ;

Era D. João Tenorio de Sevilha,
O cavalleiro ardente
Que sob uma janella rendilhada,
Se bem me lembra a mim,
Cantava uma ballada,
Uma ballada que dizia assim :

Quando ella passa,
Ligeira corça,
Cheia de graça,
De mimo e força ;

Desmaio, aneio,
Tenho receio,
Fico tremente,
Como o selvagem
Que, ao vir da aragem,
Ancioso escuta
O sopro ardente
Da fera bruta.

Sim, estremeço
Como estremece
Ligeira messe
Que o vento inclina ;

E, ao mesmo tempo,
Ao vêr a doce
Mulher divina,
De tal maneira
Cheio de vida
Fico, Senhor!
Que a terra inteira
Desapparece,
Nuvem ligeira,
Nuvem perdida,
No céu do amor.

E' justamente
Febril panthera,
Pombinha mansa :
Olho de fera,
Rir de creança.

Ao vêr o fluido
D'aquelle olhar,
Eu vou levado
Como embalado
Por sobre as ondas
D'um grande mar.

Seu lindo pé,
Nunca em Sevilha
Vi maravilha
Tão pequenina ;
Duvido até
Que haja na China
Tão lindo pé.

N'isto abriram-se as portas da janella,
E ao depois vi surgir
A grande flôr morena, a flôr mais bella
Das margens quentes do Guadalquivir :
Fórmas esculpturaes ;
Fórmas nobres, elasticas, nervosas,
Como as antigas deusas gloriosas,
Serenas, triumphaes,
Que nós vemos nos marmores sagrados,
Com um sorriso branco e transparente,
Poisando a mão valente
Na juba espessa dos leões curvados.
Brilhavam nos seus olhos tempestuosos
Pensamentos purpureos, silenciosos,
Cortados de relampagos d'amor...

Era a deusa das *jotas*, dos fandangos :
Tinha a viveza acre dos morangos
E os aromas dos fructos do Equador.
Mas voltemos ao conto : D. João

Marinhou pela escada,
Poisando a guitarrilha sobre o chão.
Eu peguei n'ella, (que ventura a minha!)
E fui louco de amor, como os poetas,
Tocar n'aquellas musicas secretas

A' loira condessinha.

Mal eu passei os dedos
Por sobre aquellas cordas feiticeiras,
Ouvi gemer uns intimos segredos,
Notas alegres, vividas, ligeiras,
Risos doirados, harmonias c erulas,
Que brilham no ar fresco e transparente
Como cascatas de rubis e perolas.
Depois era uma languida volata,
Um cantar melancolico e dolente,
Orvalhado de lagrimas de prata.
E assim que a Julieta adormecida
Ouviu aquella musica dorida

A chorar e a cantar,

Ficou tremente, desmaiada e calma,
Como se houvera mergulhado a alma
N'um banho de luar.
Levantou-se do leito semi-nua,
Pallida como as brancas açucenas,
E, cruzando no peito as mãos pequenas,
Ella me disse: «D. João, sou tua!»
Como era bella assim! As loiras tranças
Encobriam-lhe os seios virginaes...
Oh frescura da carne das creanças!
Oh dentadas d'amor!... oh cannibaes!
Para pintar-lhe as fórmas peregrinas,
As curvas nobremente alabastrinas,
As curvas sensuaes das niveas pomas,
Seriam necessarias com certeza
Todas as expressões da natureza
A luz, a côr, a musica, os aromas...

.....
.....

Mas n'isto, de repente,
Com um gesto fatidico, marmoreo,
Surge-me frente a frente
O espadachim do D. João Tenorio.

Ouvira da guitarra feiticeira

Os languidos suspiros.

Travou da espada c'uma fúria immensa,

E eu tirei da algibeira

Simplesmente um revolver de seis tiros.

Coitado! o menestrel da Renascença,

A flôr dos cavalleiros andaluzes,

O typo da suprema valentia,

De armas de fogo apenas conhecia

Morteiros e arcabuzes.

Caminhou para mim acceso em ira,

Erguendo ao ar o ferro coruscante

Que assassinára o pae de D. Elvira.

La atirar-me um golpe ao coração :

Eu disparei, e n'esse mesmo instante

Cahiu morto no chão.

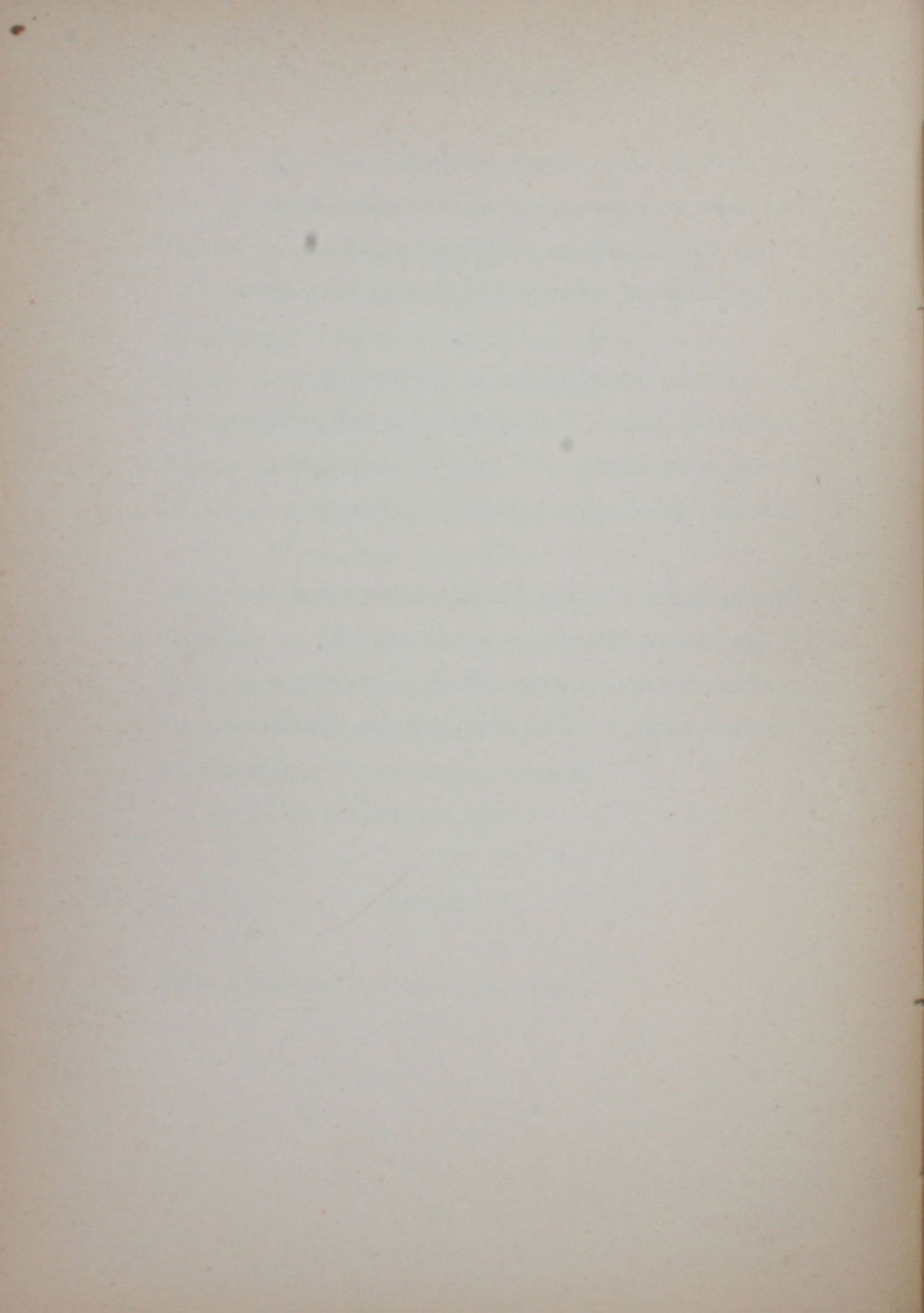
IMPERIA

Bebo á tua saude, ó novo D. João.

E o novo D. João, triste, silencioso,
Levantou-se e partiu, assim como quem leva
Dentro do coração os pantanos do gôso,
As grilhetas do *spleen* feitas de chumbo e treva.

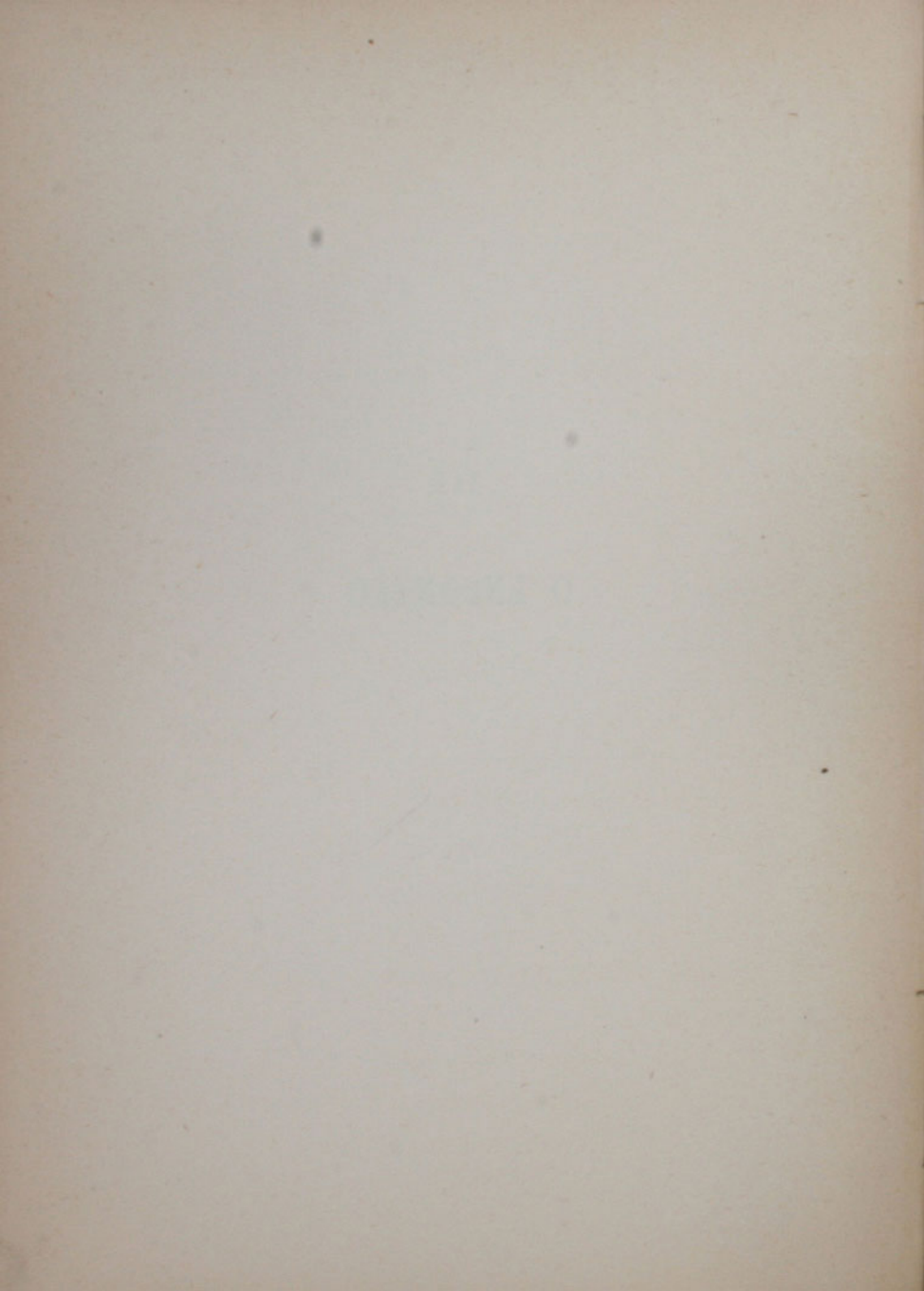
Ao sahir do bordel pegou na guitarrilha,
Quebrou-a com os pés, desfel-a em mil pedaços;
E depois exclamou: «O' noite, ó mancenilha,
Estendei sobre mim os venenosos braços!»

Estava negro o céu, profundamente esqualido.
E das nuvens fataes no trémulo castello
O crescente da lua avermelhado e pallido
Brilhava como a folha enorme de um cutello.



III

O ENCONTRO



III

O ENCONTRO

Era uma velha rua miseravel,
Cheia de podridão,
Triste, caliginosa, impenetravel,
Como um dogma christão. ✓
A noite estava escura :
E n'esse beco a treva dir-se-hia ✓
Feita de tinta negra e de gordura.
A luz dos candieiros taciturnos
Lampejava e tremia,
Como os olhos dos bebados nocturnos. ✓

Nos bordeis turbulentos
Misturavam-se ás roucas gargalhadas
As canções avinhadas,
Os gritos e os lamentos.
Ao fundo das tabernas,
Sombrias como as boccas das cisternas,
Desenhavam-se vultos fantasiosos ;
Os malandros esguios, angulosos,
De olhar azul, traiçoeiro, sem coragem,
E os assassinos ruivos, musculosos,
Com pescoços de bufalo selvagem.
Remexiam nos torpes labyrinthos,
A' busca do jantar,
Os magros cães, Diogenes famintos.
Andavam farejando a podridão,
E, com a cauda erguida para o ar,
Desenhavam d'um modo singular
Estranhos pontos de interrogação.
E á porta de uma tasca, solitario
Dormia D. João.
Já não era esse typo legendario
De seductor gentil romantizado :

Era apenas assim como um farçante,
Um bebado tunante,
Pallido, escalavrado.

Havia n'elle um mixto gorduroso
Do ladrão, do cocheiro, e do soldado. ✓

Tinha o aspecto immundo, crapuloso
De um tenorio servil de baixa esteira
E o rosto bilioso
D'um jogador de feira.

Estendido na rua, sobre a lama,
Na escuridão do cerebro doente
A embriaguez creara-lhe este drama :

O SONHO DE D. JOÃO

Era uma noite linda, surprehendente :
O luar escorria entre as verduras,
Ineffavel, somnambulo, dormente.

As larvas feias, humidas, impuras,
Os animaes viscosos, rastejantes,
Saíam d'entre as negras espessuras,

D'entre as vegetações luxuriantes,
Onde falam as boccas verminadas
Dos solitários, lividos amantes.

As flôres das magnolias perfumadas
Dormiam como pombas côr de arminho
Sobre as folhas luzentes, bronzeadas.

Os rouxinoes cantavam no seu ninho.
Vinham dos florescentes arvoredos
Emanações mais frescas do que o linho.

Os rebanhos deitados nos penedos
Abriam os seus olhos resignados,
Cheios de melancolicos segredos.

Lampejavam os trigos prateados
E o dorso faiscante dos rafeiros
Nas luminosas pedras dos eirados.

As resequidas hervas dos outeiros
Tinham scintillações mais crystalinas
Que as espelhadas lanças dos guerreiros.

As venenosas plantas assassinas,
Felizes como o somno da innocencia,
Vegetavam nos muros, nas ruinas.

✓ E sobre o fundo abysmo da existencia
Ia caindo, como um sonho ethereo,
Da casta lua a branca somnolencia...

Esfarrapado, livido, funereo,
Como velho esqueleto, D. João
Encontrou-se n'um grande cemiterio.

E ao ver-se alli, na morta solidão,
Para espalhar as sombras e os terrores,
Poz-se a cantar ao vento esta canção:

O' raizes agudas dos ciprestes,
O' raizes das flôres.
Dizei: o que fizestes,
O que fizestes vós dos meus amores?!
Aonde estão as carnes delicadas
Das brancas Julietas perfumadas,
Das meigas Beatrizes?

Dize-m'e tu, ó aço das enxadas !

Dizei-o vós, ó lubricas raizes !

Virgens loiras e novas

Que partistes do mundo sem amar,

Devem ser bem frias essas covas,

Essas prisões sem ar !

Antes desseis as boccas impollutas

A's boccas dos ladrões, dos assassinos,

Se vós tinheis de ser as prostitutas

Dos vermes libertinos ! . . .

.....

N'isto ouviram-se ao longe a soluçar

Umas vozes sombrias, compassivas,

Como as ondas monotonas do mar.

Eram as velhas almas redivivas

Das Magdalenas tristes, dolorosas ;

Como um tropel de pallidas captivas,

Caminhavam sinistras, lagrimosas,

Dispersas pelo ar as longas tranças,

Encruzadas no peito as mãos piedosas.

Mostravam todas, miseras creanças!
Atravez dos alvissimos sendaes,
Os corações varados pelas lanças.

Nas fronte juvenis, esculpturaes,
Tinham a doce pallidez funesta
Do alabastro dos tumulos reaes.

Era um mar d'agonia, uma floresta
De suspiros ardentes, desgrenhados...
Algumas d'ellas com tristeza honesta,

Inda vestidas para os seus noivados,
Dos filhinhos ás boccas infantis
Offereciam os peitos golpeados.

Outras que foram lyrios juvenis,
Já carcomidas pelas larvas frias,
Caminhavam sem olhos, sem nariz,

Envolvidas em tunicas sombrias,
E cheias de luar fosforescente
As descarnadas orbitas vasias.

E toda esta multidão plangente
Foi rodeando o tremulo devasso
Silenciosa, ameaçadoramente.

E n'esse mesmo instante pelo espaço
Aquellas almas, corações e vidas
Arrebentaram, como bombas d'aço,

N'uma explosão de vozes doloridas :

O CORO DAS VICTIMAS

Nós somos, D. João, as pallidas amantes
Que tu assassinaste a rir e a cantar.
Não temos sepultura, andamos supplicantes,
Expondo pela noite aos ventos soluçantes
Os nossos corações mais frios do que o mar,
Nas campas virginaes, batidas do luar
Não deixa Deus dormir as pallidas amantes.

A terra, a boa mãe que produziu as flôres
E que escondeu a luz na rocha dura e fria,
Ella que abre igualmente os peitos creadores

Aos homens e aos leões, aos tigres e aos condores,
Ao lyrio assetinado e á immunda larva escura,
Ai de ti, D. João! nega-nos sepultura
A terra, a boa mãe que produziu as flôres,

Desde que á noite canta a voz do rouxinol,
✓ Manda-nos Deus lavar com nosso pranto ardente
Os beijos que nos déste, os beijos côr do sol...
Quando vem despontando o fulgido arrebol,
Tornamo-nos então em nevoa transparente;
Ai! que melancolia o coração não sente,
Quando ouvimos cantar á noite o rouxinol!

Não iremos dormir ao pé das Beatrizes,
Sem primeiro curar com nossas mãos piedosas
Do teu perverso amor as fundas cicatrizes;
E ao depois sobre nós hão de criar raizes
Os bellos vegetaes de folhas lagrimosas,
Por debaixo do azul das noites silenciosas,
Quando formos dormir ao pé das Beatrizes.

E por ti, D. João, abandonámos tudo!
A flôr da primavera, as graças matinaes,
Alegrias do amor, doces como o velludo.

Partiu-se-nos da fé o crystalino escudo ;
Deixámos para sempre os leitos virginaes,
Deixámos nossas mães, deixámos nossos paes,
Por ti, ó D. João, abandonámos tudo !

Dos teus olhos febris as doces punhaladas
Mataram-nos da alma os sonhos crystalinos ;
Andámos pelo mundo exaustas, desgrenhadas,
Lançando no abandono á margem das estradas
Do teu lubrico amor os fructos pequeninos.
Inda aqui pódes vêr nos seios diamantinos
Dos teus olhos febris as doces punhaladas.

Maldito sejas tu por toda a eternidade !
E não possa jámais na tua consciencia
Entrar um raio só de graça e claridade !
Em nome da justiça, em nome da orphandade,
Em nome da miseria, em nome da innocencia,
Em nome de Jesus, do céu, da Providencia
Maldito sejas tu por toda a eternidade !

D. JOÃO

Eu não vos tenho medo, ó pallidas creanças,
Que verteis sobre mim lagrimas compungidas
E negras maldições, agudas como lanças,
Chorae, desenrolae as vossas longas tranças,
Levantae para o ceu as mãos arrependidas,
Que eu não vos tenho medo, ó brancas Margaridas,
O' sombras immortaes das pallidas creanças.

Eu hei de ir para o céu por mal dos meus peccados :
O céu é hoje em dia um velho pardieiro,
Um grande casarão, sem vidros, sem telhados,
Aonde vão dormir os corpos arruinados
Que já não têm saude, e já não têm dinheiro.

Quem andou pela terra em misero abandono,
Aos encontrões da sorte, ao vento, á chuva, aos frios,
A velha meretriz, os magros cães sem dono,
Os rotos histriões, os santos e os vadios,
Todos lá vão dormir o derradeiro somno.

E então aquillo está que é mesmo uma desgraça,
Desde que Jehovah morreu de apoplexia :

Os tapetes mais senis comidos pela traça,
Torres a desabar, muros sem argamassa,
E o tecto, simplesmente a noite escura e fria.

E' mais difficultoso o ir para o inferno :
Precisamos de ter lindissimas amantes
D'um *chic* sensual, bem novo, bem moderno,
Habitar em Paris dois mezes pelo inverno,
Conversar nos salões, jantar nos restaurantes,
Conhecer muito bem os vicios agradaveis,
Ir ás onze da noite ao theatro italiano,
Ter cavallos de raça e gestos impeccaveis
E dois ou tres milhões n'um banco americano.
Não basta ser ladrão, não basta ser frascario :
O inferno encareceu, e é isso o que eu lamento.
Para perder a alma é hoje necessario
Ou ter muito dinheiro ou ter muito talento :
Chamarmo-nos Voltaire, ou ser-se millionario.

Já vós vêdes agora, ó almas crystalinas
Que o paraizo, emfim, não é para invejar ;
E' muito pittoresco, assim como as ruinas,
Mas só deve ser visto em noites de luar.

N'isto D. João soltando uma risada

Acordou finalmente.

A noite ia avançada.

Passavam por alli ruidosamente

As prostitutas magras, bandoleiras ;

Estas davam-lhe um copo de aguardente,

Outras rogavam pragas tarimbeiras.

Uma d'ellas, sombria, esfarrapada,

Disse-lhe : «D. João,

Aqui tens uma antiga namorada ;

Não a conheces, não.

E comtudo estes labios sensuaes

Beijaste-os tu de joelhos,

E dizias-me então nos madrigaes

Que elles eram mais puros, mais vermelhos,

Que para um crente as letras dos missaes.

Estes olhos febris de barregã,

Estes negros bohemios,

Já foram para ti os irmãos gemeos

Da estrella da manhã.

E este corpo nojento, rebaixado

Ao contacto das lepras vergonhosas,

Já por ti, D. João, foi comparado
 A's coisas mais preciosas :
 Ao céu azul, ao céu immaculado,
 Ao oiro, á luz, á primavera, ás rosas. .

D. JOÃO

O' desgraçada Imperia,
 Quem me diria outr'ora
 Que eu tinha de te ver n'esta miseria
 Em que te encontro agora !
 D'aquellas formosuras
 Victoriosas, soberbas, irritantes,
 Que inspiravam suicidios e loucuras
 Aos magros estudantes ;
 Dos sorrisos felinos, traiçoeiros,
 Das occultas, nervosas tentações
 Que arruinam poetas e banqueiros,
Cofres e corações ;
 Do teu corpo gabado antigamente
 Nos folhetins, nas salas, nos poemas,
 Dos teus olhos de brilho surprehendente,
 Irresistiveis como dois dilemmas ;

Dos teus seios de marmor' de Carrara,
D'essas fórmãs gentis,
D'essa belleza perfumada e rara
Que deslumbrou os dandys de Paris ;
Dos teus labios viçosos como as flôres,
De tanta coisa branca e delicada,
Resta apenas, ó fera desdentada,
O' meus *lindos* amores !
Uma carcassa lastimosa e fria
Para ámanhã os graves professores
Ensinarem lições de anatomia !

IMPERIA

Meu pustulento e roto coração,
Todo embebido em podridões modernas,
Tem sido como um velho cangirão
Que anda de bocca em bocca e mão em mão,
Nas grosseiras orgias das tabernas.
Eu percorri as trevas do peccado
E as espiraes dos vicios.
Meu corpo tem andado
Nos bordeis, nas cadeias, nos hospicios
E na lama das ruas.

Eu sei cantar canções aguardentadas,
 Mais desavergonhadas
 Que meretrizes nuas.
 Durmo como as cadellas
 N'esses becos immundos ;
 E riem-se de mim as sentinellas,
 E espancam-me de noite os vagabundos !...

D. JOÃO

Vivandeira grotesca da canalha,
 Iremos ambos pelo mundo fóra
 A batalhar a ultima batalha.
 Se a morte quizer vir, que venha agora ;
 Abençoada seja !
Nós legaremos, como bons defuntos,
O espirito ao diabo e o corpo á igreja.
 Mas no entretanto caminhemos juntos,
 Livres como a andorinha !
 Tenho bolsas vasias na gaveta,
 Estomago de bronze e dentes fortes :
 Se chegar a ser rei, serás rainha ;
 Se fôr palhaço, tocarás corneta
 Quando eu fizer as sortes,

Não se assustem os ventos e as procellas ;

Hei de amparar-te, crê :

Sendo preciso venderei cautelas,

Mas falsas, já se vê.

Nada me desanima ;

Ferrador, sachristão, ou polyglota,

Mestre de dança, professor de esgrima,

Todas estas funcções

Eu sei desempenhar.

Para dois histriões

Sempre ha de haver logar.

Hoje tem alargado as phantasias

A área immensa do saber humano ;

Já me lembrei ha dias

De me fazer dentista americano ;

E' rendoso e é bonito,

Mas eu talvez prefira

O ensinar sanskrito.

Posso tocar realejo ou tanger lyra,

Ser barbeiro, ventriloquo, emigrado,

Papa ou negociante...

IMPERIA

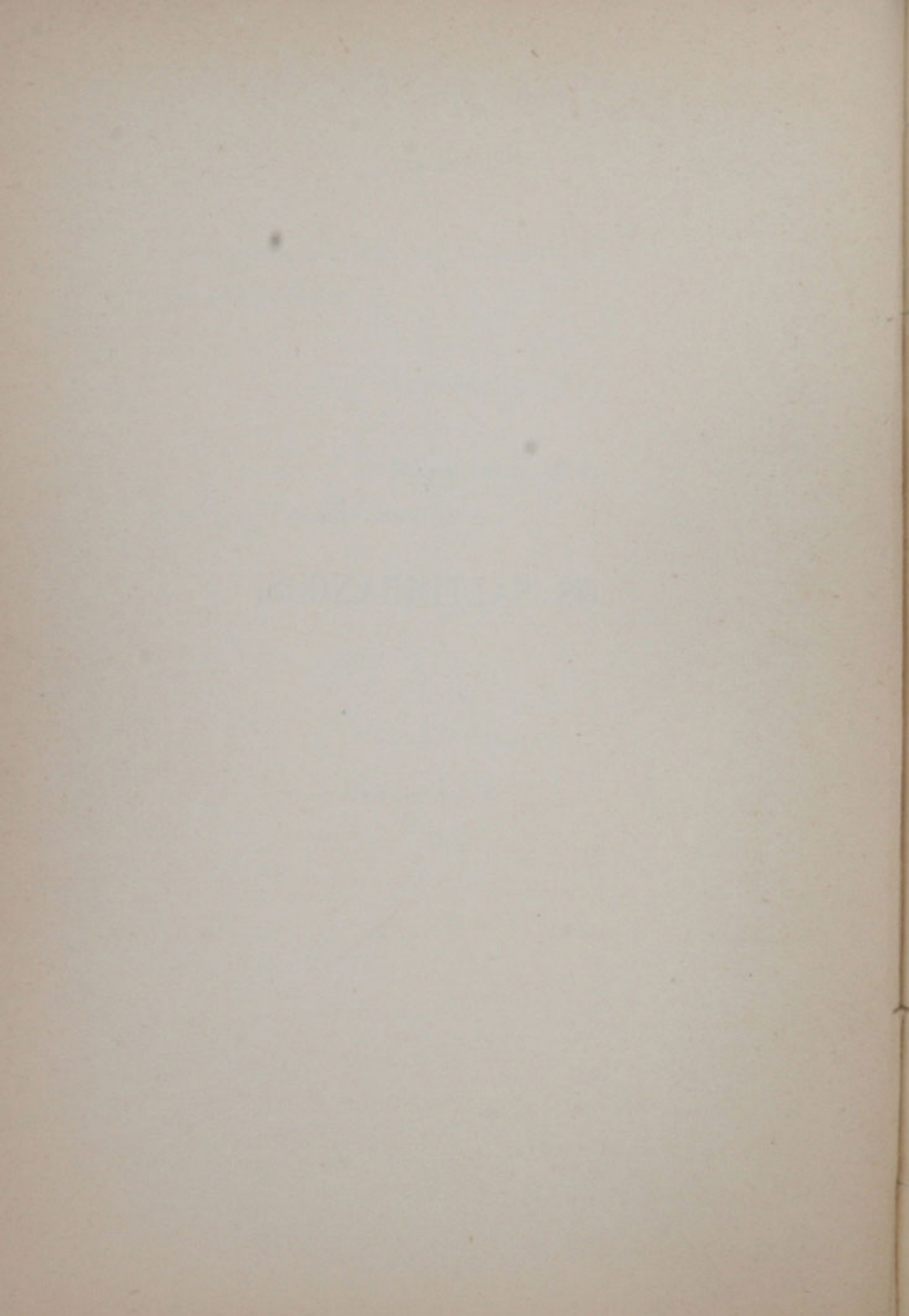
E até podes tambem ser enforcado,
Mas sendo assim...

D. JOÃO

• Irei de braço dado
Comtigo, ó minha amante.

IV

OS SALTIMBANCOS



IV

OS SALTIMBANCOS

Era uma linda tarde : a tumultuaria onda
Da alegre multidão enchia o *boulevard* ;
E eu ia contemplando a podridão hedionda
D'este delicioso inferno sublunar.

Eu via da miseria as tragicas risadas ;
Não a miseria franca, essa miseria nua
Que mostra sem córar as chagas verminadas
E come as podridões que encontra pela rua.

Não a miseria vil que traz os pés descalços
E traz aberto ao sol o bronzeado seio ;
Mas a miseria que usa os diamantes falsos,
E á noite vae ceiar por tres vintens e meio.

Era a miseria artista, anemica, ridente,
A miseria que tem a concepção profunda,
O *chic* singular de pôr correctamente
Um seboso *plastron* n'uma camisa immunda.

A miseria gentil, chlorotica, enfesada,¹
Que possui a aridez e a graça do carmim,
E vae depois de um baile, ás tres da madrugada,
Remendar no seu quarto as botas de setim.

Miseria que talvez não tem lençoes na cama,
E doida, sensual, exotica, franzina,
Passa no mac-adam com ar de grande dama,
Deixando atraz de si o cheiro da benzina.

A miseria fatal da nossa decadencia,
Que é como um elegante, apodrecido fructo :
Miseria que se vende e fuma a consciencia
Sob a fórma banal d'um pessimo charuto.

Miseria que condoe mais do que um velho esquife
Parando á meia noite ás portas d'um bordel ;
A miseria que tem por ideal um biffe
E que usa luva branca e punhos de papel.

E d'esta podridão nos rapidos declives
Eu lembrei-me de ti, ó pallido Jesus,
Que vieste trazer aos moldes dos ourives
O ornato original da tua *linda* cruz.

✓ E eu disse para mim : O' rei dos *petroleiros*,
O exemplo da paixão serviu só para isto :
Levar a freguezia á porta dos doceiros
E tornar um burguez commendador de Christo :

Eu ia andando e vendo os gestos provocantes,
Os sorrisos venaes, os lubricos peccados...
Vós tendes a attracção das coisas elegantes,
Monstros do *boulevard* — ó vicios delicados !

Ao pé d'uma *vitrine* as Evas innocentes
Paravam a seismar com muita commoção,
E viam reluzir os olhos das serpentes
Nas dobras triumphaes das sedas de Lyão.

Passavam entre a turba uns velhos silenciosos,
Com a rude altivez d'um exilado antigo,
Occultando a pobreza aos olhos curiosos
No sujo paletot, no seu discreto amigo.

Tinham a barba branca, hirsuta, amarellada,
O aspecto scismador dos velhos militares,
Que não podem suster o ferro d'uma enxada
E vão pedir esmola ao pé dos lupanares.

Se as damas do bom tom roçavam casualmente
Pelo hombro d'algum d'estes desconhecidos,
Volviam para traz o olhar impertinente,
Limpendo com o lenço a manga dos vestidos.

Os filhos da elegancia e da devassidão,
Com um riso nervoso, anemico, exquisito,
Iam no *boulevard* curvados para o chão
Dançando febrilmente a dança de S. Vitto.

Amargos, imbecis, eroticos, franzinos,
Tinham a estupidez no olhar vidrado e baço,
Agitavam no ar os craneos pequeninos
E riam com um rir feito de molas de aço.

E ao vel-os eu pensei nos sonhos biliosos,
No brilho singular dos diamantes pretos
E na alegria azul dos ponches monstruosos
Illuminando a face aos dandys esqueletos...

No meio d'uma praça estava um saltimbanco
Mostrando ás multidões com outros animaes
Um urso já pellado, um velho urso branco
Que sabia fazer mil coisas joviaes.

Era como um veterano a mendigar no asfalto;
Tinha já pertencido a tres pelotiqueiros;
Punham-lhe na cabeça um grande chapéu alto
E dançava depois as marcas dos *Lanceiros*.

Ao pé do urso estava um longo dromedario:
Era magro, anguloso, esqualido, felpudo,
E tinha a nostalgia, o grande solitario,
Na luz do seu olhar, doce como velludo.

Seus melindrosos pés, desfeitos, combalidos,
Tingiam com o sangue as pedras da calçada ;
E não havia alli uns olhos condoidos
D'aquella grande dôr espiritualisada.

Par'cia um aranhão phantastico, gigante.
O sombrio arlequim comprara-o por tres pintos ;
O seu pello era longo e arido e ondeante,
Como o costumam ter os animaes famintos.

Sobre a espinha dorsal do filho do deserto
Um lepidó sagui das raças mais pequenas
Franzia alegremente o narizinho esperto,
Com guinchos sensuaes e mimicas obscenas.

Uma Venus hedionda, a escoria das rameiras,
Sem pó de arroz na face e mesmo sem carmim,
Estava com as mãos cobertas de frieiras
Tocando variações n'um grande cornetim.

Erguia a saia curta, immunda, esfarrapada,
Mostrava as pernas vis, ossudas, masculinas,
Arqueando, que horror ! na bocca desdentada
O riso theatral das velhas dançarinas.

Ella tinha no rosto aquella côr purpurea
Que têm no hospital as venus paralyticas :
Era a fermentação da rabida luxuria,
As florescencias más das podridões sifiliticas.

Seus olhos bestiaes, opthalmicos, vidrados,
Seus torpes seios nús, emmagrecidos, sujos,
Vertiam o prazer no craneo dos soldados
E inflammavam de amor os peitos dos marujos.

Viam-se alli tambem creanças como aranhas,
Felpudas, ideaes, tristissimas, chloroticas,
Que lembravam, fazendo evoluções estranhas,
O aspecto singular das grandes lettras gothicas.

E em volta d'isto tudo as multidões curiosas,
Com um riso imbecil de grande admiração,
Ouviam em silencio as falas magestosas
Que arrancava do peito um bebado histrião.

Elle era alto, magro, estranhamente esguio ;
Possuia um nariz vermelho, incendiado,
E um craneo intelligente, um craneo luzidio,
Como velho marfim, já todo amarelado.

Tinha o ar de quem vae a descrever assombros,
Um ar mysterioso, um ar de quem revela
Coisas que ninguem diz ; pendia-lhe dos hombros
Um regio balandrau de arminho de flanella.

Com a ajuda infernal das cartas d'um baralho
Sabia adivinhar coisas miraculosas.
Aprendera latim. Cheirava muito a alho
E tinha no nariz verrugas biliosas.

Seu riso gorduroso, um riso desdentado,
Tinha a baixeza atroz d'um velho sodomita.
Trazia na cabeça um kepi de soldado
E nos enormes pés uns borzeguins de chita.

E com gestos febris, comicos, angulosos,
Prégava elle assim a toda aquella gente,
Arregalando muito os olhos maliciosos
E lançando da bocca uns bafos de aguardente :

Eu fui o D. João, o typo da altivez,
O doido menestrel romantico, sombrio,
Que foi por muito tempo o espectro do burguez ;
Eu fui o D. João, o lubrico vadio
Do poema sensual do grande lord inglez.

Em noites de luar, sobre os balcões em flôr
Cantei da mocidade as limpidas balladas
E procurei na terra o ideal do amor . . .
O' sonhos que eu amei ! O' tranças perfumadas
Em noites de luar, sobre os balcões em flôr !

O que é feito de vós, lindissimas burguezas,
O' pombas juvenis da grande Babylonia,
Que eu louco despenhei no mar das impurezas ? !
Ophelias que cheiraes a agua de Colonia,
O que é feito de vós, lindissimas burguezas ? !

Não mais escalarei os muros d'um quintal,
Seduzindo a consorte ao meu melhor amigo :
Acabou para sempre o grande amor ideal :
Abençoado seja esse divino artigo
Quatrocentos e um do *Codigo Penal*.

Tornou-se-me o nariz esqualido, purpureo,
Por causa das paixões e do ultra-romantismo ;
Deixei a doce paz do meu fiel tugurio ;
Tenho insomnias crueis, soffro do rheumatismo
E já tomei, Senhor ! dez frascos de mercurio.

O' Neros de casaca e luvas perfamadas,
Filhos do mac-adam, rachiticos leões,
Mandae para o inferno as vossas bem amadas :
Examinae em mim o que é que são paixões
E vêde n'este craneo o effeito das pomadas !

Ponde os olhos aqui : Não tenho muitas vezes
Um pedaço de pão ; estes casacos rotos,
Que são usados só nos baixos entremezes,
Fazem arrebentar o riso dos garotos
E fugir para longe o frak dos burguezes.

A vida para mim é como um alho cru.
Mas hei de enriquecer. O' gordas excellencias
Que amaes da Rigolboche o bello corpo nu,
Vendei-me por piedade as vossas consciencias,
Que eu vou negociar em guano do Peru.

Até já me lembrei, maldita phantasia!
De abrir com uma bala a negra sepultura;
Mas disse-me um doutor formado em theologia
Que o homem que se mata e foge á desventura
Dá um triste signal de grande cobardia.

Achei certa razão ao bom do prégador;
Muito embora não seja a vida uma delicia,
Co'as manhas do diabo e a ajuda do Senhor,
Sabendo eu evitar as garras da policia,
Talvez que chegue ainda a ser commendador.

O' velhos sensuaes, monstros palacianos,
Tenho para attrahir os anjos vaporosos
Uns philtros mui subtis, reconditos, insanos;
Vinde-me consultar, Faustos libidinosos,
Mumias á Benoiton, dandys de oitenta annos.

Vinde-me consultar e abri as escarcellas ;
O mais deixae correr, cá fica ao meu cuidado :
O trémulo pudor das candidas donzellas
E' um sonho gentil, um sonho amortalhado
Na espuma virginal das rendas de Bruxellas.

Eu tenho bom marfim, marfim alabastrino,
E sei apparelhar soberbas dentaduras
Com brilho juvenil, esmalte crystalino :
O' velhas cortezãs, famintas creaturas,
Qual de vós quer comprar os dentes de Ugolino ?

Eu sei tingir de preto as barbas todas alvas,
E sei fazer chinós com tranças côr de amora,
O' torpes barregãs, ó podres marialvas,
Que ao ver agonisar as illusões de outr'ora
Vestís de luto negro essas cabeças calvas.

Barrigas que suaes velas de stearina,
Ha um remedio bom para extrahir os callos ;
Vendeu-m'o Sancho Pança, é droga muito fina ;
Regosijae-vos pois, grandes Sardanapalos,
Tigres de corrupção que amaes a bandolina.

Estou architectando as bases d'um jornal
Que seja contra o vicio efficaz mésinha ;
Tenho um estylo bom, muito sentimental,
E costumo escrever a trinta réis a linha
Necrologios em verso e artigos de moral.

Estas creanças, vêde, achei-as n'uma estrada :
Fui eu que as eduquei, educação sublime ;
Hão de levar no mundo a vida regalada :
Têm a espinha dorsal flexivel como um vime :
Para se ser feliz não se requer mais nada.

Este urso era um tyranno, um monstro singular,
Nascido em regiões phantasticas, distantes :
Vivia sobre o gelo ao pé d'um grande mar,
E á noite estrangulava os hirtos viandantes,
Como faz seu irmão, o velho urso — o Czar.

Agora é dançarino. Eu ponho-lhe unguento
Nas verdes podridões, na lepra dos joelhos.
Coitado ! nem já solta um unico lamento ;
E os seus olhos febris, rainunculos vermelhos,
Têm a tristeza ideal dos olhos d'um jumento.

Esta Venus hedionda, a Venus da miseria,
 Que tem um dente só na bocca tenebrosa,
 Foi inda ha pouco tempo a deslumbrante Imperia,
A coisa mais gentil e mais deliciosa
Que tem deitado ao mundo o ventre da materia.

Em tempo eu escrevi-lhe uns versos delirantes ;
 Ella riu-se de mim ; vergonha dos Tenorios !
 A fria cortezã só tinha por amantes
 Burguezes bestiaes, Neros de suspensorios,
 Levitas do milhão, gordos como elephantes.

E é esta para mim a esposa dos cantares ;
 Quero-lhe muito mais que ás timidias donzellas ;
 Ajuda-me a viver ; tem prendas singulares :
 Ella sabe dançar no bico das chinellas
 E joga muito bem os jogos malabares.

E no entretanto em volta a sordida canalha
 Assobiava, applaudia o roto salafriario ;
 Um Gavroche feroz pegou n'uma navalha
 E foi espicaçar com ella o dromedario.

No aspecto scismador dos rudes camponeses
Havia a ingenuidade, a estupidez, a manha,
Que mostram quando vão ás lojas dos burguezes
Examinar de perto alguma coisa estranha.

Mil boccas bestiaes, todas escancaradas,
Com soturno estridor athletico, disforme,
Lançavam para o ar as grossas gargalhadas,
As bombas joviaes d'uma alegria enorme.

Como broncos trovões, rugiam pelo espaço
Palavras sem pudor, palavras explosivas...
No meio da canalha, esqualido, devasso,
Um ebrio já senil ria com as gengivas.

Uma Venus gritou com gestos de bacchante:
«Chegou-te finalmente a grande expiação;
Maldito sejas tu, ó meu antigo amante,
O' bebado arlequim, ó magro D. João!»

E o magro D. João e a torpe dançarina,
Com um ar infeliz e um riso desgraçado,
Foram apresentando a velha barretina
Ao sordido maná do cobre esverdeado.

E toda a multidão fugiu n'esse momento,
Casalhando ao fugir plethoricas risadas ;
Nas arvores da praça assobiava o vento,
Zuniam pelo ar granizos de pedradas.

O sol agonisára em purpura brilhante
Lançando o seu clarão nos altos edificios ;
E a noite desdobrava o seio flammejante
Por sobre a podridão nevrálgica dos vícios...

Deitado sobre o chão, sinistro, envergonhado
De andar assim exposto aos risos joviaes,
O velho urso branco, o triste condemnado
Soltava roucamente uns gritos gutturaes.

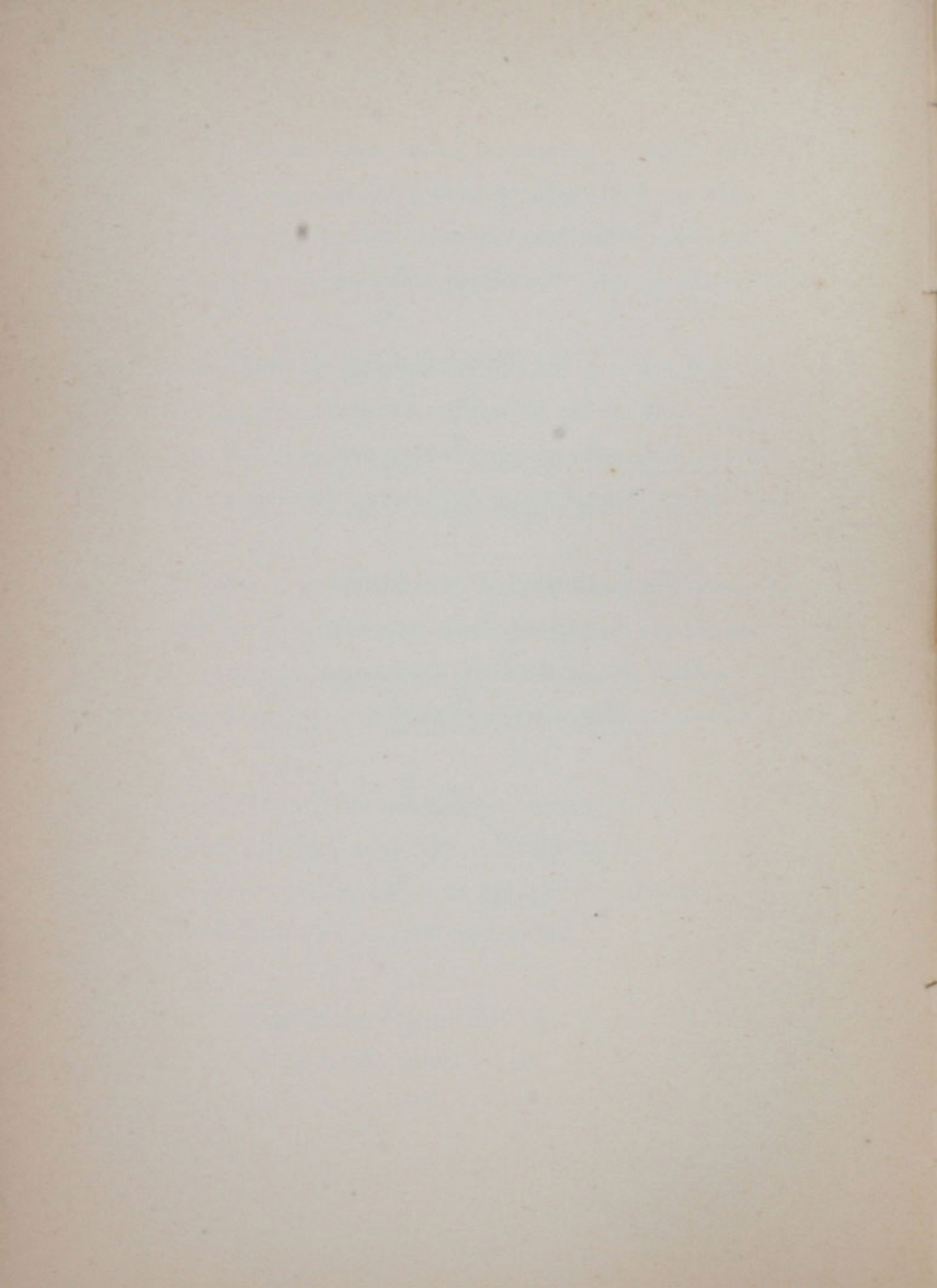
Vieram-lhe á memoria as grutas silenciosas,
As brancas solidões, as gelidas paizagens,
E o tempo em que embebia as garras monstruosas
Na purpura real dos bufalos selvagens.

E o pobre dromedario, o grande monstro informe,
Doce como Jesus, triste como o luar,
Melancolicamente abria o olho enorme
No mysterio sem fim da luz crepuscular.

Lembrava-lhe o deserto, os cactos purpurinos,
Os oasis em flôr, os gritos das serpentes
E o nervoso perfil dos magros beduinos
Galopando através dos areaes ardentes.

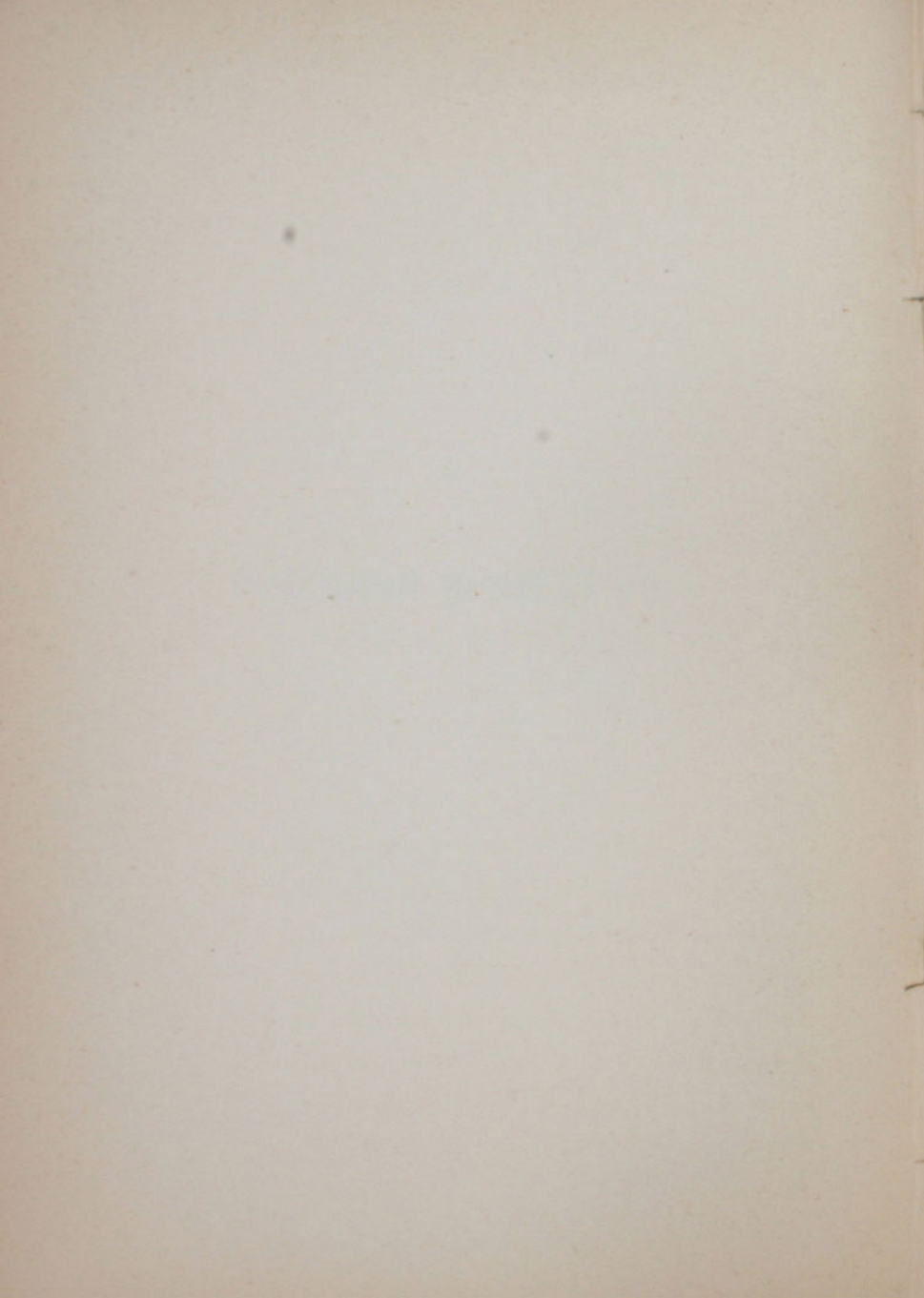
Vinha rompendo a lua. Os histriões famintos,
Levando atraz de si a inutil caravana,
Foram-se dirigindo aos negros labyrinthos
Onde apodrece á noite a consciencia humana.

× Iam como Jesus na estrada do calvario,
Contemplando da lua o pallido crescente ;
E a sombra colossal do velho dromedario
Caminhava no chão silenciosamente.



V

OS ULTIMOS MOMENTOS



OS ULTIMOS MOMENTOS

A noite é escura e má. Rebentam mil trovões,
Como um despedaçar de peitos de gigantes ;
E as nuvens colossaes, bronzeadas, triumphantes,
Correm no firmamento em negras legiões
Como pelo deserto as tribus de elephantes.
Na floresta sombria os vegetaes athleticos
Dobram herculeamente os grandes troncos nus
E bracejam no ar, assim como epilepticos
Ao verem o clarão dos olhos de Jesus.

Nos negros carcavões tombam enormes fragas.
Contorcem-se rugindo em longos paroxismos
Como ursos do norte, as monstruosas vagas.
Falam na escuridão as boccas dos abysmos :
O oceano blasphema, os ventos rogam pragas.
Relampagos febrís continuadamente
Desdobrando um lençol de luz fosforescente
Amostram-nos do céu as lividas entranhas.
E as aguas a espumar vão caudalosamente
Como arados rasgando o ventre das montanhas.
E as almas maternas, cheias de immenso amor,
Atravessam a noite e as lanças inflammadas,
Embebem-se no céu com azas de condor
E vão por fim cahir exhaustas, desgrenhadas,
Nos seias do infinito, aos pés do Creador.
Sentem-se convulsões de homericas batalhas
Andam pela floresta enormes mastodontes.
Veem-se lampejar titanicas fornalhas
Quando abrem a guela os negros horizontes.
E a terra, a boa mãe, suspensa sobre os ares,
Como uma grande nau batida pelos ventos,
Entre o bronco rugir cyclopico dos mares,
Entre a furia brutal dos cegos elementos,

Vae com a rapidez das balas d'um canhão
Por entre a noite má, caliginosa e turva
Descrevendo no espaço a grandiosa curva
Marcada pelas leis eternas da attracção.

N'um d'esses tremedaes aonde vão parar
Todas as podridões, todas as coisas vis,
E onde dormem á noite, em noites de luar,
Com o craneo partido e os ventres para o ar,
Os lazarentos cães mortos pelos edis ;
N'esse becco hediondo, Imperia e D. João,
Famintos, quasi nós, riem ás gargalhadas
Entre o despedaçar continuo do trovão
E o profundo mugir das negras enxurradas.

Imperia está nojenta, hydropica, leprosa :
Dir-se-hia que foi pintada a caparosa.
Tem chagas na cabeça e pustulas vermelhas ;
A syflis bestial roeu-lhe as sobranceilhas.
Causa nojo aos ladrões, aos párias e aos mendigos.
A lepra é sua irmã e os vermes seus amigos.
E' d'essas podridões raras, phenomenaes,
Que a sciencia conserva em frascos colossaes,

Para expôr nos museus ás vistas curiosas...
No entanto essa mulher foi bella como as rosas
E teve a pallidez das virgens de Murillo.
Agora contemplae-a ; é monstruoso aquillo :
Cortaram-lhe o cabello á moda dos soldados.
Os vicios infernaes passaram como arados
N'esse corpo desfeito. A estupidez idiota
Lê-se n'aquelle olhar. De quando em quando enxota
Os insectos febris que amam a podridão,
Roga pragas, depois estorce-se no chão,
Uiva como um chacal, dá grandes gargalhadas,
Coça instinctivamente as chagas verminadas,
Corre á pedrada os cães e fica a olhar quem passa
Arregalando o olhar da consciencia baça.
E' um craneo sem luz, com idéas sem nexo ;
Um monstro que afinal quasi que não tem sexo ;
E' a escoria que sahe das minas dos instinctos.
Andou aos pontapés todos os labyrintos
De miseria e de fome ; apupam-n'a os garotos
E estão á espera d'ella os ventres dos esgotos.

Elle — anda magro, hediondo, exotico, descalço.
Tem risos do intrujão ; lembra um pataco falso,

Amarellado e sujo. O seu nariz purpureo
E' uma esponja de carne a distillar mercurio. X
O craneo luzidio ao longe faz scismar
N'um ovo d'avestruz, nas bollas de um bilhar.

O roto balandrau que lhe serve de capa
E' por assim dizer o gorduroso mappa
Das ilhas da miseria; encontra-se alli tudo :
A chita, o panno cru, as rendas, o veludo.
Os doirados botões das fardas marciaes,
Mil farrapos senís, ignobeis, triviaes,
Que, depois de vestir os hombros das duquezas,
Foram atravessando as baixas impurezas,
Os cançans, os leilões, as farças, as tabernas,
Os esgotos do estrume e as lazarentas pernas
Das velhas barregãs. Ignobil creatura!

A sua bocca voraz, prostituida, escura
Parece exactamente a bocca d'um tinteiro ;
Quando ri faz fugir ; vem lá de dentro um cheiro

X X A tudo quanto ha de torpe e de corrupto :
Ao pé d'elle é um aroma a essencia do escorbuto.
Pende-lhe do pescoço um grande relicario
Com pedaços da cruz do martyr do Calvario,
Tres espinhos do mesmo e outros ingredientes
Que livram de sezões, raios e mal de dentes.

Com isso vae vivendo á beira das estradas,
 Expondo ás multidões as lepras inflammadas
 E as pernas bestiaes, tumidamente obscenas,
 Da côr do lirio roxo e da côr das gangrenas.

D. JOÃO

E não passa ninguem por esta rua!
 Se o demonio da chuva continua
 Por mais um dia ou dois,
 Jantarei como tu, Izequiel,
 Os estercos dos bois.
 Antes eu fôra besta de aluguel
 Ou sapo das latrinas,
 Que não andava aqui pelas esquinas
 Leproso como Job!
 Ai, que frio, que frio insupportavel!
 O' carne miseravel,
Custa-te bem a transformar-te em pó!

 E a caridade, a virgem da agonia
 Que estende a mão aos pobres infelizes,
 Hoje não sae de casa; a noite é fria
 E tem medo aos pleurizes.

Fazes tu muito bem, ó caridade!

Que a chuva na verdade

Causa graves transtornos á saude;

Para prova que o diga o meu abbade,

E mais esse é um monstro de virtude...

Fazes tu muito bem! deixa-te estar

Ao canto do fogão

Com as irmãs a rir e a conversar

Nas modas da estação.

E adormecei nas languidas poltronas.

Ao narcotico som dos vendavaes,

O' magras solteironas,

Desdentadas virtudes theologaes!

.....
O' Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente,

Para que eu seja um verdadeiro crente

Com muitissima fé nos teus assombros,

Tu que fizeste já parar o sol,

Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros

Um capote hespanhol!

E' um milagre tão facil, tão vulgar,

Que qualquer alfaiate o arranjará

Co'a simples condição de lh'o pagar.

E é teu dever, ó filho de Maria,

Dar um allivio promptó ás nossas dôres ;
 Para isso te rezam de mãos postas,
 E te trazem ás costas
 Em cima dos andores.

.....
 Homens e deuses tudo está perdido !
 E em vão contemplo a abobada celeste,
 A vêr se cae o enxofre derretido.
 Para curar a peste,
 A peste que nos mata
 Já não basta o enxofre, é necessario
 O nitrato de prata.
 Hoje o homem, ó martyr do Calvario,
 Está mais podre do que um velho escriba
 Queres regenerar os corações ?
 Não nos mandes sermões,
 Manda-nos copahiba.
 E até mesmo no crime e no deboche
 A humanidade é chata e pequenina :
 Que vale a Rigolboche
 Ao pé de Nero e ao pé da Messalina !
 Os juizes agora
 São muito mais baratos

Do que foram outr'ora

No tempo de Pilatos.

Os dandys dissolutos,

Rachiticos pagãos,

Teem medo a Jehovah,

E incendeiam charutos

Por não poder incendiar christãos,

Que é coisa que não ha.

Os paes são os negreiros

Das suas proprias filhas ;

Os gordos merceeiros

Vendem as consciencias por lentilhas.

Ai, que frio ! que horror !

Se eu ainda tivesse consciencia,

Ai que frio !... comprava um cobertor.

.....
Fugiu do mundo a candida innocencia.

Desgraçada donzella !

Ha quasi seis mil annos

Não tornámos a ter noticias d'ella.

Tambem pouco me importa ; eu afinal,

Mesmo sem paraizo terreal,

Acharia esta vida muito linda,

Se não houvesse ainda
A tolice do Código Penal,
Ha tempos para cá eu tenho andado
Quasi constantemente
Pelas prisões do estado ;
E é uma coisa indecente,
Uma coisa exquisita
Que vá prender-se um homem simplesmente
Por ter furtado uma mulher bonita.
E além d'isso a mulher de que se trata
Não era ahi nenhuma aristocrata,
Era apenas a filha de um barbeiro ;
E, ainda mesmo assim,
Não era para mim.
Foi para um brasileiro.
E por isso, eu o juro,
Não tornarei a ser alcoviteiro.
Pedir esmola é muito mais seguro ;
Tenho uma chaga preta
No sitio onde devia
Trazer uma grilheta.
Esta chaga é o pão de cada dia.
Ando a mostral a sempre ás multidões
Psalmeando lagrimas gutturaes ;

Rende diariamente tres tostões,
E nos domingos talvez renda mais.

Eu digo d'esta chaga o que alguém disse
Do Deus immaculado :
Se ella não existisse,
Já a tinha inventado.

.....
Que horror, que horror ! Os ventos infinitos,
Os ventos penetrantes,
Malditos !

Riem como estudantes
A's grossas gargalhadas,
E atravessam-me a carne apodrecida
Com um milhão de espadas.

.....
Sinto exhalar da lampada da vida
O ultimo perfume . . .

O' burguezes ! quem compra D. João ?
Quem quer fazer estrume ?
Meu velho coração
Pára como um relógio ;

Escrevei-me depressa o necrologio,
O' menestreis da moda,
Bardos do romantismo ;

Vou apagar a luz que me incommoda
E mergulhar no abysmo
E tu, ó sociedade,
Ingrata concubina!
Se me não lanças pão, faz-me a vontade,
Lança-me strichnina.
E' remedio seguro
Para quem traz o estomago vazio...
Oh que frio! que frio!
Partam-me esta cabeça contra um muro,
Que eu não posso soffrer nem um instante
A dôr que me consome...

IMPERIA

D. João, ó meu amante
Diz-me, que tens!...

D. JOÃO (*expirando*)

Não é remorso... é fome.

Parou a ventania.

As estrellas dormentes, fatigadas,

Cerram á luz do dia

As mysteriosas palpebras doiradas.

Vae despontando o rosicler da aurora ;

O azul sereno e vasto

Empallidece e córa,

Como se Deus lhe dêsse

Um grande beijo luminoso e casto;

A estrella da manhã

Na altura resplandece ;

E a cotovia, a sua linda irmã,

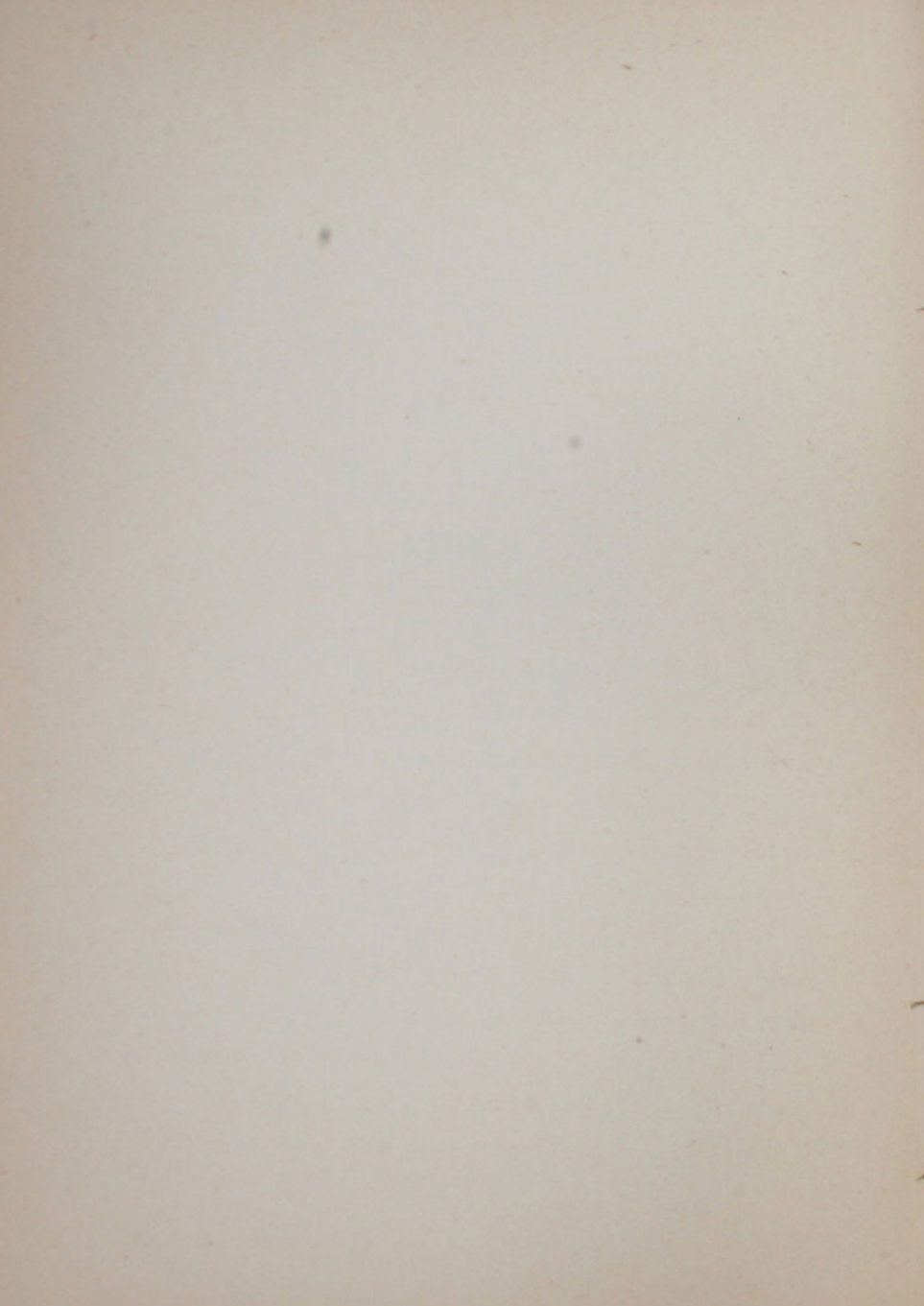
Vae pelo azul um cantico vibrando,

Tão limpido, tão alto, que parece

Que é a estrella no céu que está cantando.

FIM

NOTA



NOTA

A arte moderna, especialmente na raça latina, é filha de uma sociedade que perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção científica.

D'ahi o scepticismo moral, o verme que roe ha cincoenta annos uma litteratura, que, ao que parece, morrerá de escrofulas.

Hoje a arte sabe desenhar admiravelmente todos os estados doentios da alma, desde os pantanos da hypocondria até ás allucinações da nevrose. Pelo lado da fôrma é d'uma correcção geometrica, pittoresca, inexcedivel. Cada adjectivo é um bistouri.

Falta-lhe o senso moral e falta-lhe a alegria. Não a ale-

gria do paradoxo, mas a alegria heroica, sincera, verdadeiramente humana, a alegria que é o oxigenio do espirito, e que provém da nobreza do character, da consciencia tranquilla e da saude robusta.

O seculo XIX ligou os continentes pelo telegrapho e os espiritos pela fraternidade; libertou a Belgica, libertou a Grecia, libertou a Hespanha, libertou Portugal e libertou a Italia; destruiu os dogmas; inventou a locomotiva e abriu o isthmo de Suez; resolveu o problema politico e formulou o problema social; descobriu a lei das correntes maritimas, a lei da historia, a lei das tempestades; com o telescopio viu o infinitamente grande, com o microscopio o infinitamente pequeno; sondou os mares, abriu as montanhas, estudou as linguas, examinou as raças, liquidou o universo.

Ora uma litteratura dá a media d'uma sociedade. E' um axioma de critica. Pois bem; se perguntarmos á litteratura do nosso tempo o que é que tem produzido a sociedade moderna, a litteratura responderá: -- Adulterios e anemias.

Esta contradicção explica-se.

Em geral, o poeta moderno não comprehende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da chimica, da geologia, da ethnografia, da linguistica. Vive fóra da

sciencia e fóra da industria. Não conhece a officina, conhece o *boulevard*. Não conhece o laboratorio, conhece o restaurante, sabe os escandalos, vê as *cocotes*, frequenta os theatros, fuma nicotina, bebe cognac, sente-se fraco, melancolico, impotente, e de tudo isto tira elle a seguinte conclusão: a vida é um sonho, e o mundo está perdido. De quando em quando tem tristezas pantanosas, sombriamente ridiculas. Anda no meio artificial das phantasias coloridas. A *originalidade* preocupa-o. Originalidade, n'este caso, quer dizer — aberração. Avalia a sociedade simplesmente pelo lado exterior do luxo, do café, do bordel, das anedoctas. Em summa: é a demagogia artistica, o atheismo litterario.

Por consequencia, a poesia moderna, em geral completamente estranha á grande corrente do trabalho e á grande corrente das ideias, não póde de fórma alguma dar-nos a medida da sociedade actual.

Se todos os phenomenos da natureza physica e da natureza moral, ainda os mais apaixonados e incoerciveis, como as tempestades e o amor, são regidos por leis de harmonia e de justiça, porque é que a poesia, que vae forçosamente buscar o assumpto a qualquer d'esses phenomenos, não hã de ser governada pelas mesmas leis que os regem?

Qual é o thema da arte? o universo. Qual é o principio que o domina? a Justiça. Qual é pois o ideal artistico? a Justiça.

Contra isto ha simplesmente uma objecção: Mas o que é a Justiça? onde está ella? o que é justo para uns é injusto para outros. A justiça varia segundo as raças, os climas, os temperamentos. Apparece uma obra de arte; trata-se de a julgar, de saber se é justa. Quem o ha de decidir? A consciencia? Não póde ser. A consciencia do auctor não é egual á minha consciencia, e a minha tão pouco não é egual á do meu vizinho. Logo temos tantas justiças quantas as consciencias, e isto é — a anarchia.

Basta a conclusão do argumento para demonstrar a falsidade d'elle. No entanto, respondamos directamente. A Justiça não é uma chimera, um sentimento, uma abstracção. A Justiça tem órgãos, a Justiça é a consciencia collectiva. Exemplifiquemos: Qual é nos povos civilizados a lei de justiça que domina o amor? o casamento. Qual é a que domina a politica? a liberdade. Qual é a que domina a natureza? as leis phisicas descobertas e interpretadas pelas sciencias naturaes. Por consequente: se a poesia proclama o amor livre, será injusta; se canta o despotismo, será injusta; se em vez de encarar a natureza pelo seu lado grandioso, segundo os resultados da sciencia, a en-

carar simplesmente pelo lado bucolico e sentimentalista, a poesia será ainda injusta.

Deduzem-se d'esta theoria dois resultados.

Primeiro: — A arte deve ter um caracter *universal*. Não póde, por conseguinte, dizer-se que um poeta que cante a sociedade seja superior a um poeta que cante a Natureza. Tão revolucionario póde ser um como o outro, porque tão revolucionario é Proudhon que descobriu as leis economicas, como o capitão Maury que descobriu as leis das correntes maritimas. Reduzir a arte á politica, reduzi-la ao amor, reduzi-la á natureza é amputar o infinito.

A chimica, a physica, a historia, a linguistica, a ethnografia, a astronomia, a philosophia, em summa todas as sciencias humanas, são milhares de raios luminosos que se cruzam, interceptando-se n'um unico ponto.

N'este ponto deve estar o poeta.

Segundo resultado: — A arte tem e deve ter um caracter *progressivo*. Se todo o artista superior deve fazer nas suas creações a synthese do seu tempo, segue-se fatalmente que em virtude da lei do progresso, o artista de amanhã deve ser superior ao artista de hoje. Pelo lado da religião, da politica e da sciencia, Dante é inferior a Hugo. Não quer isto dizer que o genio d'um seja maior

que o do outro; quer dizer simplesmente que entre um e outro correram cinco seculos.

Estabelecido isto, o poeta deve ser justo de duas maneiras: affirmando o bem e negando o mal. Existe no universo uma dualidade eterna. Toda a questão tem dois lados, toda a medalha tem duas faces. Não basta fazer a apothese de Christo; é necessario azorregar a face de Judas. Não basta cantar a estrella; é necessario esmagar o verme.

Tudo o que hoje se oppõe á realisação da Justiça póde synthetisar-se em duas grandes figuras, em dois symbolos — D. João e Jehovah.

D. João resume em si tudo o que há de doentio na sociedade moderna: o idealismo, o tédio, as nevroses, a indifferença, a duvida, os paradoxos, a falta de character. D. João anda nos cafés, nos *boulevards*, nos theatros, na litteratura, nas egrejas e nas consciencias. Symbolisa perfeitamente *uma parte* da sociedade moderna, pelo lado exterior dos costumes. E' necessario matal-o; moralmente, já se vê.

Jehovah representa a tyrannia, o direito divino. E' pelo papa contra a Italia, é por Chambord contra a republica franceza, é por Carlos VII contra a republica hespanhola, e é por D. Miguel II contra D. Luiz I. Papista, cham-

bordista, carlista e miguelista. Com o despotismo nega a liberdade; com a transmissão do peccado nega a responsabilidade. Anda nos espiritos: é o dogma. Anda na natureza: é o milagre. Anda nos codigos: é o privilegio.

Depois da negação, a afirmação. Depois de ter destruido o mal, symbolisado n'esses dois vultos grandiosos, é necessario afirmar a justiça encarnada em duas figuras sublimes. Christo e Prometheu. E' a sciencia e a consciencia, a liberdade e a fé, o sentimento e a razão. Quando estes dois termos do espirito humano, ha tantos seculos afastados, se identificarem n'uma harmonia completa, o homem desde esse momento será justo, será bom, será feliz.

A *Morte de D. João* é a primeira parte d'esta trilogia. Eu tirei a D. João todos os encantos poeticos, todas as bellezas romanticas, todos os prestigios legendarios, para o entregar, como qualquer vadio, á policia correccional. Fil-o partir do idealismo, do sentimentalismo, para o conduzir á duvida, ao tedio, á indifferença, ao *espirito*, ao deboche, á falta de character. Procurei synthetisar d'esta maneira as doenças moraes d'uma das partes exteriores da sociedade moderna, doenças que influindo na litteratura a teem levado desde o romantismo de 1830 até á baixeza descarada dos ultimos tempos do segundo imperio. Note-

se: eu não fiz de D. João um idiota; pelo contrario: á medida que vae perdendo a dignidade e o senso moral, vae adquirindo a analyse, a critica, a intelligencia, e é isto mesmo que o torna duplamente responsavel.

Muitos outros poetas teem cantado D. João, mas todos elles sob um ponto de vista contrario ao meu. Poetisam-n'o, engrandecem-n'o, e quando, no fim d'uma vida impunemente devassa, se torna necessario castigal-o, então abrem-se as gargantas do inferno e sorvem o condenado. Para um malandro é épico de mais.

Eu segui um caminho differente. D. João, na sua qualidade de parasita, morre como deve morrer: de fome. Quem não trabalha não tem direito á vida. Appellar para a justiça de Deus, como no quinto acto dos dramas *mo-raes*, é o supremo cynismo, porque é negar a justiça dos homens, mostrando que a sociedade é impotente para castigar os culpados.

INDICE

Prefacio	VII
Introducção	1

PARTE PRIMEIRA

I — Babylonia	47
II — O Orphão	65
III — Imperia	75
IV — Illusões	89
V — Vita Nuova	95
VI — A scena do balcão	111
VII — Cair do azul	127

PARTE SEGUNDA

I — Melancolia	135
II — Romanticismo	143
III — Ao cair das folhas	169
IV — Ruinas	179

PARTE TERCEIRA

I — A noite dos amores	213
II — A guitarra de D. João	231
III — O encontro	259
IV — Os saltimbancos	279
V — Os ultimos momentos	299

Nota	315
----------------	-----

